

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Cecilia Côrtes Carvalho

VIDA EM CONDOMÍNIO:
A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO AMBIENTE DE MORADIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2018

Cecilia Côrtes Carvalho

**VIDA EM CONDOMÍNIO:
A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO AMBIENTE DE MORADIA**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Franco

SÃO PAULO

2018

BANCA EXAMINADORA

Agradeço à CAPES pelo precioso apoio, o que possibilitou uma dedicação exclusiva ao último ano desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que compreenderam minha ausência de casa desde o ensino médio em função dos estudos. Foram muitas as datas em que não estive com eles, Dias dos Pais e das Mães, aniversários, Ano Novo, Natal. Foram 16 anos longe e com visitas curtas, mas foi com o apoio deles que consegui seguir sempre avante a trajetória traçada. Mais uma vez, desculpem minha ausência!

Ao meu pai, Euzébio Moreira, que financiou minha busca por minhas metas profissionais.

Às famílias Côrtes e Moreira, que validaram e demonstraram confiança, respeito e orgulho de mim pelo meu foco profissional.

À Profa. Maria Helena Franco, minha orientadora de doutorado, por ter me direcionado à ciência em Psicologia, com ética, responsabilidade, competência, elegância e capacidade de concisão. Por ter me inserido em atividades profissionais que coordenou extracurricularmente a este curso, para que eu tivesse a oportunidade de aprender com teoria e intervenção a atuação da Psicologia em situações de formação e transformação de vínculos.

À Profa. Rosa Macedo, que me recebeu na PUC-SP e na cidade de São Paulo com cordialidade, delicadeza e interesse por minha vida profissional e pessoal. Assim, foi mais seguro crescer.

A todos os integrantes do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu) pela convivência e pela interação de saberes.

A toda a comunidade PUC — pessoal da segurança, limpeza, biblioteca, secretaria acadêmica, central de bolsas, dos centros de pesquisa, recepção, xerox e cantinas internas — que nos possibilita um ambiente pucquiano agradável; aos alunos que oferecem horas do seu dia, estudando na biblioteca ou no centro de pesquisa da pós-graduação em prol da qualidade das suas pesquisas.

Às Professoras Rosane Mantilla e Marisa Borin, pelas aulas maravilhosas e pela indicação de leituras cujos conteúdos contribuíram muito para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. Gustavo Massola, pelas contribuições em meu exame de qualificação e pelas parcerias de trabalho dentro da Psicologia Ambiental.

À Profa. Marlise Bassani, por desenvolver a Psicologia Ambiental na PUC-SP e pelos cursos sobre conceitos dessa ciência que foram centrais para o desenvolvimento desta tese.

À banca avaliadora, por ter aceitado participar da minha defesa.

Ao Prof. Renato Cymbalista, por ter me apresentado com simpatia e responsabilidade o urbanismo.

A Iara Kayano, que cuidou da minha saúde mental e me apresentou motivos para amar e acreditar na Psicologia Clínica.

A minhas amigas Anna Silvia, Gabi Pessoa, Erika Gomes, Estela Escanhonela, Dária Oliveira e Rosimar Vandyke, que foram minha base segura nestes quatro anos de curso. Eu tive medo, insegurança, precisei de acolhimento, cuidado e carinho e tive isso no vínculo com vocês.

Às amigas das aulas de bike pelos momentos de distração, divertimento, apoio e pedaladas.

A toda a vizinhança com que convivi em Manchester (UK) e que motivou meu interesse por vínculos com o ambiente de moradia, em especial a Ginna e Liam pela hospitalidade em sua casa.

Obrigada, muito obrigada!

Agradecimento especial

À amiga Daniela Faustino e ao porteiro do condomínio pesquisado, que mediaram meu contato com esse local e viabilizaram a realização empírica desta pesquisa.

A todas as participantes desta pesquisa, pela confiança e pelo acolhimento em suas moradias.

Dedicatória

A todos os lugares em que morei, em especial a Claro de Minas.

CARVALHO, Cecilia Côrtes. **Vida em condomínio:** a construção de vínculos no ambiente de moradia. 2018. 135p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

Este estudo buscou compreender o significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia. É uma pesquisa qualitativa de casos múltiplos, que utilizou a teoria do apego e a perspectiva sistêmica como embasamentos teóricos. A pesquisa ocorreu num condomínio na periferia da cidade de São Paulo, com aproximadamente seis anos de construído, com sete torres de cinco andares cada uma, tendo um total de 270 apartamentos. Contou com cinco participantes, cujas narrativas foram submetidas a análise temática. Os significados dos temas relataram a qualidade da inter-relação morador-moradia. Os resultados evidenciaram que o lugar da moradia, na configuração de condomínio vertical fechado, representa um ambiente seguro, uma vez que o equipamento físico e social de segurança deste promove a sensação de protetividade diante de temores direcionados às ruas, à cidade — enfim, ao que está além do entre muros e que foge do controle do sistema de vigilância e segurança vinte quatro horas. Um vínculo de lugar seguro se apresentou como fator de proteção à saúde mental e tutor de resiliência. A moradia, assim como a família, pode ser a referência social — além de geográfica — de alguém e ainda ancorar o processo contínuo de construção da subjetividade. Este estudo trouxe vínculos invisíveis para o mapa da Psicologia: onde se pensava não haver vínculo, na moradia em condomínio fechado, há vínculos que se estruturam e funcionam conforme o grau de intimidade e a sensação de segurança proporcionada pelo convívio dos moradores.

Palavras-Chave: Condomínio fechado; Moradia; Comunidade; Teoria do Apego; Apego ao Lugar.

ABSTRACT

This study seeks to understand the meaning attributed to the ties of residents of a gated community with their living environment. It is a qualitative research of multiple cases, that used the theory of attachment and the systemic perspective as a theoretical basis. The survey was conducted in a gated community on the outskirts of the city of São Paulo, with approximately six years of construction, seven towers of five floors each, and a total of 270 apartments. There were five participants, whose narratives were submitted to thematic analysis. The meaning of the themes reported the quality of the resident-housing interrelationship. The results showed that the place of housing, in the configuration of gated vertical community, represents a safe environment, since its physical and social security equipment promotes the feeling of protection in the face of fears imparted by the streets, the city — all that is beyond the walls and that escapes the control of the 24-hours surveillance and security system. A secure place bond appears as a protective factor for mental health and a resilience tutor. Housing, like family, can be the social, as well as the geographical reference for someone and still anchor the continuous process of construction of subjectivity. This study brought invisible links to the Psychology map: where apparently there was no bonds — housing in a gated community —, there are structured bonds that function in accordance with the degree of intimacy and sense of security provided by the interaction of the residents.

Keywords: Gated Community; Housing; Community; Theory of Attachment; Place Attachment.

RÉSUMÉ

Cette étude cherche à comprendre le sens attribué aux liens des résidents d'une communauté verticale fermée avec leur environnement de vie. C'est une recherche qualitative de cas multiples, qui a utilisé la théorie de l'attachement et la perspective systémique comme bases théoriques. L'enquête a été menée dans une communauté fermée à la périphérie de la ville de São Paulo, avec environ six ans de construction, sept tours de cinq étages chacun, et un total de 270 appartements. Il y avait cinq participants, dont les récits ont été soumis à une analyse thématique. La signification des thèmes a rapporté la qualité de l'interrelation entre le résident et le logement. Les résultats ont montré que la place du logement, dans la configuration de communauté verticale fermée, représente un environnement sûr, puisque son équipement physique et de sécurité sociale favorise le sentiment de protection face aux peurs transmises par les rues et la ville — tout ce qui est au-delà des murs et qui échappe au contrôle du système de surveillance et de sécurité de 24 heures. Un lien de lieu sécurisé apparaît comme un facteur de protection pour la santé mentale et un tuteur de résilience. Le logement, comme la famille, peut être la référence sociale et géographique de quelqu'un et ancrer le processus continu de construction de la subjectivité. Cette étude a apporté des liens invisibles à la carte de psychologie: là où apparemment il n'y avait pas de liens — logement dans une communauté fermée —, il y a des liens structurés qui fonctionnent selon le degré d'intimité et de sécurité fournis par l'interaction des résidents.

Mots-clés: Communauté fermée; Logement; Communauté; Théorie de l'attachement; Attachement à l'endroit.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Homicídios Segundo Local na Cidade de São Paulo, Janeiro-Julho de 2017 (em porcentagem)	43
Quadro 2. Características Gerais dos Moradores Entrevistados.....	53
Quadro 3. Temas e subtemas de análise.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Objetivo geral.....	22
Objetivos específicos:.....	22
CAPÍTULO 1. A TEORIA DO APEGO NA LIGAÇÃO HUMANA COM O LUGAR	23
1.1 Rompimento de vínculos com os lugares	28
CAPÍTULO 2. A CONSTRUÇÃO DE BASE SEGURA POR MEIO DO SIGNIFICADO DO LUGAR.....	31
2.1 A cidade e o condomínio.....	34
2.2 Casa, moradia e lar.....	37
CAPÍTULO 3. SAÚDE MENTAL NA CIDADE.....	39
3.1 Violência e segurança.....	40
CAPÍTULO 4. A COMUNIDADE COMO REDE SOCIAL QUE FORTALECE A RESILIÊNCIA	46
4.1 A comunidade e as interações social e psicológica de seus membros	48
CAPÍTULO 5. MÉTODO.....	50
5.1 Local da pesquisa	51
5.2 Participantes.....	52
5.3 Procedimentos	53
5.4 Instrumentos	54
5.5 Considerações éticas.....	55
CAPÍTULO 6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56
6.1 Análise das narrativas	62
6.2.1 A família.....	67
6.2.2 Antes de morar no condomínio	72
6.2.3 Decisão de compra e mudança para a moradia.....	75
6.2.4 Identificação com o ambiente de moradia	78
6.2.5 Redes de apoio	82
6.2.6 Sentir-se em casa	86
6.2.7 Vínculos com o entorno da casa e com o entorno do condomínio	88
6.2.8 Sentido de segurança construído para fora do condomínio.....	93
6.2.9 O sentido de segurança construído para dentro do condomínio	96
6.2.10 Lazer e entretenimento no condomínio	99

6.2.11 Crenças e valores.....	101
6.2.12 O significado de ser morador de condomínio fechado	104
6.2.13 Vínculos com a cidade.....	107
6.2.14 Mudanças ocorridas com o morador no tempo de condomínio	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICES	132
APÊNDICE 1. ROTEIRO DA ENTREVISTA	132
APÊNDICE 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	135
Consentimento Pós-Informado.....	137

INTRODUÇÃO

A história pós-moderna foi marcada pelo progresso dos meios de transporte e de comunicação, sobretudo pelo avanço da tecnologia digital, o que permitiu a proximidade entre povos, facilitou a negociação de diferentes interesses políticos, financeiros, inclusive científicos, ampliou a conectividade sociocultural de valores, crenças, atitudes e estilos de vida. Pela convivência entre diversidades, a realidade, em âmbito concreto e subjetivo, passou a ser reavaliada e reconstruída diariamente. O tempo presente foi supervalorizado; a ideia do amanhã se tornou justificativa para conflitos existenciais, devido as angústias e aos anseios evocados pela imprevisibilidade e sensação de insegurança, o que transformou os componentes biopsicossocial e espiritual dos vínculos.

A contemporaneidade vista como um período pós-humano retrata a ideia de que a realidade se baseia em algo continuamente construído por meio de verdades singulares. É pela singularidade dos significados das experiências que cada pessoa se torna eticamente e moralmente responsável por sua verdade (FRANCO, 2009). Seriam mais ensaios de verdades do que puramente verdades, presentes em narrativas socioculturalmente construídas e comunicadas como uma gramática maleável ao tempo e espaço. Assim, a realidade é explicada por hipóteses, e as certezas se diluem no avanço de um tempo efêmero e suscetível ao caos.

Nesse tempo, fenômenos diferentes acontecem ao mesmo tempo, a desafiar a observação do cientista para que este apreenda da maneira mais complexa possível o mundo em que se integra. Capturar integralmente os significados que existem por trás de uma situação não é alvo da preocupação da ciência, mas, sim, ter acesso ao maior número de fatores, considerando as várias possibilidades na compreensão de algum fenômeno da vida. Essa ideia se legitima pelo fato de que todo fenômeno tem mais de uma explicação, e se esta é dada, é porque se trata da resposta mais viável, pensada mais coerentemente e flexível, ao viabilizar discussões e transformações sobre seus sentidos.

Pensando nos múltiplos significados que um mesmo fenômeno pode ter, assim se consideram os vínculos, formados, rompidos ou transformados. Estes apresentam componentes biopsicossociais e espirituais e podem ser compreendidos pela perspectiva de construção de significado, uma possibilidade da análise qualitativa

(FRANCO, 2002, 2016). Com as transformações dos processos relacionais, principalmente na maneira como a afetividade foi se constituindo e manifestada nas relações humanas, questões como amor e raiva, confiança e insegurança, apego e afastamento influenciaram a maneira como o indivíduo se apodera do espaço físico e o significa, seja como moradia, trabalho, lazer e entretenimento, educação, saúde, religião, estudos dentre outros ambientes.

A apropriação do ambiente ao longo da história da territorialização humana descreve processos relacionais situados em contextos socioespaciais, inclusive psicológicos. Mostra ainda que a diversidade pode ocupar ambientes comuns e produzir entre aqueles que a integram, a convivência com mínimos conflitos. Há um movimento societário em que concomitantemente pessoas se aproximam e se afastam, esse produz uma ideia de transformação dos laços afetivos, alguns destes permanecem, porém com outra roupagem ao adquirir outras funções para aqueles que os integraram.

Os conceitos de espaço e lugar foram refletidos por Tuan (1983), que afirmou que ambos não podem ser definidos um sem o outro. Para esse autor, um espaço se torna um lugar quando a este são concedidos significados. Assim, lugar é caracterizado como um conjunto com história e significado, um local estruturado e constituído a partir das experiências de mundo do indivíduo e da identidade.

As relações das pessoas com os lugares podem ser duradouras ou breves, sendo a qualidade de cada ligação, o determinador da resposta de ruptura a esse vínculo. Há pessoas se mudando para iniciar uma moradia em determinado local, ao passo que outras partem definitivamente do mesmo. Há convivências íntimas, outras restritas; alguns buscam construir redes sociais ao passo que outros se desinteressam pela coletividade. Há deslocamento territorial por motivo de trabalho, estudo, saúde, relacionamento amoroso, guerra ou viagem de lazer. O ser humano, ao mesmo tempo em que transforma o ambiente que habita, transforma a si mesmo por meio de um processo criativo, revigorador e recursivo de conectividade ao mundo.

A competência humana, para se ajustar ao adverso, ofensivo e temerário, se mostra como estratégia adaptativa convidativa ao processo de resiliência (um conceito desenvolvido no Capítulo 4). Algumas situações podem exigir mais do potencial de adaptabilidade que outras, portanto mais resiliência da pessoa. Esta capacidade de reavaliação e transformação possibilita, diante de inúmeras visões de mundo, o compartilhamento de um ambiente por uma diversidade sociocultural cada vez maior.

Com pretensões de supervivência às violências atuais e um projeto de vida promissor, as pessoas correm atrás da certeza de uma segurança para si e para seus entes queridos; buscam ter base segura nas vinculações. Acreditam realizar o encontro entre liberdade e segurança, porém essa proposta pode permanecer como uma infundada profecia do mercado imobiliário. Esse assunto foi retratado em Bauman (1998), uma reflexão sobre o pensamento de Freud em "O mal-estar na civilização", de 1930, obra em que o autor elaborou considerações sobre as ansiedades contemporâneas e sobre um mundo vivido como incerto, incontrolável, assustador — enfim, refém da insegurança.

Por algum tempo na vida urbana, o condomínio foi um assunto majoritariamente discutido pela arquitetura e pelo urbanismo, como visto nas pesquisas de Lopes (2009) e Moreira (2012). Contudo, tal fenômeno foi alcançando uma discussão multidisciplinar, que tornou o cuidado socioespacial um tema oportuno às discussões da Psicologia Clínica e que se cumpre presente neste estudo.

Para Lopes (2009), apesar do aspecto edificado do condomínio, este não se destitui dos signos que estão de posse dos seus habitantes e que descrevem a personalidade e a identidade social deles. Com isto, esse ambiente pode revelar o que há de mais subjetivo no morador. Refletindo os argumentos desse autor, na relação entre o morador e a morada, um determina o outro, há muito daquele nesta e muito desta naquele. Assim, em situações de mudança do local, o rompimento do laço com o lugar ocasiona luto, uma resposta para a experiência de perda a qual é vivenciada tanto por quem parte como por quem permanece.

Para análise e discussão das vinculações formadas na moradia, elucidada pelo condomínio vertical fechado, esta tese se apoia teoricamente em Bowlby (1982, 1989) com sua teoria do apego, sobretudo com o conceito de base segura. Este foi desenvolvido por esse teórico e é central em suas pesquisas. Base segura é oferecida pela figura que garante a possibilidade de uma criança ou um adolescente explorar o mundo e a ele retornar certo de que será bem-vindo, nutrido físico e emocionalmente; confortado, se houver sofrimento e encorajado, se estiver amedrontado.

A presença de uma base segura na vida da pessoa permite-lhe construir significados positivos para as vivências; facilita crescimento e desenvolvimento, ao permitir que explore com sabedoria o mundo ao seu entorno. Com isso, são satisfeitas as principais necessidades vitais e afetivas, inclusive aquelas referentes a estadia e permanência no ambiente. Ora fornece uma base segura a partir da qual algum

companheiro pode atuar, ora sente satisfação em confiar em um ou outro, que em reciprocidade, proporciona a pessoa essa base.

A função do comportamento de apego é a proteção. A autoconfiança bem fundamentada é produto de um crescimento lento e não reprimido, da infância à maturidade. Por meio da interação com outros, incentivadores e confiáveis, a pessoa aprende a combinar confiança nos outros com confiança em si (BOWLBY, 1989). Uma vivencia saudável implica confiar nos outros quando a ocasião requer e saber em quem é necessário e possível confiar (PARKES, 2009). A presença de confiança, solidariedade e respeito permite a solidificação das relações; consolida-se a ideia de um espaço compartilhado funcional aos seus habitantes, mesmo sem intimidade e intercâmbios recorrentes entre esses.

A comunidade é o espaço de mediação entre as pessoas, possibilita a concorrência entre a vida pública e a vida privada e a coexistência entre o familiar e o desconhecido ao sujeito. É um espaço de reconhecimento, de confirmação da identidade pessoal e social dos participantes; é para aonde se direciona o sentimento de pertencimento e onde acontece a convivência efetiva e a oportunidade de socialização. Góis (2005) defende que a comunidade não é um lugar homogêneo, sem conflitos, pois nela estão presentes contradições que promovem, por meio do diálogo, a transformação dos moradores e do ambiente por esses partilhado.

A comunidade pode ser pensada como um sistema complexo, dinâmico formado por subsistemas interconectados e retroalimentares, com potencial socializável evidenciado pela comunicabilidade de seus integrantes. Pensando no condomínio e as relações de vizinhança, observa-se que por esta organização social, o morador pode firmar com outros, laços sociais de correspondência, de união e solidariedade ou convencionais e de distanciamento.

As inter-relações pessoa-ambiente, na perspectiva da recursividade, são temas majoritariamente de pesquisas da Psicologia Ambiental. Essa ciência comprehende que tanto as pessoas modificam os ambientes como os ambientes interferem no comportamento dessas (MOSER, 1998; BASSANI, 2004; 2009; 2011). Essas inter-relações são compreendidas numa dimensão espaço-tempo e contexto, que se conecta às crenças e aos valores socioculturais, religiosos e espirituais (BASSANI, 2011), somando-se às características geofísicas do local.

À vista do exposto, esta pesquisa em Psicologia Clínica, baseada na perspectiva sistêmica e na teoria do apego, apropriou-se de conhecimentos da

Psicologia Ambiental, para compreender o significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio fechado com seu ambiente de moradia. Esta intentou uma aproximação entre as ideias da psicologia, da arquitetura e do urbanismo, da geografia humana, das ciências sociais e da biologia.

A relevância de estudar esse tema ocorre porque, na atualidade, a segurança tem se tornado um assunto de intensa visibilidade pública devido ao aumento das taxas de criminalidade, da sensação de insegurança, degradação do espaço público, reforma da justiça criminal, violência policial, ineficiência preventiva das instituições, superpopulação nos presídios, rebeliões, fugas, degradação das condições de internação de jovens em conflito com a lei, corrupção, elevação dos custos operacionais do sistema, ineficácia da investigação criminal e da morosidade judicial (SOUZA, 2009). Somem-se a isso os altos registros de tráfico de drogas, de armas e de pessoas, desemprego, acidentes de trânsito, homofobia, relações abusivas, fim do direito a aposentadoria, aquecimento global, crise hídrica e a recessão de investimentos em pesquisas científicas. Há também as desenfreadas revoluções digitais, da biotecnológica e da genética, movimentos esses que levantaram uma série de discussões sobre ética e valores humanos. Nota-se, um tempo do mundo, com destaque a sociedade brasileira, que carece de base segura para enfrentar, de maneira que haja danos mínimos, os colapsos de alguns sistemas, o econômico, escolar e educacional, ambiental, político, de saúde e de segurança pública, cujo produto tem sido a ideia de um futuro cada vez mais imprevisível.

Os riscos para o indivíduo são intensificados quando este decide ficar só. As pessoas têm seguido de maneira acelerada e narcísica o projeto de vida, com envolvimentos afetivos breves e compromissos familiares e sociais desamarrados. Trata-se de um tempo reflexivo, imediato e exibicionista, que, apesar dos intercâmbios socioculturais, sustenta um muro psicológico, que exila contextos vistos como estranhos, suspeitos e intimidador, uma barreira formada por valores, crenças, sentimentos e atitudes, as quais restringem as vinculações.

Os perigos urbanos expressos por ações violentas e criminosas se apresentam como fatores de risco à construção de base segura nas relações sociais de moradia, afetam a conectividade da pessoa com a sociedade, a família e até sua autopercepção. Há dois tipos de vitimados, os que sofreram a violência e os que temem sofrê-la. Percebe-se que aqueles que não sofreram violência direta se sensibilizam com aqueles que a vivenciaram; emocionalmente contagiados e numa

relação de alteridade; conscientizam-se tão intensamente do sofrimento do outro a ponto de se perceberem vítimas também.

Esta tese tem por compreensão de violência o exposto no documento "Relatório mundial sobre violência e saúde pública" da Organização das Nações Unidas de 2002. Nesse, violência foi definida como a utilização intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade. Ocasiona possibilidades de lesão, morte, prejuízos psicológicos, deficiência de desenvolvimento ou privação. Trata-se de um fenômeno sempre presente na história da humanidade, contudo não deve ser aceito como um aspecto inevitável da condição humana (KRUG et al., 2002).

A violência urbana é discutida pelas Ciências Humanas e da Saúde como um fenômeno de dimensão biopsicossocial e espiritual. Atinge o setor econômico, a segurança pública, a seguridade social e a saúde devido intensos gastos públicos em recuperação, tratamento e prevenção (primária, secundária e terciária) das pessoas acometidas. As políticas públicas de saúde fizeram considerável esforço para combate à violência com a publicação de "Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência" em 2009. Mesmo assim, não conseguiram solucionar o fenômeno da violência em sua complexidade sociocultural.

Esse fenômeno social tem causado transtornos mentais, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), quadros fóbicos e ansiosos. A pesquisa de Ximenes et al. (2013) sobre violência comunitária e TEPT com crianças e adolescentes verificou que, quanto mais jovem e exposta à violência comunitária for a pessoa, tanto maiores as chances de surgimento de sintomas de TEPT. Estas autoras enfatizaram que situações de violência vivenciadas em fases iniciais da vida levam, além da manifestação desse transtorno, ao agravamento de seus sintomas.

O custo da violência para o mundo é elevado (KRUG et al., 2002). Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, em 2015 houve 59.080 homicídios no Brasil e em 2017, apenas em três semanas, foram assassinadas no Brasil mais pessoas do que o total de mortos em cinco ataques terroristas no mundo (CERQUEIRA et al., 2017).

O Ministério da Saúde tem concentrado seus esforços em atender aos efeitos da violência: a reparação dos traumas e lesões físicas nos serviços de emergências, na atenção especializada, nos processos de reabilitação, nos aspectos médico-legais e nos registros de informações (BRASIL, 2009). Outros sintomas do impacto da

violência são depressão, agressividade, isolamento social, aumento no consumo de álcool e outras drogas e baixa autoestima.

O trauma constitui também problemas sociais, cuja mortalidade chega a tirar 30 a 40 anos de uma vida altamente produtiva, já que incide principalmente em indivíduos jovens. Houve uma forte ligação entre mortalidade do paciente e traumas múltiplos; no entanto, com o aperfeiçoamento do cuidado, os óbitos diminuíram, mas marcas psicológicas desta experiência podem acometer o bem-estar e a qualidade de vida da pessoa (BRASIL, 2013).

Na contemporaneidade, a ideia de liberdade é limitada pela necessidade de segurança. Medo, desamparo e angústia por viver entre elevados muros, num local com denso equipamento de vigilância e segurança, são emoções que quando vivenciadas em excesso podem desestabilizar as inter-relações dos moradores.

Hábitos e estilos de vida que envolvam contato entre pessoas e destas com a cidade se apresentam estremecidos pelos riscos inscritos nos ambientes públicos, como assaltos, furtos, "arrastões", sequestros, homicídios e insegurança viária, a qual provoca atropelamentos, colisões de veículos, quedas nas calçadas. Áreas, como praças, parques, calçadões e jardins urbanos construídas para uso cívico são abandonados ou utilizados de maneira negligenciada. Todavia as falhas no sistema de vigilância e segurança são obstáculos para a introdução destes ao uso habitual das pessoas e a perda da possibilidade de contato com plurilinguagens socioculturais.

Ao compreender o motivo do deslocamento de moradia, os ônus e os benefícios tidos na vida daqueles que deixaram um local para morarem em condomínios são questões que podem evidenciar um dos funcionamentos deste para o habitante, inclusive ao operar como sistema de apoio e segurança aos seus projetos individuais. A morada ao ser base segura para o residente permite a este autodeterminação, prosperidade e tranquilidade.

A sociedade contemporânea, por mais que busque independência e flexibilidade em suas vinculações, prioriza base segura nos relacionamentos familiares e sociais, até porque a independência social não diminui a necessidade da pessoa por afeto e cuidado. Estabilidade nos âmbitos psicossociais e espirituais da vida se evidencia como desejo comum de algumas pessoas, mesmo com diferenças socioculturais existentes entre elas.

A presença de base segura seja em qualquer tipo de vinculação que envolva o ser humano pode ser fator de proteção à alguma experiência de violência

traumaticamente vivenciada devido promover apoio e resiliência no vitimado. No caso da moradia, unidade de análise deste estudo, um ambiente acolhedor, com interação justa e responsável, pode atuar na saúde de seu residente, tanto no sentido de recuperar, tratar e prevenir doenças psíquicas e orgânicas, o que atribui à morada um potencial restaurador na saúde mental de seu residente.

A teoria do apego, quando aplicada à relação da pessoa com o lugar, possibilita analisar contextos onde a violência urbana escapa das propostas de segurança pública e privada. A configuração do ambiente de moradia pode ter como provocador a violência urbana, o espaço como resposta de defesa às ameaças. E quanto mais a função profilática do local, mas este é atrativo a população, sendo produto de comércio de construtoras e imobiliárias. Afinal, um lugar que promova a sensação de segurança ao morador pode estimular nele a autonomia, autoafirmação e ao desenvolvimento de resiliência.

Este trabalho foi estruturado da maneira exposta a seguir.

No Capítulo 1 ("A teoria do apego na ligação humana com o lugar"), são apresentados e analisados os conceitos de apego humano e apego ao lugar, que, apesar de distintos, se comunicam e possibilitam a compreensão biopsicossocial e espiritual da conectividade entre pessoa e ambiente, inclusive moradia.

No Capítulo 2 ("A construção de base segura por meio do significado do lugar"), busca-se uma discussão dos aspectos sociais e psicológicos do condomínio fechado para o seu morador e como isso ancora a noção de moradia como base segura. Foram abordados os assuntos medo, segurança e insegurança, espaços públicos e privados na cidade, segregação espacial, relações com a casa e com a vizinhança.

No Capítulo 3 ("Saúde mental na cidade"), discute-se como a violência urbana afeta o bem-estar biopsicossocial e espiritual da pessoa e desestrutura as relações desta com a moradia e com a cidade em geral. Procura-se esclarecer como a saúde mental, pensada como característica de um lugar, é produto de vínculos seguros, de empatia e do cuidado socioambiental na inter-relação pessoa e contexto urbano.

No Capítulo 4 ("A comunidade como rede social que fortalece a resiliência"), debate-se o conceito de resiliência no contexto urbano, associado aos conceitos de senso de comunidade, rede social de apoio e base segura, com foco na moradia em condomínio fechado.

No Capítulo 5 ("Método"), são descritos os passos metodológicos em que a pesquisa foi construída. Justifica-se a escolha dos participantes, são descritos os procedimentos do estudo e identificados os instrumentos necessários para obtenção e análise dos resultados.

No Capítulo 6 ("Análise e discussão dos resultados"), são apresentados e analisados os principais temas que descreveram o significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia. As narrativas das participantes são submetidas à análise temática de Ezzy (2002).

Objetivo geral

- Esta pesquisa tem por objetivo compreender o significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia.

Objetivos específicos:

- Conhecer como esses significados se relacionam ao conceito de apego humano e de apego ao lugar.
- Identificar os fatores de risco e de proteção para construção de uma base segura no processo relacional entre membros de uma comunidade condômina.
- Compreender como o lugar de moradia, na sua função de base segura, fortalece a resiliência de seu morador.

CAPÍTULO 1. A TEORIA DO APEGO NA LIGAÇÃO HUMANA COM O LUGAR

O comportamento de apego é ativo durante toda a vida, tendo uma função biológica vital para os seres vivos. Desenvolve-se e organiza-se a partir das experiências do indivíduo com suas figuras de apego nos anos iniciais, estendendo-se pela primeira e segunda infâncias e pela adolescência. A figura de confiança fornece a base segura necessária em cada fase do ciclo vital, necessidade esta que difere conforme o gênero, o contexto sociocultural, as condições orgânicas, psicológicas e espirituais (BOWLBY, 1982, 1984a, 1984b, 1985).

O pensamento de Bowlby (1982, 1984, 1989) que valorizou a organização social para proteção diante dos predadores, foi reforçado por Minuchin (1990), ao destacar que o ser humano sobrevive em grupos, donde o agrupamento é inerente à condição humana. A presença de uma figura de ligação para uma criança nas primeiras fases da infância é fundamental, tanto para que receba os cuidados necessários à continuidade da vida, como para o desenvolvimento psicossocial. Desta maneira, vínculos entre pessoas são esperados e necessários para sua existência.

Bowlby (1984a) validou a versatilidade e a capacidade de inovação que possui o ser humano, características estas condizentes na relação deste com o ambiente e com as quais constrói, em termos concretos, simbólicos ou imaginativos, uma relação de segurança e satisfação. Firma-se, então, uma conectividade entre sujeito e espaço preenchida por signos e significados, que traduzem a funcionalidade dessa ligação.

A aplicabilidade do apego no processo de vinculação humana pode traduzir a real utilidade de aproximação ou distanciamento daqueles envolvidos. Parkes (2009) enfatiza: em algumas circunstâncias, a confiança em si e nos outros pode ser inapropriada; situações estressantes na infância, às vezes, possibilitam que a criança esteja mais bem preparada para futuras circunstâncias complicadas; apegos inseguros, por vezes, podem se converter em maneiras úteis de lidar com o mundo imperfeito e com as imprevisibilidades da vida adulta. Segundo o autor, à medida que os filhos chegam à maturidade, seus crescentes conhecimento, autoconfiança e confiança nos outros permitem-lhes alcançar razoável grau de autonomia.

Mesmo que os pesquisadores não tenham se fundamentado no conceito de apego humano para pensar o de apego ao lugar, nota-se considerável aproximação entre estes, visto que os indivíduos que participam de um processo de vinculação

(aquele que se vincula e a quem é vinculado) estão inseridos em um contexto sociocultural e geográfico, a heranças transgeracionais, e apresentam condições orgânicas com as quais interagem; a partir deste processo comunicacional, têm por constituídas suas idiossincrasias — constituem suas idiossincrasias. Quem se liga a um lugar é uma pessoa que, ao longo de suas vivências, apresenta a capacidade de se vincular a algo externo a ela: outro ser humano, um animal, uma profissão, um local, ambientes privados ou públicos, individuais ou coletivos, com dimensão social intrafamiliar ou extrafamiliar, concretos, simbólicos ou imaginados.

O apego ao lugar é desenvolvido por meio dos significados atribuídos por alguém a algum espaço que, em função do conteúdo emocional e simbólico dado, se torna um lugar (HIDALGO E HÉRNANDEZ, 2001; GIULIANI, 2004). Retratar este conceito pelo aspecto afetivo é descrevê-lo em termos de investimento emocional e num sentido geral de bem-estar; é tão intenso e duradouro quanto o apego humano. Portanto, este conceito se refere à vinculação entre o indivíduo e seus ambientes significativos (GIFFORD; SCANNELL, 2010; LEWICKA, 2010).

Os fenômenos mais conhecidos que envolvem o apego ao lugar são: globalização; mobilidade estudantil e laboral; migração; relocações ou reconstruções de moradias por desastres e guerras. O conceito é utilizado também para discutir, planejar e encorajar o uso de espaços públicos abandonados pela população, além de explorar a integração de territórios do mundo que causam danos à identidade única destes locais (CHOW; HEALEY, 2008; FLEURY-BAHI; FÉLONNEAU; MARCHAND, 2008).

O apego ao lugar é fenômeno marcado pela presença de afetos, são sentidos de diversas maneiras pelas pessoas sobre os locais em que nasceram, viveram, constituíram identidade pessoal e social, formaram famílias ou constituíram suas carreiras. Espaços onde são inscritas interações e afetos (GIULIANI, 2004). Um constructo que pode ser compreendido pela perspectiva da construção de significados ao considerar que a pessoa se vincula não ao local, mas ao significado que constrói para a relação com esse. Quanto mais seguro for o vínculo da pessoa com algum lugar, tanto maior a capacidade de desenvolvimento de resiliência, autoconfiança e autopromoção.

O conceito de apego ao lugar é complexo e multidimensional (CHOW; HEALEY, 2008; GIFFORD; SCANNELL, 2010; RAYMOND; BROWN; WEBER, 2010), dinâmico, elástico e percebido de maneira sistêmica. Ao mesmo tempo em que pode

ser entendido como duradouro, também pode ser transitório (MORGAN, 2010). Por mais que vínculos com ambientes ou com pessoas proporcionem maior estabilidade ao funcionamento biopsicossocial, nem sempre são positivos ou motivadores.

As experiências de lugar vivenciadas pela pessoa na infância desempenham importante papel em fases posteriores da vida, inclusive na constituição da identidade adulta. Na criança, o vínculo de lugar é formado pela funcionalidade deste de oferecer-lhe estímulo e suporte em seu desenvolvimento, para que alcance supremacia e autodirecionamento (MORGAN, 2010).

Muitos são os motivos pelos quais uma pessoa se vincula a um lugar. O conhecimento sobre a relação da pessoa com o ambiente transita por três dimensões retroalimentáveis: saber quem é a pessoa vinculada e se os significados construídos para o apego estão sob os domínios individuais ou coletivos; saber dos processos psicológicos existentes no apego, qual o componente afetivo, cognitivo e comportamental existente no vínculo; saber sobre o objeto de apego, o lugar, incluindo as características físicas e as experiências sociais envolvidas na experiência da pessoa com os entornos (GIFFORD; SCANNELL, 2010).

Numa perspectiva ambiental, Lewicka (2010) destacou que os componentes físicos do ambiente envolvidos na construção do vínculo do indivíduo com lugar estão relacionados à harmonia e à agradabilidade estética, à ordem, à civilidade, ao tamanho da construção, às características arquitetônicas da cidade onde está o local, ao tipo de comunidade, fechada ou não fechada, se é tradicional ou se é alguma nova configuração de habitação urbana.

Há uma forte relação entre apego ao lugar e intenções pró-ambientais (HALPENNY, 2007). Neste sentido, o apego pode potencializar comportamentos e atitudes voltados a proteger o ambiente. Pessoas mais vinculadas a determinados lugares podem salvaguardá-los de sobressaltos e situações adversas, o que relembra o dito popular "Quem ama cuida!", já que o apego é, primordialmente, baseado no afeto.

Os vínculos de lugar têm muitas funções, sendo as mais comuns as de sobrevivência, segurança, suporte para realização de metas e de incentivo a exploração de novos ambientes (RAYMOND; BROWN; WEBER, 2010). O termo "função de lugar" representa as motivações e necessidades básicas ou os princípios norteadores do comportamento humano de autorregulação; refere-se ao ambiente de

motivação, que satisfaz necessidades e guia o comportamento do ser humano (GIFFORD; SCANNELL, 2010).

Indivíduos são frequentemente vinculados a ambientes onde sentem sua personalidade valorizada e sua identidade representada. Esta representação lhes possibilita perceber maior conectividade entre si e o ambiente, a partir do encontro entre valores e crenças, desejos e medos. Uma concordância que não exclui as divergências entre os indivíduos envolvidos ao espaço. Uma fixação livre cujo significado envolve a compreensão dos conceitos de identidade de lugar, personificação do lugar e apropriação de espaço.

A identidade de lugar (*place identity*) se caracteriza como lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que se integram às vivências nos lugares e com o seu próprio eu, o reconhecer-se no espaço (PROSHANSKY, 1976). A expressão "personificação do lugar" se remete às marcas deixadas pelo sujeito no ambiente. E "apropriação de espaço" refere-se a um processo que se organiza tanto de maneira comportamental como simbólica; um modelo circular resultante do modelo dual de ação/transformação do espaço (aspecto comportamental) com sua identidade simbólica (aspectos cognitivos, afetivos e interativos) (POL, 1996, 2002). Proshansky (1976) considerou a integração do mundo interno e do ambiente do sujeito por meio do processo de apropriação do espaço. Neste sentido, a moradia é um espaço para onde se podem direcionar sentimentos, emoções, crenças, valores e atitudes de seu morador; portanto, pode ser local de identificação, personificação e apropriação.

A conectividade da pessoa com sua morada, guiada pela sensação de segurança, produz sentimento de pertencimento. Segundo Tuan (1983/ 1977), o sentimento de pertencimento ao lugar é denominado de "topofilia", a qual se adquire de variadas formas. Pode aparecer na descrição de um prazer visual efêmero, no deleite sensual do contato físico, no apego pelo lugar, lar e representação do passado, na evocação do orgulho pela posse ou criação.

Das várias noções da Psicologia Ambiental que falam da relação da pessoa com o lugar, algumas são muito apropriadas para ratificar a implicação do apego ao lugar destinado à moradia.

- a) Significado de lugar: inclui laços passados, sentimentos interiorizados e um desejo de manter-se no lugar (GIFFORD; SCANNELL, 2010).
- b) Identidade de lugar: refere-se à maneira como os lugares fazem parte da própria identidade da pessoa (CHOW; HEALEY, 2008).

- c) Dependência de lugar: diz respeito ao direcionamento e ao funcionamento de metas no ambiente; mostra o grau em que esse local tem condições para manter a pretensão de sua utilização por parte do seu morador, satisfazendo ou não, as necessidades e expectativas desse (FLEURY-BAHI; FÉLONNEAU; MARCHAND, 2008).
- d) Satisfação com o lugar: refere-se a como o ambiente estimula a criatividade nas pessoas e promove oportunidades para que desenvolvam seus papéis e funções (FLEURY-BAHI; FÉLONNEAU; MARCHAND, 2008).
- e) Tempo de residência: ao longo do tempo, tornam-se mais bem estruturadas e desenvolvidas questões, como as representações, as atitudes, os sistemas de valores e os comportamentos, que se conectam às vinculações do indivíduo com determinados ambientes (FLEURY-BAHI; FÉLONNEAU; MARCHAND, 2008).
- f) Territorialidade: baseia-se na propriedade, no controle do espaço e da regularização de autoacesso. Comportamentos territoriais incluem a marcação, a personalização, a agressão e a defesa territorial (GIFFORD; SCANNELL, 2010).
- g) Pertencimento: refere-se à filiação a um grupo de pessoas, bem como um acoplamento emocional fundamentado por histórias, interesses ou preocupações compartilhadas (RAYMOND; BROWN; WEBER, 2010; CHOW; HEALEY, 2008).
- h) Enraizamento: diz respeito a um intenso vínculo com a moradia (CHOW; HEALEY, 2008).
- i) Familiaridade: caracteriza-se por memórias prazerosas, imagens ambientais associadas ao lugar, ao apego à vizinhança, reconhecimento e confiança nesta (CHOW; HEALEY, 2008).
- j) Sentido da casa: transcende as características materiais do espaço doméstico; é o meio onde as pessoas produzem significados geográfica e socialmente situados, imbuídos de sentimentos profundos, emoções e expectativas (CHOW; HEALEY, 2008).

A residência ganhou foco nas pesquisas sobre a ligação afetiva das pessoas com os lugares. Essa pode representar o lugar do apego de seu habitante. Estudos com cidades como objeto de apego são tópicos menos frequentes em investigação do que as vizinhanças ou mesmo as casas (LEWICKA, 2010; 2011). Espaços como o

quarto, a sala de jantar, o quintal, o jardim; o prédio; o condomínio; o bairro, enfim, micros ou macros sistemas, que em sua magnitude podem ser um ponto de referência afetiva para alguém.

Os ambientes podem se tornar prazerosos e agradáveis por causa da qualidade da socialização que acontece neles; maleáveis, podem ser transformados para maior funcionalidade na vida do morador; por mais que a estrutura seja estável, a utilização e a significação do lugar são mutáveis. Bowlby (1984a, p. 650) enfatizou: "O homem moderno possui uma capacidade extraordinária para modificar seu meio ambiente e ajustá-lo às suas próprias conveniências."

O indivíduo, ao sentir-se parte do ambiente que habita e com o qual constitui uma inter-relação satisfatória, forma intenso sentimento de pertencimento, o desejo de cuidar e permanecer no lugar. Ao pertencer, a pessoa se sente segura, tranquila, motivada e responsabilizada para atuar em defesa do lugar. Almeja e se empenha para melhorar o que comprehende como o seu lugar.

1.1 Rompimento de vínculos com os lugares

Mudanças de lugares, sobretudo o de morada, geram rompimentos significativos entre aquele que partiu e aquele ou aquilo que ficou. Para estas rupturas, um processo de luto é vivenciado em conformidade com a singularidade de cada vinculação abalada. O lugar pode ter uma expressão física, social, psicológica, espiritual, geográfica; situar-se numa relação com um indivíduo ou mais, com uma comunidade, um bairro, uma cidade ou país.

A separação com os lugares pode ser duradoura ou breve. Algumas pessoas carregam consigo algo material do vínculo com o lugar, como móveis, fotografias, a chave da porta ou até mesmo um pouco de terra; outras optam por uma mudança com o mínimo de objetos possíveis ou não têm tempo de resgatar coisas materiais, como visto nos episódios de tragédias e desastres. Em todas essas situações, as memórias do laço entre o morador e a morada podem ser interpretadas como um consistente elo transportado, remodelado e ressignificado conforme o ambiente ocupado. Essa recondução do laços retoma ao que Klass, Silverman e Nickman (1996) chamaram de "vínculos contínuos", os quais propõem a manutenção da ligação, porém de maneira diferente da que existia antes da separação. O vínculo contínuo pode atuar como fator

de proteção ou de risco à adaptação de alguém a um ambiente inédito, a depender do significado e da qualidade dessa inter-relação.

Quando as perdas ocorrem na morada, trazem ressonâncias nos laços sociais e psicológicos do morador para com esta e com todo o ambiente envolvido na vinculação, como os de dentro da própria casa, os de vizinhança e numa relação complexa ao se considerar a cidade. O vínculo de lugar pode narrar o estado emocional da pessoa, como medos, receios, expectativas, decepções, satisfações; enfim, representa a vitrine de alguns processos psicológicos.

Situações como crise conjugal, doença e morte, dentre outros estresses indesejados provocam perdas variadas, o que pode gerar tipos de lutos como o antecipatório e o não reconhecido. Estes podem ser fator de risco à socialização do enlutado e, ao se referir à moradia, podem levar ao comprometimento do interesse deste por explorar, cuidar e criar no convívio cotidiano com esse ambiente.

O luto antecipatório possibilita a elaboração do luto, a partir do processo de adoecimento, iniciado a partir do momento que a pessoa recebe o diagnóstico de uma doença fatal ou potencialmente fatal (RANDO, 1997). O luto não reconhecido reporta-se àquele não franqueado pela sociedade e até pelo próprio enlutado. A perda é minimizada e não validada por um conjunto de crenças e normas existentes em determinada sociedade, que regulam a expressão do sofrimento e enlutamento (DOKA, 2002).

O luto vivenciado por rompimento com o lugar pode ser visto como um luto não reconhecido. As perdas, que não se resumem às relações socioambientais, mas a um projeto de vida alterado, têm seu sofrimento desvalidado, não respeitado pela sociedade, pela família e pelo própria pessoa que teve a experiência da perda. Há uma crença de que a vida num local novo precisa ser dirigida sem ruminações emocionais para o rompimento de vínculo com a morada anterior, e isso se torna um fator de risco ao processo de luto vivenciado por essa ruptura e dificulta a adaptação ao próprio ambiente.

A compreensão de luto acontece a partir do modelo do processo dual (Dual Process Model, DPM), de Stroebe e Shut (1999; 2001), em que a adaptação acontece por dois movimentos dinâmicos e interconectados, que oscilam entre o enfrentamento orientado para a perda e o enfrentamento orientado para a restauração. Quando há predominância para o de perda, sugere-se que a pessoa vivencia um luto complicado.

A maneira como funciona o DPM está associada à constituição do que Parkes (2009) nomeou de "mundo presumido do sujeito". Segundo este autor, trata-se da parte mais valiosa do equipamento mental de alguém, sem a qual este se sentiria perdido, pois, por meio dela percebe confiança e segurança, reconhece os limites e as potencialidades de enfrentamento à adversidades e aos sobressaltos. O mundo presumido representa um guia da pessoa em seu agir no mundo: uma vez comovido, surge a insegurança e a suspeita.

Nos casos em que a mudança de lugar envolve a família, o processo de luto vivenciado tem sua resposta influenciada pelo ciclo vital da família. Conforme Cerveny e Berthoud (1997), o ciclo vital corresponde a um conjunto de etapas ou fases definidas sobre critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal, entre outros) pelos quais as famílias vivenciam. Divide-se em quatro fases: família na fase de aquisição, que engloba o nascimento da família pela união formal ou informal; família na fase adolescente, quando os filhos estão vivendo a adolescência; família na fase madura, que se inicia quando os filhos atingem a idade adulta e a família adentra o período da maturidade; e família na fase última, caracterizada pelo envelhecimento dos pais, e por transformações na estrutura familiar.

Em síntese, um lugar pode existir na perspectiva da memória, transmitido por narrativas que atravessam contextos e gerações socioculturais e familiares. Pode ser desmaterializado e atemporal; um lugar sem corpo, contudo com espírito, vivente num universo simbólico, remodelado a uma crise, doença ou a um desastre. Alguns trazem mais potencialidades e possibilidades que outros; viabilizam a tomada de consciência do "eu" e do "outro", produzem autoconfiança, autonomia, alteridade e senso de coletividade, uma vez que facilitam a conectividade da pessoa com o mundo. Os lugares são motivadores de indagações, descobertas e conhecimento; instigam reflexões e desafios à história e à ciência.

CAPÍTULO 2. A CONSTRUÇÃO DE BASE SEGURA POR MEIO DO SIGNIFICADO DO LUGAR

Os lugares possuem elementos geofísicos, sociodemográficos, psicológicos e espirituais que traduzem o contexto de vida das pessoas que o ocupam. São bem mais do que a soma daqueles que os integram, pois conectam aspectos concretos e subjetivos, alguns explícitos, outros implícitos; representam as crenças, os valores e as atitudes de tais pessoas. Nos lugares, é construído um projeto de vida; vivem-se os ciclos da vida, e é entreltecida a história de cada pessoa. São laços que impulsionam emoções e comportamentos, com implicação ético-política em seus habitantes.

É nos lugares que ocorre a experiência humana, onde esta se concentra, é compartilhada, tem seu sentido possível de ser revisto e ressignificado a partir de negociações e contratos. É nos lugares, e por causa destes, que os desejos aparecem, adquirem forma e expressão e são sustentados pela esperança de se realizar diante de ameaças e contrariedades (BAUMAN, 2009).

Aspectos do ambiente, como o *status socioeconômico*, expresso por meio do funcionamento dos serviços públicos de saúde, de transporte, de segurança e de desenvolvimento social, refletem-se em como acontecem as interações sociais e espaciais no ambiente urbano (SANTOS, 2008). Estas significam as tensões, os medos, a busca por permanência ou mudança de determinado local. Enfim, a cidade pode ser sentida e representada pelos equipamentos públicos de serviços oferecidos à população, o que influí diretamente na ocupação social de outras áreas abertas da cidade, como as praças, os parques e a própria rua, sendo esta entendida como produtora de socialização.

O medo humano se apresenta com elementos racionais e irracionais, conscientes e inconscientes, provindos de situações concretas e/ou imaginadas. O medo pode ser tanto um fator de risco como de proteção à sobrevivência dos seres vivos diante de um perigo letal ou ofensor a seu bem-estar. Diante disso, Bowlby (1984b) ressaltou ser vantajoso ao indivíduo afastar-se de um perigo potencial e se aproximar de um potencial porto seguro.

Tanto o medo quanto o desejo veemente de proteção apresentam-se como demandas sociais e psíquicas emergentes da contemporaneidade; sustentam a

proposta de um espaço construído para moradia, o qual seja acolhedor e o mais invulnerável possível às ações da criminalização. Há investimentos tanto na produção de imóveis entre muros, grades de ferro e cercas elétricas, como na captura por clientes que almejam uma residência protegida. Instala-se, portanto, a comercialização da segurança, ou melhor, da crença de que é possível se resguardar dos assaltos, furtos, invasões e depredações.

Paz e violência são fenômenos exclusivamente humanos (BRASIL, 2009). O medo gerado pela sensação de desproteção das marginalidades sociais não é algo restrito aos brasileiros, visto que muitos países europeus também vivenciam esses impasses. Tal questão foi discutida por Bauman (2009, ao afirmar que, na atualidade, sobretudo na Europa e em suas ramificações no ultramar (resultantes da colonização), tem aumentado o sentimento de medo e a obsessão maníaca por segurança. "Se o ser humano não pode eliminar todos os sofrimentos, ele consegue, contudo, eliminar alguns e atenuar outros" (BAUMAN, 2009 p. 29).

Os comportamentos divergem conforme o espaço onde a pessoa está. Se pequeno ou amplo, a cada um ocorre um modo de agir. A avaliação e a percepção desse espaço influenciam ações e interações nesse lugar. A consciência de tempo da pessoa está relacionada com a duração da própria vida. Ambas as noções de espaço e tempo estão conexas ao ciclo de vida de cada um (MOSER, 1998).

Diferentes contextos produzem distintos significados para as relações construídas entre o indivíduo e o ambiente, e nem sempre o que se aplica em um é adaptativo em outro. Parkes (2009) defende que uma estratégia que promova segurança em um contexto pode criar insegurança em outro. Segundo esse autor, autoconfiança e confiança nos outros são relativas, já que ninguém é tão competente a ponto de confiar apenas em seus poderes, e nem as outras pessoas são tão merecedoras de confiança que estarão sempre a proteger e ajudar alguma outra pessoa.

Segurança, cercamento, isolamento, equipamentos coletivos e serviços integram um código de distinção que as pessoas de todos os estratos sociais de uma cidade usam para elaborar, transformar e dar significado a seus espaços. Todos os elementos associados à segurança tornaram-se parte de um novo código para a expressão da distinção, um código chamado de "estética da segurança". Esse é um código que incorpora a segurança num discurso de gosto, transformando- se em símbolo de status (CALDEIRA, 2000).

No Brasil, os condomínios fechados são uma adequação de moradia presente em todos os segmentos de classes. Representam uma estratégia de enfrentamento para a problemática da violência urbana, coletivamente organizada por pessoas que, na maioria das vezes, não se conhecem. Há diferentes tamanhos de residenciais. Alguns representam um bairro particular ou uma microcidade para seu morador, devido à complexidade de infraestrutura, como supermercado, farmácia, salão de beleza, creche, academia de ginástica e restaurante, dentre outros equipamentos. Entretanto, outros apresentam menos privilégios, são menores e facilitam o convívio de seus residentes, uma vez que estes se entrecruzam mais nas áreas comuns.

O sociólogo Simmel (1983, 2005) faz uma reflexão sobre as inter-relações em grupos menores e grupos maiores. Segundo ele, os grupos menores apresentam qualidades, como tipos de interação entre seus membros, que desvanecem quando os grupos se expandem. Nos grupos menores, a contribuição de cada um ao todo e o reconhecimento do grupo são evidentes; ademais, nestes as necessidades e visões de mundo são diretamente efetivas, são objeto de imediata consideração. Com o crescimento do grupo, surge a distância e a frieza das normas objetivas e abstratas, sem as quais um grupo grande não pode perdurar. Nos grupos pequenos, há reciprocidade de vigilância entre as pessoas, referente às realizações e às disposições dos indivíduos. Em vista disto, as pessoas percebem maior liberdade de movimento e maior preservação da vida privada quando inseridos em grupos maiores.

Os princípios que norteiam a construção do condomínio fechado, mesmo que na mesma cidade, não são os mesmos, embora a preocupação com a segurança seja um fator comum a todos. Segundo Lopes (2009), por mais que haja o empenho nestes locais para apartar a violência para além de seus muros, há uma variabilidade no quesito sobre quanto investir nesta exigência. Isso provoca a existência de uma pluralidade de condomínios: alguns dispensam mais recursos internos de segurança que outros e permitem que o ideal de segregação se torne mais possível, enquanto outros cumprem, exclusivamente, a função de moradia, ou outros ainda se prestam também como espaço de lazer, entretenimento e relaxamento.

O planejamento desse espaço informa sobre como se resguarda dos riscos urbanos, como se defende fisicamente do mundo externo visto como divergente e ameaçador. O projeto arquitetônico somado à vigilância humana e tecnológica do condomínio são respostas à ampla urbanização. Muitos se propõem à diferenciação estética radical de seu entorno, o que sinaliza mais uma vez a busca pela segregação

espacial. Nos termos burocráticos e institucionais de um condomínio, o síndico cumpre a função de representante legal da área: cabe-lhe defender os interesses comuns e gerir o processo do morar de várias pessoas, que, apesar do aspecto privado, também ocupa áreas compartilhadas.

A estrutura do local pode sinalizar segurança tanto aos que vivem dentro do condomínio como aos que estão do lado de fora. Assim, os muros, as grandes de ferro, as cercas elétricas, as câmeras de vigilância, os guardas armados e uma portaria que funciona 24 horas por dia provocam a inibição de quem pensa em invadir e o encorajamento e a tranquilidade de quem reside em seu interior. Outra construção subjetiva do espaço foi ressaltado por Moreira (2012): os recursos de entretenimento e lazer agem na distração do medo da violência urbana, de maneira que a pessoa tem por aliviadas suas tensões e seus estresses. O autor ressalta que, nessas situações, o sentido de morar e o sentido de viver no local se incorporam em um único ato.

Na contemporaneidade, chamada por Bauman (2001) de "modernidade líquida", pensar na construção de bases seguras é pensar em como tornar mais seguro o que remete à insegurança ou em como tornar duradouro o que parece frágil e não resistente. Por causa da insegurança os indivíduos buscam sua segurança, por causa do seu medo as pessoas se afastam dos riscos. Todos precisam de um solo firme, onde possam pisar e sentir-se amparados para construírem, com coragem e autonomia, um projeto de vida, mesmo com adversidades e perturbações.

2.1 A cidade e o condomínio

Desde sua origem, as cidades foram lugares onde era possível conviver com o outro, o "estrangeiro", em estreito contato. Define-se "estrangeiro" como alguém cujas intenções de ações podem até ser adivinhadas, mas jamais conhecidas com inteira certeza, o que acarreta insegurança àqueles que com ele compartilham algum espaço.

A cidade, na pós-modernidade, se transformou no espaço do medo e da insegurança, onde o estrangeiro se apartou por marcas urbanas da diferença: bairros próprios, grades, muros e todos os mecanismos possíveis de segregação (BAUMAN, 2009). Conforme o autor, na era da globalização a multiforme e plurilingüística cultura do ambiente urbano se impõe e tende a aumentar. As tensões surgidas da "estrangeiridade" incômoda e desorientadora desse cenário acabarão provavelmente

por favorecer as tendências segregacionistas. O mesmo autor defendeu que há um duplo movimento na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e se tornam objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e se tornam marginais. Pessoas que possuem recursos econômicos se deslocam, criam verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança ou resistem em lugares onde a criminalização ainda não é tão frequente. Já os mais pobres, por falta de condições de comprar uma segurança fortificada, convivem com o medo; muitos desses se acostumam e fazem deste parte da seu cotidiano.

O governo de cada cidade tem a tarefa de encontrar soluções locais para condições globais, para que a ordem seja razoavelmente mantida. Uma produção de sentido de identidade surge com reconhecimentos de propriedades: a minha vizinhança; a minha comunidade; a minha cidade; a minha escola; a minha árvore; o meu rio; a minha praia; a minha igreja; a minha paz; o meu ambiente. As pessoas, desarmadas diante do vórtice global, fecharam-se em si mesmas. Nesse processo de fechamento em si mesmas, ficaram mais fracas na hora de decidir sobre os sentidos e as identidades locais, que são suas exatamente por serem locais (BAUMAN, 2009).

Os espaços públicos promovem mais livremente o encontro da população; podem representar uma integração entre realidades locais, como ponto de convergência de diferentes narrativas socioculturais. Estas áreas propõem a comunicabilidade entre seus transeuntes, e entre estes e a cidade; contudo, nem sempre acontecem intensas interações, pois o contato pode ser passageiro e descompromissado. Gerenciar e manter a segurança dos visitantes nestes locais pode ser uma tarefa desafiadora, mas necessária, para melhor aproveitamento do espaço. Outro fator que pode complicar o uso de tais lugares pela população é a demasiada suspeição da pessoa sobre a eficácia da segurança, a qual pode ser desejada, porém falha.

Desta maneira, questões que suscitam insegurança e incertezas no espaço público acarretam a renúncia civil deste no cotidiano social e cultural da população. Alguns locais, ao serem parcialmente despovoados, são vulneráveis ao descuidado e a depravação, com utilização direcionada a atitudes de risco, como tráfico e uso de drogas.

Jacobs (2011) ressalta que os espaços urbanos podem se transformar com o uso diversificado de comércio e lazer, entre outros equipamentos que dão multiplicidade à forma e ao sentido do contexto citadino. Para a autora, a permeabilidade do ambiente urbano possibilita o movimento circulatório de pedestres por todos os espaços, impede o ócio e o desuso de locais que podem atrair criminosos. Ela enfatizou que os "olhos da rua", ou seja, as relações humanas e a interação social de vizinhança possibilitam segurança e qualidade de vida no espaço público.

A definição de vizinhança é dada como espaço geográfico delimitado, com relativa homogeneidade habitacional, com algum grau de interação social e significação simbólica para seus moradores. Incluem-se nisso conteúdos culturais, ecológicos, inclusive políticos (WEISS et al., 2007). Moradores de um bairro podem ter a experiência de transitar por diferentes vizinhanças dentro do mesmo espaço geográfico, e os limites dessas comunidades nem sempre se mostram sobrepostos (SAMPSON; MORENOFF; GANNON-ROWLEY, 2002). Uma transitoriedade típica de cidades, onde a mobilidade é elevada e os limites de vizinhança são flexíveis (WEISS et al., 2007). Pode ser pensada como subunidade de uma área maior, não somente residencial e com influência de outros contextos. A vizinhança de residência tem aspectos físicos e sociais que afetam a saúde das pessoas (DIEZ-ROUX; MAIR, 2010).

A percepção de vizinhança do morador também precisa ser considerada, pois se liga ao significado construído por este à sua conectividade habitacional. Sobre a percepção de vizinhança, Hofelmann et al. (2013) defende que a utilização de medidas apoiadas em percepções possibilita o conhecimento do ambiente social e como está estruturado e organizado dentro da vizinhança, por meio da identificação dos papéis sociais desempenhados pelos residentes no próprio contexto. Dassopoulos e Monnat (2011) enfatizam que a satisfação com a vizinhança liga-se à percepção de coesão, de suporte social e de grande capital social.

Os enclaves fortificados são fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. Tendem à expectativa de ambientes socialmente homogêneos. Seus habitantes buscam viver distantes de interações indesejadas, do movimento exacerbado e dos perigos das ruas. São voltados para o interior, não em direção às ruas, cuja vida pública rejeitam explicitamente. Cultivam relacionamentos de negação e ruptura com o resto da cidade

e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público, o qual é aberto e livre à circulação (CALDEIRA, 2000).

Na atualidade, a organização da moradia por meio de condomínio pouco traduz as desigualdades sociais existentes em uma cidade. Isso foi discutido na pesquisa de Lopes (2009) que constatou que em sociedades, cujas distâncias sociais são encurtadas, como é a condição do corpo social chileno, os condomínios fechados se mostraram como frequentes opções residenciais.

A cidade e o condomínio representam espaços de abrigamento visto na função de protetividade que se destinam às pessoas que o ocupam. Um papel de proteção vinculado a percepção de segurança de seus moradores. É onde ocorrem interações sociais entre pessoas conhecidas e desconhecidas, e quanto mais esses locais forem planejados considerando seu bem-estar e a satisfação dessas, mais se aproximam de ser base segura delas. O condomínio é um produto urbano, mas pode negar esse contexto, ao tentar se diferenciar eticamente do seu entorno e ao ofertar infraestruturas de lazer, entretenimento, gastronomia, cultura, esporte,... Portanto, pode motivar o esvaziamento das ruas e dos espaços públicos voltados para a ocupação de pessoas.

2.2 Casa, moradia e lar

A subjetividade se constitui a partir de vários elementos socioculturais, espirituais e geográficos. O morar representa uma notação com interpretações importantes para o processo de desenvolvimento humano. Para Rabinovich (1994, 1997), esse funciona como um sistema "co-gestado", "co-regulado" e "co-construído", onde a casa e a família, a rede material e o relacionar-se convergem em um meio em que ocorre uma rede de significações, a qual traduz o próprio desenvolvimento. Assim, o modo de morar acompanha a dialética e as transfigurações da relação entre indivíduo e ambiente em todas os períodos do ciclo vital.

Um condomínio se associa à noção de família, a partir do que Rabinovich e Oliveira Silva (2014) consideraram sobre esta ser um sistema de relações complexas, cuja dinâmica incorpora emoções, sentimentos modificados ao longo da própria história, no próprio cerne familiar. No condomínio, além de áreas compartilhadas, da interação espacial, há aspectos subjetivos entretecedos entre os residentes, cujas relações têm funções e expectativas que se transformam na trajetória do vínculo.

Casa, moradia e lar são palavras com significados diferentes, apesar de, às vezes, serem utilizadas como sinônimas por se direcionarem a um objeto de local. No dicionário da língua portuguesa (HOUAISS, 2001), "casa" significa "construção destinada a habitação", "moradia", "lugar onde se mora", e "lar", "moradia familiar" ((HOUAISS, 2001, p. 82, 302 e 270). Essas três palavras apresentam definições cuja complexidade de significação avança com a inscrição de conteúdos subjetivos os quais representam, em ordem crescente de complexidade subjetiva: casa, moradia e lar.

Segundo Dovey (1985), a casa é estática, pois se trata de elementos materiais que constituem o cenário onde se desenvolve o cotidiano doméstico do morador, ao passo que a moradia é dinâmica e se transforma com o tempo. Já Caldeira (2000) considerou que a casa faz declarações tanto públicas quanto pessoais, ao relacionar o público e o doméstico, sendo um projeto marcante àquele que a adquiriu.

Em relação a moradia, Lawrence (1987) destacou que esta é uma unidade complexa definida por fatores culturais, sociodemográficos, psicológicos, políticos e econômicos, com relações recíprocas em termos de uma perspectiva histórica dual. Mais tarde, Rabinovich (1997) referiu-se a moradia como ordenação espacial da experiência que se estabelece entre os habitantes e sua casa. A noção de lar reporta à moradia, enquanto fonte de vida, bem-estar e prazer de seu residente.

Em síntese, pensar no condomínio como uma possibilidade de base segura à moradia de alguém, é compreender como são construídas as noções de segurança e confiança na inter-relação pessoa e ambiente. Um lugar de moradia, ao funcionar como base segura, garante a seu residente a sensação de protetividade necessária para um desenvolvimento psicossocial funcional e empoderador.

CAPÍTULO 3. SAÚDE MENTAL NA CIDADE

Questões como o tipo e a qualidade do ambiente onde se vive determinam a sobrevivência dos seus habitantes. Apesar de todos os privilégios oferecidos pela cidade à população, a sobrevivência nessa tem sido uma constante peleja, pois o medo e a insegurança fazem com que as pessoas estejam alarmadas, tensas e com a saúde mental fragilizada.

Na contemporaneidade, percebe-se que o tecido social urbano se dissolve e revela uma existência diversificada (BAUMAN, 2009). Pessoas com variadas visões de mundo transitam e ocupam um mesmo espaço; com isso, surge uma ordem de cidade capaz de atender o acelerado crescimento e a evolução crítica e tecnológica da sua população. A cidade, que antes possuía enrijecida subdivisão de grupos socioculturais, passa a ter fronteiras flexíveis à mobilidade de diferenciados povos, o que caracteriza a permeabilidade das demarcações instaladas para segregar. Assim, nem tudo pode ser tão rígido ao ponto de não se transformar e nem tudo cercado por concreto e ferro está salvaguardado do estresse e das revoltas.

Nos dias atuais, paradoxalmente, as cidades inicialmente construídas para dar segurança aos moradores estão cada vez mais associadas à criminalização (MOREIRA, 2012). O medo implícito no planejamento e na construção desses espaços aumentou. Isso é notado pela sofisticação dos mecanismos de tranca para automóveis e casas, nos carros e portas blindados, nos sistemas sensitivos de segurança, o seguro de vida, da casa, do carro, além do aumento dos condomínios fechados como opção de moradia. Os moradores deste mantêm-se fora da confusa vida urbana, para se colocarem "dentro" de um oásis de tranquilidade e segurança, alguns não se importam com os preços pago por isso, incluindo os sociais e os psicológicos, que se apresentam angustiantes e duradouros. Sobre isso Baumam (2009) destacou que as cercas deste tipo de moradia têm dois lados: dividem um espaço antes uniforme em "dentro" e "fora", mas o que é "dentro" para quem está de um lado da cerca é "fora" para quem está do outro.

A cidade refletida a partir de sua vida espiritual foi objeto de análise de Simmel (2005), quem se dedicou a retratar esse espaço pela interioridade, pela alma que vasculha seu corpo social e cultural. O autor observou que os habitantes das grandes metrópoles mal conhecem os vizinhos que têm por muitos anos, são

descompromissados com a presença do outro; há estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, se despontam em ódio e luta. Esse autor defendeu que há na antipatia, uma intenção protetiva para cidade grande, pois a atividade da alma humana responde sensivelmente a quase toda impressão vinda de outro ser humano.

3.1 Violência e segurança

A violência pode ser pensada como um sintoma e expressão de problemas sociais; evidente para a agenda pública de distintos setores da sociedade contemporânea; não está relacionada à estratos sociais nem à escolaridade; sem causas delimitáveis e inteligíveis (SOUZA et al., 2012). Assim, é importante ter em mente a complexidade de fatores envolvidos nesse fenômeno.

A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, são fenômenos representativos e problemáticos da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos e que se manifestam nas variadas esferas da sociedade. Indicadores objetivos da violência são as taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais, índices de criminalidade, incluindo nessa categoria o narcotráfico. Diante da diversidade de fatos que caracterizam a violência, essa foi reconceitualizada devido os novos significados que o conceito aborda. Inclui-se como ações violentas, acontecimentos anteriormente tratados como práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais, como as violências intrafamiliares contra mulher ou crianças, as violências simbólicas contra grupos, categorias sociais ou etnias e as violências nas escolas (WAISELFISZ, 2014, 2015).

A expressão violência urbana compreende limites pouco definidos e uma multiplicidade de significados, devido a variedade de fenômenos que essa pode abranger e por se constituir, simultaneamente, em representação social (BORGES, 2013). Essa é um estressor psicossocial, o qual produz medo, insegurança e sentimento de perda de controle sobre a vida, induz alterações comportamentais por meio de condutas de risco, como o tabagismo, alcoolismo, o uso de outras drogas, inatividade física e alterações nos hábitos alimentares, ações essas que predispõem a pessoa ao desenvolvimento de doenças crônicas. A sensação de insegurança provoca descrédito no outro, motiva o isolamento, o que acarreta a formação de redes

de apoio social e comunitário, fatores ligados ao bem-estar e à qualidade de vida (WRIGHT, 2006).

A violência urbana tem provocado uma fragmentação do tecido social da cidade, da qual têm tirado proveito as empresas imobiliárias, para comercialização de moradias como os condomínios fechados. A elevação do imaginário da criminalização induz as pessoas a construírem uma realidade mais perigosa do que de fato é, então por uma vida mais segura, pagam preços elevados no imóvel, o que evidencia uma exploração financeira do medo e da insegurança (LOPES, 2009).

Os meios de comunicação, como a TV, o rádio e os jornais impressos por meio de uma programação que, de maneira sensacionalista, foca o cotidiano violento da cidade, podem funcionar como propulsores do imaginário urbano de medo, com isso, intensificam a sensação de insegurança dos habitantes (LOPES, 2009). Isso porque a linguagem publicitária, ao se interessar pela violência, pode transmitir a mensagem de uma sociedade que vive risco de criminalidades, o que corrobora um enunciado de medo e suspeição.

Vítimas de violência urbana estão suscetíveis ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e se direcionam à continuidade de projeto de vida, inseguros de virem a ser ou não vitimadas outra vez. A pesquisa de Cardinalli (2011) em Psicologia Clínica focalizou o TEPT desenvolvido por pessoas que sofreram assaltos e sequestros relâmpagos na cidade de São Paulo, o que pôs em evidência o quanto este tipo de violência causa danos psicológicos e sociais à vida de quem a vivenciou.

A palavra "medo" designa perturbação diante de ameaça ou perigo (HOUAISS, 2001). O medo é um objeto que permite a compreensão das relações sociais no espaço e o contexto delas; pode aumentar ou diminuir o grau de coesão entre indivíduos de um grupo; determina a maneira de sentir, viver e pensar dos que a ele estão submetidos. Os valores e comportamentos difundidos a partir do medo são formas simbólicas de dominação tão ou mais violentas quanto a própria violência de que se tem medo (CHAUI, 1999).

O medo possui componentes socioculturais, psicológicos e espirituais, abrange todas as dimensões existenciais do indivíduo. A cultura do medo está direcionada à violência criminal, acidentes e doenças; desafia o mundo presumido da pessoa (conceito trabalhado no Capítulo 4 desta tese), uma vez que testa o vínculo desta com suas redes de apoio e seu ambiente social e familiar; revisa nessa, a capacidade de autoeficácia e de monitoramento das emoções produzidas na relação com o mundo.

Bauman (2005) frisou que na contemporaneidade, sobretudo na Europa e em suas ramificações no ultramar (colonização), tem aumentado o medo e a obsessão maníaca por segurança. "Se o ser humano não pode eliminar todos os sofrimentos, ele consegue, contudo, eliminar alguns e atenuar outros" (BAUMAN, 2005, p. 29).

A sociedade brasileira apresenta-se como segmentar e relacional, na medida em que as divergências sociais não são fixas; essas oscilam/ movem-se segundo os contextos e as relações (SOUZA, 2009). Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) houve uma intensa ocupação habitacional das áreas urbanas entre 1950-2010 devido ao processo de industrialização e urbanização ocorrido no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Isso justifica o crescimento populacional das cidades junto ao aumento de construção de moradias.

No Brasil, mortes por causas externas, como homicídio e acidente de trânsito, vêm crescendo de forma assustadora nas últimas décadas: se, em 1980 representavam 6,7% do total de óbitos na faixa de 0 a 19 anos de idade, em 2013 a participação se elevou de forma preocupante ao atingir o patamar de 29%. As taxas de homicídio de crianças e adolescentes levam o Brasil a ocupar a 3^a posição entre os 85 países do mundo analisados, contrastando dramaticamente com países que não registraram nenhum homicídio na faixa de 15 a 19 anos de idade, como Dinamarca, Escócia, Eslovênia, Suíça e outros. Considerando outros casos, a taxa brasileira de 54,9 por cada 100 jovens de 15 a 19 anos de idade, resulta 275 vezes maior do que a de países como Áustria, Japão, Reino Unido ou Bélgica, que ostentam índices de 0,2 homicídios por 100 mil. Ou 183 vezes maior que as taxas da Coreia, da Alemanha ou do Egito (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015)

Conforme o Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, em 2015 foram registrados 59.080 homicídios no Brasil, o que consiste a uma taxa por 100 mil habitantes de 28,9. Este número de homicídios vigora uma mudança de patamar nesse indicador, na ordem de 59 a 60 mil casos por ano, e se distancia das 48 mil a 50 mil mortes, ocorridas entre 2005 e 2007 (CERQUEIRA et al., 2017).

Apesar de mais populoso, de acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, o estado de São Paulo tem a menor incidência de homicídios do Brasil. Na capital paulista, de janeiro a julho de 2017, o registro de homicídios segundo local (considerados via pública, área não ocupada, unidade rural, restaurantes e locais de lazer, comércio e serviços, e outros), informa: houve mais homicídios em vias públicas no mês de abril (70,7%); depois, em residências, com

maior índice em julho (25,6%); unidade rural foi o local com menos homicídios, sendo sua alta em julho (2,3%). O Quadro 1, na página a seguir, descreve estes dados.

Com base nos dados desse quadro, nota-se o quanto os espaços públicos e as residências são foco das ações da criminalização, o que evidencia falha ou carência de segurança pública nessa cidade. Isso, porque se as ruas fossem seguras, as residências também seriam, já que essas não são, as pessoas buscam por locais com maior segurança, portanto, um local mais protegido da rua e da cidade, o que legitima os enclaves fortificados.

Quadro 1. Homicídios Segundo Local na Cidade de São Paulo, Janeiro-Julho de 2017 (em porcentagem)

Local	Meses												Total
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	
Via pública	57,1	54,5	67,2	70,7	66,7	59,6	58,1						62,1
Área não ocupada	3,2	3,9	5,2	0,0	9,8	1,9	0,0						3,3
Unidade rural	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,3						0,2
Residência	14,3	20,8	12,1	12	7,8	19,2	25,6						15,8
Restaurantes e locais de lazer	3,2	2,6	3,4	9,3	2,0	5,8	4,7						4,5
Comércio e serviços	6,3	1,3	3,4	1,3	2,0	5,8	2,3						3,1
Outros	15,9	16,9	8,6	6,7	11,8	7,7	7,0						11,0
Total	100	0	0	0	0	0	100						

Fonte: Registro Digital de Ocorrências (RDO, CAP/SSP).

A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. O indivíduo não será humano sem segurança ou sem liberdade; mas não poderá ter as duas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quiser (BAUMAN, 2003).

A necessidade de segurança e de proteção da sociedade atual, em relação às criminalidades, interfere em como os ambientes de moradia são planejados, construídos e utilizados. Quem mora em condomínio corre o risco de ser conhecedor majoritariamente do mundo que o cerca, o qual existe portão adentro de seu residencial; tem uma convivência limitada com o entorno, ainda mais quando este comunica imprudência e faltas no que se refere à educação cívica e ao cuidado e segurança socioespacial.

Um estilo de apego inseguro e ambivalente com o ambiente de moradia fragiliza a qualidade dos vínculos construídos, tanto dentro como fora desse local da morada se estendendo a laços pelos arredores. A sensação de insegurança atribuída ao

vínculo com o lugar compromete a boa convivência entre seus habitantes, principalmente o sentido de vizinhança construído neste convívio.

Quando o lugar é interpretado como um abrigo hospitaleiro e aconchegante, se torna um fator de proteção à saúde mental daquele que o ocupa, inclusive fortalece o sentimento de comunidade e motiva atitudes de cuidado e compromisso da pessoa para esse ambiente. Mesmo estando com quem vagamente conhece, se consente à interação espacial com estes por identificá-los como vizinhos do condomínio. No imaginário há a sensação de estar entre pessoas próximas, o que se viabiliza pelo fato de que ao pertencerem a um mesmo local, ficam mais à vontade com a presença do outro, o qual não é caracterizado como estranho, mas como um vizinho com quem não se tem intimidade. Bauman (2009) defendeu que o ser humano tem a necessidade de enxergar outro por perto, principalmente alguém semelhante a ele, com quem possa trocar ideias, valores e um olhar, para que se sinta melhor com sua segurança.

Um ambiente urbano produz relações sociais. Em locais onde há espaços compartilhados além do privativo, o morar se torna também um ato social e o indivíduo, dificilmente, se isola em meio a tantos outros. As possibilidades de um ambiente se fazem pela inter-relação de cuidado entre habitantes e espaços. A qualidade desse narra a satisfação e o bem-estar daqueles que o ocupam; relaciona-se intimamente com às noções de qualidade de vida e promoção de saúde.

Estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis, interações sociais construídas por empatia e alteridade corroboram para formação de um vínculo seguro tanto entre pessoas como entre estas e os lugares. Por mais que existam conflitos entre valores, crenças, sentimentos e expectativas, o ser humano inclina-se, naturalmente, para maior homeostase possível nos processos neurobiopsicossociais e espirituais de seu desenvolvimento. Com isso, obtém segurança, confiança, afrouxamento de suas tensões e uma autoavaliação consciente do projeto de vida, que envolva a si mesmo e às ambiências a que se conecta, na perspectiva de reciprocidade, como destacado por Moser (1998), uma inter-relação dinâmica entre pessoa e ambiente.

Enfim, a cidade e seu habitante se constroem mutuamente, ou seja, em termos materiais e simbólicos, um intervém na existência do outro na medida em que se interagem. A saúde mental na cidade pode ser pensada a partir da empatia e do cuidado socioambiental na inter-relação da pessoa com o contexto urbano. O potencial de resiliência produzido nas relações sociais de seu moradores, as

expressões físicas e psicológicas do lugar, como as ligações de confiança e de apoio, são aspectos que traduzem o bem-estar psicossocial e espiritual do sistema citadino.

CAPÍTULO 4. A COMUNIDADE COMO REDE SOCIAL QUE FORTALECE A RESILIÊNCIA

O significado de resiliência é apropriado em tempos em que a segurança é repetidamente intimidada pelas facções violentas que rondam a vida das pessoas nas cidades. Sobre o conceito encontra-se que: característica positiva da personalidade que facilita a adaptação individual (WAGNILD; YOUNG, 1993); sinônimo do conjunto de fatores de proteção individuais, familiares e sociais (LAM; GROSSMAN, 1997); a capacidade de um indivíduo ou de um sistema superar os desafios da vida, capacitados e encorajados para vivenciarem um processo ativo de reestruturação e crescimento (WALSH, 2005); utilizada como sinônimo de fator de proteção intrínseco ao indivíduo (HOGE; AUSTIN; POLLACK, 2007).

A resiliência é constituída de acordo com as relações que são estabelecidas entre o indivíduo e o meio; portanto, é um produto relacional integrado por aspectos individuais, familiares, sociais e culturais. Aparece em decorrer da presença de algum fator de risco, o qual tem um potencial para predispor pessoas e populações a resultados negativos e podem estar presentes tanto em características individuais como ambientais (RUTTER, 1987). Não se pode ser resiliente sozinho. Um dos fatores necessário para o desenvolvimento da resiliência é o acolhimento e o apoio das redes familiar e social, cujos componentes atuam como "tutores de resiliência" (CYRULNIK, 2004). Assim, as redes de apoio são fundamentais para a promoção da resiliência.

Vínculos que ofereçam acolhimento e motivação podem ser fatores de proteção aos seus membros. Segundo Rutter (1987), os fatores de proteção possuem quatro funções principais: 1) reduzir o impacto dos riscos, fato que altera a exposição da pessoa à situação adversa; 2) reduzir as reações negativas em cadeia que seguem a exposição do indivíduo à situação de risco; 3) estabelecer e manter a autoestima e autoeficácia, através de estabelecimento de relações de apego e segurança e o cumprimento de tarefas com sucesso; 4) criar oportunidades para reverter os efeitos do estresse. Desta maneira, como afirmou Pesce et al. (2004), fatores de proteção estão associados a resiliência.

Ao homem pertencente a um contexto industrial urbano é imposto duas exigências as quais se mostram conflitantes: a capacidade de desenvolver habilidades altamente especializadas e a capacidade de adaptação rápida a uma situação

socioeconômica transitória (MINUCHIN, 1990). Há na vida urbana um paradoxo de um ideal civilizatório e pelo sentimento do medo; impulsiona reclusão à intimidade do lar, à saída comunicada a familiares e amigos, como precaução, o que constitui uma rede de vigilância solidária (BORGES, 2013).

O apoio social construído pelo coletivo contribui para o bem-estar do indivíduo, amortecendo o efeito provocado pelas situações adversas. Redes sociais de apoio se caracterizam como fator de proteção ao desenvolvimento humano. O intercâmbio entre os membros da rede origina as chamadas funções da rede, descritas como: companhia social, apoio social, apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços, acesso a novos contatos (SLUZKI, 1997). A avaliação desses fatores indica a qualidade dos vínculos formados na comunidade; traduz como o grupo desempenha a função de base segura para o membro, além de que nem sempre por ser base segura de um é também para todos. A pessoa ao se sentir amparada pode retribuir com cuidado e estima, sendo base segura de quem a ela tem sido.

Em relação a moradia em condomínio fechado, a familiaridade e segurança percebidas na conexão do morador com esse ambiente favorece a formação de vínculos consistentes entre os condôminos. Relações harmoniosas, com correspondências de afetos e atitudes, podem fazer dos locais comuns, um espaço satisfatório às demandas sociais e psíquicas dos moradores.

Muito embora a família seja a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros, essa também deve se acomodar a uma sociedade e assegurar a continuidade de alguma cultura. A possibilidade de prosseguir com práticas culturais e de dar continuidade a vínculos familiares e sociais se apresenta como fator de proteção ao ciclo vital. As redes de apoio ao promoverem resiliência tornam possível a construção de um sentimento de comunidade consolidado e vigoroso.

No condomínio pode se encontrar uma filosofia de comunidade no campo relacional de seus moradores, e dentro desta pluralidade de narrativas é possível visualizar a inscrição singular do afeto de cada morador. Para Lopes (2009), é como se dentro desse local, cada um vivesse as particularidades em tal grau de harmonia que essas pudessem ser integradas em concordância pelos interesses de um coletivo. Assim, o vizinho por mais que seja um "conhecido de vista", o fato de este compartilhar uma mesma área ameniza o estranhamento a ele direcionado, assim, constitui-se a sensação de proximidade entre ambos.

Na diversidade é possível aprender, conhecer, respeitar e lidar com fenômenos pela perspectiva do outro (FRANCO, 2018), o que remete ao exercício da empatia e alteridade. Pelo convívio com os outros, pelas plurilinguagens culturais, estilos de vida e visões de mundo se forma um mundo presumido mais resiliente, resiliência esta adquirida por meio de uma consciência agregadora, ou seja, de a pessoa se dispor à compreender outras ideias e conceitos, enfim, ao transitar por outros lugares além daquele que se apropriou. Isto posto, a presença do outro, aquele que remete ao diferente, ao externo ao indivíduo participa da construção do mundo presumido deste.

4.1 A comunidade e as interações social e psicológica de seus membros

O termo "comunidade" é aplicado a um povoamento de pioneiros, a uma aldeia, uma cidade, uma tribo ou uma nação. Essa localiza membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivendo juntos e de uma maneira da qual partilham condições básicas de uma vida comum. Ademais, existem comunidades dentro de grandes comunidades: a cidade dentro de uma região, a região dentro de uma nação, e a nação dentro da comunidade mundial a qual possa estar em processo desenvolvimento (MACIVER; PAGE, 1973).

Segundo esses autores, a pessoa precisa estar tanto em pequenos como em grandes círculos comunitários. A grande comunidade traz a essa, oportunidades, estabilidade, economia, o constante estímulo de uma cultura mais rica e variada. Mas vivendo na comunidade menor, o indivíduo tem maior proximidade, satisfações, patriotismo, orgulho do local e da morada, amizade, porém também encontra mexericos e rivalidades face a face. Ambos os tipos de comunidades são essenciais para o completo processo da vida.

O sentimento de comunidade, envolve aspectos sociais e psicológicos (SARASON, 1974). Esse diz respeito a uma interação entre a comunidade, seus moradores e a sociedade, que possibilita a estes a busca por construção conjunta, participação social e transformação da realidade e de si mesmo (SÁNCHEZ VIDAL, 1991). Ao ter este sentimento, a pessoa sente que faz parte de uma rede de suporte mútuo

Comunidade é um lugar confortável e aconchegante. Segundo Garcia et al. (2002), os moradores da comunidade vivenciam e constroem símbolos que são compartilhados por todos nesta realidade, apresentam significados uns para os outros

e uma identificação local, que é essencial no sentimento de comunidade. Para Bauman (2003), o indivíduo numa comunidade pode contar com a boa vontade dos outros ao passarem por momentos difíceis e por necessidades sérias. Têm como princípio organizador das relações, a cooperação, afinal, todos buscam um lugar onde a vida seja mais possível.

O sentimento de comunidade pode ser enfraquecido quando no processo relacional, o outro é percebido como o que Goffman (1988) chamou de estigmatizado e Elias (2000) de *outsiders*. O estigmatizado se caracteriza como alguém inabilitado para a aceitação social plena; um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana, mas que devido a um traço, é negativamente diferenciado de algum grupo, isento da possibilidade de conhecimento de outras características suas (GOFFMAN, 1988).

O dissolvimento do sentimento de comunidade é um fator de risco a organização da vida em contextos urbanos e rurais. Em tempo que os desejos individuais ultrapassaram os coletivos, há uma intensa disputa por poder, a presença de desigualdade social e as violências implícitas ou explícitas nas próprias relações. Nota-se que a pessoa é refém da sensação de insegurança, medo, de não pertencimento e da expectativa de uma vida segura e próspera. A descredibilidade no lugar gera o seu abandono ou descaso.

A falta de contato social nutritivo transforma a comunidade num sistema fechado, autossuficiente, porém falso de oportunidades a seus integrantes, é vulnerável a conflitos e situações de violência. Um sistema ao promover resiliência pode funcionar como base segura para seus membros. Assim, como enfatizado por Carvalho (2013), a falta de base segura afeta o desenvolvimento de autoconfiança e autossegurança do indivíduo, mina suas estratégias de enfretamento ao adverso.

À vista disso, pela resiliência é possível compreender como diferentes sistemas de interação social, famílias, comunidades e sociedades constroem conexões e significados para o enfretamento de situações adversas ou inesperadas. Atributos físicos, sociais, psicológicos e espirituais de um ambiente podem ser fontes estimuladoras ou inibidoras de resiliência. Uma comunidade resiliente se caracteriza quando a empatia, compaixão, reciprocidade e solidariedade guiam as interações de seus membros. A qualidade dos vínculos relada sobre a resiliência do sistema e assim reciprocamente. Portanto, forma-se um ambiente, aparentemente, preparado para situações conflitantes e perigosas.

CAPÍTULO 5. MÉTODO

A presente pesquisa recorreu a abordagem qualitativa, de natureza básica, como classificada por Creswell (2014); teve como foco para análise um condomínio vertical fechado; e se desenvolveu por meio do procedimento de estudo de múltiplos casos, como definido por Baxter e Jack (2008) e Yin (2010).

Yin (2010) enfatizou que no projeto de estudo de casos múltiplos: o pesquisador escolhe múltiplos estudos de caso para demonstrar a questão, o conceito pesquisado; faz uso da lógica de replicação nos procedimentos para cada caso. Dessa forma, o investigador tem contato com diferentes perspectivas do tema explorado.

Esta pesquisa foi refletida a partir da perspectiva sistêmica, juntamente com o paradigma da pós-modernidade, que compreende a realidade como uma construção social que é significada pela linguagem, conforme Macedo (1994, 2014). Este estudo buscou a compreensão do significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia, sob as considerações teóricas de Bowlby (1982, 1984, 1984, 1985, 1989) sobre formação, transformação e rompimento de vínculos.

O pensamento sistêmico novo paradigmático, por suas características de complexidade, imprevisibilidade e intersubjetividade, possibilita a construção em conjunto da realidade pelo pesquisado e pesquisador; é o mais adequado para uma aproximação dos fenômenos relacionais intersubjetivos, que acontecem no grupo familiar devido acessar os significados concedidos por seus membros às experiências vivenciadas (MACEDO, 2014). Esse método também pode ser aplicado nas relações entre uma comunidade, se essa tiver uma representatividade.

No que diz respeito à realidade como construção da linguagem, Medrado e Spink (2004) defenderam que o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir de como comprehendem e lidam com situações e fenômenos em que se incorporam.

O construcionismo social identifica os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou comprehendem o mundo em que vivem, incluindo elas próprias (GERGEN, 2009). Esse paradigma atuou nesta pesquisa por apreender os

significados construídos nas relações dos moradores com o ambiente do condomínio, do bairro e da cidade. A partir desses significados, foi classificada e interpretada a qualidade das ligações formadas no ambiente.

5.1 Local da pesquisa

Os critérios de escolha do local da pesquisa foram:

- ser condomínio fechado;
- ter espaços de entretenimento e lazer coletivos, percebendo-se os locais coletivos como potenciais meios de socialização;
- contar com vigilância por meio de recursos físicos, tecnológicos e humanos; a diversidade de equipamentos de segurança pode fortalecer a percepção que uma pessoa tem sobre sua morada como um lugar protegido;
- contar com até sete torres, de maneira que possam ser identificadas e analisadas as vinculações tanto entre moradores de uma mesma torre como entre moradores de um mesmo condomínio; a ideia de até sete torres assegura um residencial que permita razoável proximidade física entre seus moradores, fator este a ser analisado dentro do processo de vinculação entre as pessoas de um lugar.

A pesquisadora contatou sua rede social para encontrar um local que se adequasse aos critérios de inclusão dessa pesquisa. Houve sugestão do condomínio e da primeira participante, o que caracterizou uma amostra de conveniência.

O local escolhido está numa área periférica ao sul da cidade de São Paulo, em loteamento parcialmente cercado, com muros na parte da frente e nas laterais. Há uma guarita, com porteiro e uma cancela desativada. Dentro deste, há diversificadas configurações de moradias, verticalizadas e horizontalizadas, unidades habitacionais isoladas, agrupadas, geminadas ou superpostas, todas implementadas num sistema de condomínio.

Possui uma pequena área verde, academia de ginástica, escola de natação, ponto de taxi, igreja e centro de conveniência, com açougue, mercado, *pet shop*, clínica odontológica e psicológica, restaurantes, padaria, papelaria. Aos sábados, há feira.

Há um ponto de ônibus quase em frente à entrada do loteamento, com uma avenida muito movimentada, percorrida por ônibus, automóveis e motocicletas. Esta via dá acesso ao shopping e à estação de metrô, com apenas sinalização horizontal de trânsito para atravessá-la.

A unidade de análise pesquisada correspondeu a um condomínio fechado vertical, o qual possui sete torres de cinco andares cada, com um total de 270 apartamentos. Esse foi nomeado nesta pesquisa de "Paraíso Francês".

Além de outros condomínios, o "Paraíso Francês" tem uma favela como vizinha, a qual está localizada na parte do loteamento em que não há muros. Do estacionamento do residencial, é possível ter uma ampla visão de toda essa comunidade, cuja grande parte das casas se encontravam em tijolo descoberto. Há um trilho que liga a favela à rua do condomínio; este sinaliza o trânsito de pessoas entre estes dois espaços.

5.2 Participantes

Os participantes deste estudo são ao mesmo tempo do condomínio escolhido. Para sua seleção, buscou-se por famílias residentes no lugar, as quais se conhecessem, de maneira que fosse evidenciada a relação de vizinhança, um tema que se faz importante para compreensão do vínculo formado com o ambiente de moradia.

Este estudo contou com cinco participantes que receberam os seguintes nomes fictícios:

1. Bordeaux, participante B;
2. Toulouse, participante T;
3. Carcassonne, participante C;
4. Marseille, participante M;
5. Aix-en-Provence, participante Aix.

O Quadro 2, na página a seguir, apresenta características dos moradores entrevistados do condomínio "Paraíso Francês", como: gênero, idade, profissão, estado civil, pessoas com quem divide a casa e o tempo de condomínio.

Quadro 2. Características Gerais dos Moradores Entrevistados

Participante	Gênero	Idade (anos)	Profissão	Estado civil	Pessoas com quem divide a casa	Tempo de condomínio
Bordeaux	Feminino	37	Síndica	Casada	Marido e os três filhos	cinco anos
Toulouse	Feminino	39	Atendente	Divorciada	três filhos (três meninos) e irmã mais nova de 34 anos	cinco anos
Carcassonne	Feminino	61	Aposentada	Divorciada	Sozinha	cinco anos
Marseille	Feminino	62	Aposentada	Divorciada	Com a mãe de 89 anos, acamada	cinco anos
Aix-en-Provence	Feminino	41	Boleira, salgadeira (faz salgados em casa para fora)	Casada	Marido e o filho (5 anos de idade)	cinco anos

Fonte: Dados da autora, 2018.

5.3 Procedimentos

Antes de iniciar as entrevistas, foram realizadas duas visitas ao local, uma para ambientação do bairro e a outra para conhecer o condomínio. A primeira visita foi realizada num sábado, quando acontecia a feira livre do bairro.

A visita ao condomínio ocorreu em dia útil da semana, no período da tarde, com receptividade de uma moradora, quem seria a potencial primeira entrevistada. Este contato também veio pela mesma rede social que nos indicou o residencial. A moradora mostrou seu apartamento e toda a área coletiva do condomínio; fez breve histórico sobre o local, abrangendo os cinco anos em que mora ali. Ela aceitou ser a primeira participante da pesquisa, e foi agendada outra visita com a finalidade de realizar a entrevista.

No dia da entrevista, ela desmarcou o encontro e disse que havia pedido ao zelador para indicar outra pessoa, pois estava sem tempo por ter surgido um trabalho

inesperado no dia. O zelador indicou a síndica do local, que foi a primeira participante deste estudo.

O andamento das entrevistas seguiu o procedimento da bola de neve (*snowball sampling*), descrito por Baldin e Munhoz (2011), em que o próprio participante identifica outro que perceba se encaixar no perfil da pesquisa, e assim sucessivamente.

Com o propósito de delimitar a suficiência dos dados e encerrar a etapa empírica, foi utilizado o critério de saturação (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; MINAYO, 2017) quando se considerou que as informações se tornaram reincidentes e deram mostras de exaustão. Na prática, quando se procedeu às sucessivas leituras do material para sua classificação, a saturação foi reafirmada, pois os vários ângulos utilizados mostraram que havia reincidência e confirmação dos dados coletados.

5.4 Instrumentos

Foram realizadas entrevistas individuais temáticas, com diálogos entre entrevistador e entrevistado, os quais possibilitaram ao participante falar sobre seu vínculo com o lugar onde mora, incluindo outros habitantes do residencial, os espaços físicos de uso coletivo, seu espaço privado (o apartamento), sua ligação com o ambiente integral do condomínio, com o bairro e com a cidade. O roteiro da entrevista temática está no Apêndice 1.

Foram aprofundadas, com cada participante, questões que refletem o para que e o como esse e sua(s) companhia(s) de moradia decidiu(ram) comprar e morar no residencial. A partir de tais informações, intensificou-se a compreensão do vínculo inicial formado pelo entrevistado com a atual moradia; pretendeu-se também verificar o quanto do lugar onde morava anteriormente interviu na decisão pelo lugar da morada atual.

Para avaliar a presença desses fundamentos na narrativa das participantes, foram investigados os seguintes temas:

- dados pessoais da participante;
- informações *a priori* do condomínio;
- a tomada de decisão sobre a moradia;
- a ligação do residente com sua morada;
- relações sociais construídas no ambiente de moradia;
- relações sociais construídas com o entorno do condomínio;

- tipo e qualidade do apoio percebido e associado pelo residente à sua moradia;
- sentido de segurança construído na relação da pessoa com sua morada;
- o significado dos muros do condomínio para seu morador;
- a relação do morador com a cidade;
- o passado e o presente do condomínio — a mudança do significado da moradia no decorrer do tempo.

5.5 Considerações éticas

Para realização dessa pesquisa, foram feitos procedimentos de acordo com o que é determinado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), segundo a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde sobre pesquisa com seres humanos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sob o protocolo de nº 50590115.4.0000.5482, em 15 de fevereiro de 2015, contemplando assim as exigências que regulam a questão.

Cada participante recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido e o termo pós-informado (no Apêndice 2). O termo pós-informado foi assinado em duas vias, permanecendo uma com o entrevistado e outra com a investigadora.

CAPÍTULO 6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bordeaux, B (tempo de entrevista, 59min 58s)

A entrevistada B não era contato inicial no condomínio. Foi indicado pelo zelador do prédio diante do declínio da moradora que inseriu esta pesquisadora nesse ambiente. O apartamento da entrevistada B fica no térreo; escolheu que a entrevista fosse feita na área externa e coletiva. Descreveu sua configuração familiar, casada, três filhos, todos moravam juntos. No dia seguinte, seria seu aniversário de 37 anos. B é síndica do condomínio, está no terceiro mandato. Logo, entrou na questão de seu trabalho, explicou suas funções e como as desempenhava. Já teve dificuldades maiores do que tem atualmente tem para gerenciar o local. Relatou que teve sua vida particular abalada pelas consequências do emprego, pois alguns moradores não sabem diferenciar seu trabalho do seu cotidiano, sua vida enquanto moradora do condomínio de suas atividades como síndica. Por diversos momentos disse: "Por ser síndica, eu me expus demais neste lugar".

Ela é natural da cidade de São Paulo, seu pai (falecido) era japonês; sua mãe brasileira (viva), com Doença de Alzheimer (DA) e natural de Minas Gerais; tem um irmão com quem, atualmente, tem pouca proximidade. A mãe mora em casa num bairro próximo a ela. Quando se casou foi morar nos fundos da casa dos pais, onde teve seus três filhos. A mãe continua lá, ela a visita e se queixa da falta do tempo em que podia contar com a mãe como apoio familiar.

Vivencia conflitos e competições no contexto laboral. Houve um movimento de alguns moradores organizado por uma pessoa que foi do conselho fiscal do condomínio para retirá-la, contudo a maioria dos moradores a elegeram novamente no último janeiro. Seu melhor amigo compõe o corpo diretivo do residencial.

Tem poucos vínculos no local, porém manteve com algumas amizades formadas mesmo depois de elas terem se mudado dali. Constitui com os síndicos do entorno uma rede solidária em que trocam experiências e conhecimentos práticos da profissão, como indicar alguma empresa de serviço

Os filhos estudam em escolas particulares; sua filha mais velha cursa universidade particular e tem um namorado que também mora no condomínio. Os filhos mais novos são quem mais usam para diversão e lazer o espaço

Seu sistema familiar passa por duas dificuldades, uma crise conjugal e o avanço da Doença de Alzheimer (DA) na mãe dela. Enfrenta problemas de saúde, tem tomado remédio para ansiedade, ganhou peso indevido no último ano e adquiriu hipertensão. Faz tratamento com psiquiatra, contudo não faz psicoterapia. Foi assaltada enquanto caminhava no bairro e sustenta planos de se mudar do condomínio e não voltar mais.

Toulouse, T (tempo de entrevista, 41min 20s)

B conduziu esta pesquisadora até o apartamento de T, contou sobre a pesquisa e a sugeriu como a próxima participante. T concordou em participar. Elas moram na mesma torre, porém em andares subsequentes.

No dia da entrevista de T, foi ligado no telefone dela para avisar sobre a chegada da pesquisadora no local, porém quando o porteiro ligou para a casa dela para verificar a autorização de entrada, um de seus filhos atendeu e disse que ela não estava em casa. O porteiro desligou e logo em seguida T ligou para autorizar o acesso ao residencial.

Na sala do apartamento, encontravam-se os dois filhos mais velhos, no início da adolescência, que jogavam no computador, e o cachorro de estimação deles. Da apresentação da pesquisa até a assinatura do TCLE aconteceu na sala junto aos filhos, quem podia escutar a conversa, então para propiciar privacidade e espontaneidade de respostas, esta pesquisadora convidou T para que prosseguissem num local onde houvesse silêncio e ninguém por perto. A entrevista aconteceu no jardim entre seu bloco e outro.

T tem mais três irmãos e é das mulheres a mais velha. Seus pais, ela e o irmão mais velho são naturais do Nordeste, os demais irmãos nasceram numa cidade do ABC paulista, onde vieram morar. Portanto, a história da família é marcada pela imigração do Nordeste para o Sudeste do país. Primeiro, veio seu pai, depois de dois anos sua mãe, enquanto T e o irmão mais velho ficaram com a avó materna em sua cidade natal. Então, depois de um ano, sua mãe os buscou para viver com eles em São Paulo.

A família permaneceu um tempo numa cidade do ABC Paulista, onde T se casou, morou com o marido e teve os filhos. Depois, ela e seu núcleo familiar se mudaram

para uma cidade ao lado de onde moravam, local onde a participante viveu até se mudar para o condomínio. Os pais e os irmãos ficaram na primeira cidade onde morou.

Sua mudança para este condomínio aconteceu em seguida ao seu divórcio, o qual descreveu como conflituoso sem entrar em muitos detalhes. T tem três filhos homens, os quais a acompanharam e moram com ela e com a irmã mais nova, quem é a proprietária do apartamento. Residem no segundo andar, num apartamento de três quartos, sala, cozinha e um banheiro. No total são cinco pessoas na casa e um cachorro. Antes de ela se divorciar, com a família morou num barraco de favela (como ela o chamou), onde relatou laços de amizades importantes, porém assistiu cenas de violência urbana, como atropelamento, assalto e soube de um caso de estupro de uma pessoa da rua em que morava.

Sua mudança aconteceu por motivo da relação dela com o ex-cônjuge, com quem não manteve contato; ele também não assiste financeiramente os filhos. Foi seus pais, irmãos e a cunhada quem decidiram por ela sobre a mudança deles para o condomínio. Esses familiares oferecem ajuda financeiramente a ela e aos filhos até porque está desempregada.

Diariamente, ela acompanha o filho mais novo a pé até a escola e aos mais velhos até a saída da área dos condomínios. A família tem um cachorro pequeno em casa, do qual gostam muito. Esse foi sugerido pela pediatra do filho do meio devido este ser muito sensível e chorar com facilidade. O cachorro de raça *shi tzu* foi presente da tia.

A participante tem proximidade e intimidade no convívio com alguns condôminos e com o porteiro. Os filhos dela formaram amizades com garotos da idade deles, têm o hábito de dormirem uns nas casas dos outros e, geralmente, T frequenta a casa dos pais desses.

Sua família participa das festas e ela ou a irmã acompanham a reunião do condomínio. Descreveu a vida no condomínio como uma 'benção', pois se sente livre e feliz. Focalizou interação social da família dentro do residencial.

Carcassone, C (tempo de entrevista, 1h 5min)

A entrevista de C começou por volta das 16 horas, com a duração de uma hora e cinco minutos. O apartamento dela fica no térreo; completaria 61 anos naquele mês; é natural da região Sul do país; graduada em Psicologia, trabalhou na área até o

nascimento do primeiro filho, depois seguiu como assessora parlamentar de um deputado; trabalhou na área de Direitos Humanos e sistema prisional. Está há 12 anos na cidade de São Paulo; divorciada; tem três filhos: um homem de 40 anos, casado, com um filho; uma mulher de 35 anos, casada; com um filho; e outro homem solteiro de 28 anos sem filhos. O mais velho mora num condomínio de luxo numa cidade próxima, a filha num bairro afastado e o filho mais novo está há seis meses num país da Ásia.

Demonstrou extroversão e habilidade para se comunicar e expressar suas ideias. Interessou-se pela pesquisa e fez algumas perguntas sobre o trabalho e a formação desta pesquisadora. A mudança para São Paulo envolveu a aposentadoria e o desejo de estar fisicamente próxima aos filhos. A filha quem a ajudou a escolher o imóvel e morou com ela até se casar, desde então, C mora sozinha. A escolha pelo apartamento se deu pelo valor e por ter gostado da estrutura desse. Nada sabia sobre a região, teve a experiência da moradia como o seu guia para se inteirar do contexto local, cujas revelações lhe causaram decepções e desagrados, pois soube estar na área da cidade conhecida por ter o maior índice de roubos de carros. Evita fazer caminhadas pelo bairro e usar o carro, utiliza serviços de um taxista conhecido. Percebe as relações interpessoais nesta cidade como afetivamente distantes; vê que as pessoas são ausentes na família e descuidadas com a cidade. Evita passar por pessoas em situação de rua que usam drogas, dormem nas calçadas ou pedem esmolas de frente ao hospital onde faz tratamento. Acha uma atitude desrepeitosa, falar alto ao celular dentro do ônibus, sendo isso um hábito de São Paulo e não de onde ela morava. Apesar de se queixar da educação de alguns condôminos por não saberem compartilhar espaços coletivos, de serem invasivos, ela percebe este condomínio como onde mais se socializou ao morar.

Marseille, M (tempo de entrevista, 2h 14min)

Marseille foi indicada por Carcassone, quem telefonou para ela para saber se poderia participar desta pesquisa. Mora há dois blocos desta, com o apartamento também no térreo. M foi receptiva com esta pesquisadora e expôs uma narrativa voltada a experiências pessoais do passado, com pausas para o seu choro.

M está no início da velhice, 63 anos; divorciada há 37 anos; tem 4 filhos, o mais velho com 44 anos, a filha com 33, um filho com 39 e outro de 38 e tem 5 netos.

Graduada em Pedagogia, trabalhou com educação infantil e está aposentada desde que se mudou para o local. Segue o espiritismo kardecista; cria dois gatos; a mãe de 89 anos mora com ela, está há três anos com Doença de Alzheimer (DA) e, atualmente, acamada em situação de terminalidade. M é a unica cuidadora dessa, se queixou de que não recebe ajuda nem dos filhos e de que os familiares se afastaram delas depois dessa doença.

M é acolhedora, gentil, com uma conversa mansa e calma; um olhar cansado, com olheiras aluzadas e profundas. A casa estava limpa, organizada, e decorada tom sobre tom, a cor da cortina combinava com a cor do carpete, com quadros na parede e enfeites na estante. Havia forte cheiro de éter no ambiente, o que lembrava o cheiro de hospital. A mãe se encontrava no quarto, de onde era possível escutar tosses e vômitos. Estava preocupada com essa porque naquele dia vomitava sangue, tinha medo de ela se engasgar e se sufocar com isso. Por isso, M estava em estado de alerta às necessidades da genitora.

M tem um único irmão vivo, o qual está doente. Ela não gosta de ter raízes nos locais, porém por causa da DA, se percebe fixada àquela casa, por isso, tem um sentimento de perda de liberdade devido a doença. Passa grande parte do tempo nesse local, pois evita sair e deixar a mãe sozinha, confia apenas na faxineira para olhá-la enquanto se ausenta. Com essa funcionária, constituiu laços de amizade e amparo, ela mora no mesmo bairro na área leste da cidade em que morou e isso as aproximaram. M demonstrou confiar muito nela.

Condomínio fechado já era uma opção de moradia de M, porém morava num com mais de vinte torres. Demonstrou apreço e saudade por essa região em que esteve por vinte anos. Sente falta do movimento de comércio local, do seu antigo trabalho e do contexto citadino de onde morou. Entende que sua moradia está ligada à duas mudanças bruscas em sua vida, à aposentadoria e ao adoecimento da genitora. Pela maneira como dedica seu cuidado à mãe, sente que desde que se mudou para este conodmínio não teve tempo de retornar ao lugar, de explorar e de sentir a nova morada, pois seu cotidiano segue o desenvolvimento da doença. O autocuidado dela é guiado por sua religiosidade, uma crença que tem sido fator de proteção ao enfrentamento da DA. M toma antidepressivo, contudo não faz acompanhamento psicológico e não tem ido ao centro espírita com a frequência como gostaria.

Encarrega-se de estar presente na vida escolar dos netos, uma vez que entende sobre educação infantil e gosta de opinar sobre isso. Um deles tem uma deficiência intelectual, então ela busca acompanhar o desempenho dele na escola. Estes a visitam no condomínio e a motivam a sair do apartamento para acompanhá-los na área de entretenimento e lazer. Estas situações são as produtoras de socialização à sua vida. Por fazer uso do transporte público interage com as pessoas no ponto de ônibus de frente ao residencial, algumas moradoras de seu condomínio ou de outro vizinho. Reconhece a preocupação de outros condôminos e dos funcionários para com ela e a mãe. Entende que a DA da genitora desperta a compaixão e a solicitude nas pessoas; outro fator que sensibiliza a vizinhança é M ser uma idosa que mora e cuida sozinha da mãe idosa e doente.

Aix-en-Provence, Aix (tempo de entrevista, 1h 36m)

Trabalha em casa, com doces, salgados e quintandas; havia muitas encomendas no dia desta entrevista, então esta foi realizada enquanto cozinhava e interrompida algumas vezes devido os fregueses irem buscar as encomendas ora no apartamento ora na portaria. A demanda por seus produtos pareceu intensa, pois naquele dia, houve muita procura.

De início, contou que ela mesma quem pintou a parte interna do apartamento e quem o decorou. Descontraidamente, disse que ela comprou os móveis e adereços e o marido pagou.

Aix tem 41 anos; é natural de uma grande cidade praiana em outro estado e foi criada num bairro tradicional desta; tem ensino superior incompleto, fez dois anos de Psicomotricidade, porém seguiu o trabalho de revendedora de semijoias; casada há seis anos com um paulistano, com quem tem um filho de 5 anos; sua família localiza-se dividida entre dois estados diferentes, os pais num estado e o irmão em outro. Este permanece na cidade natal de Aix. Ela está em seu segundo casamento; no primeiro também viveu em estado diferente do seu de origem e nesse permaneceu até se divorciar. Namorava o atual marido, quando engravidou e veio morar com este em São Paulo; para isso, deixou o emprego e uma rede social de amizade significativa. Confiou sua mudança no marido e morou na casa da sogra até o apartamento do casal ficar pronto. Recebeu as chaves do imóvel no mesmo dia em que o filho nasceu.

Ela tem amigos e colegas por todos os lugares onde morou, quatro estados distintos, incluindo o de agora, sendo que, em três, sua moradia se vinculou a um relacionamento amoroso, os dois rompimentos motivaram a mudança dela de cidade. Antes do atual, morava no estado de sua origem, apesar de não haver relatos amorosos envolvendo moradia, foi neste em que conheceu seu presente marido.

É comunicativa, desenvolta, participativa das atividades sociais do condomínio, reconhece o quanto seus amigos valorizam a sua opinião, evita falar sobre a vida particular com os outros moradores, porém sabe da vida pessoal de muitos destes, de quem recebe a confiança para se abrirem, desabafarem e pedirem sugestões. Ela gosta de viajar com o filho, sair com as amigas para shows e bares, negocia bem isto com o marido. Preza por vínculos em que haja liberdade e confiança entre os envolvidos. Admira os laços de compromisso, responsabilidade e carinho do marido para com o trabalho e com a família (ela e o filho).

Seu maior medo está relacionado a fantasias de uma possível morte do filho. Teme que seu carro seja roubado com esse dentro ou que ele seja atingido por uma bala perdida no trânsito. Gosta de passear com o filho, ir ao teatro, cinema, museu, à exposições e galerias. Não se identifica com a cidade de São Paulo, apenas com a paisagem e estética do condomínio. Entende que a cidade natal se apresenta como o melhor lugar de se morar, então, futuramente, idealiza regressar para lá.

6.1 Análise das narrativas

A análise das narrativas das participantes iniciou-se com a transcrição de suas entrevistas na íntegra. Dado o objetivo geral desta pesquisa de compreender o significado construído para os vínculos formados por moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia, buscou-se nos múltiplos casos escolhidos ou sistemas delimitados, uma descrição detalhada de cada um e dos temas referentes à noção do vínculo formado na inter-relação morador e ambiente de moradia, logo, caracterizando o apego ao lugar. Creswell (2014) sublinhou este procedimento de pesquisa como uma análise dentro do caso, seguida por uma análise temática entre os casos — análise cruzada — assim como asserções ou uma interpretação do significado do caso.

No processo de descrição, classificação e interpretação dos dados em códigos e temas, os nomes dos códigos elencados foram extraídos de nomes que melhor

descrevem o processo de vinculação do morador pelo condomínio. A estratégia analítica da pesquisa com os casos estudados identificou questões de cada um e procurou temas comuns que os transcendem.

Segundo Creswell (2014), os temas, também chamados de categorias são itens extensos de informação que se reduzem em diversos códigos incorporados para formarem uma ideia comum, "encaro esses temas como uma família de temas, com seus filhos ou subtemas, e com os netos representados por segmentos de dados" (CRESWELL, 2014, p. 151).

A análise temática possibilita uma leitura como um todo, visando não à interpretação dos fatos, mas dos significados que dão sentido às experiências expressas na narrativa (EZZY, 2002). Nesta estratégia de análise da narrativa são construídos "núcleos de sentido" inseridos na comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico proposto (BRAUN; CLARKE, 2006).

Ao ser focalizado o tema geral de cada discurso, emergiram espontaneamente subtemas que o particularizaram. Por meio dos temas gerais e subtemas comuns a todas as narrativas foi possível identificar a conectividade das narrativas. Posteriormente, unidades de significados extraídas do entrelaçamento de temas foram identificadas e denominadas. Finalmente, essas unidades conduziram a ideias centrais pertinentes à análise das narrativas como um todo, que foram articuladas com os pressupostos teóricos da teoria do apego, da perspectiva sistêmica e considerações do construcionismo social, ao considerar as narrativas como um produto do intercâmbio social, conforme frisado por Gergen (2009).

Foram levantados os temas gerais e subtemas expostos a seguir com suas descrições (Ver Quadro 3, adiante).

- a) A família: "histórico familiar"; "configuração e funcionamento da família"; "presença de familiares dentro do condomínio".
- b) Antes de morar no condomínio: foram consideradas as experiências de moradia das participantes antes de se mudar para a sua atual. Subtemas: "histórico de moradias"; "a morada anterior", vínculos contínuos ou intermitentes com outras moradas.
- c) Decisão de compra e mudança para a moradia: "informações a priori do lugar", atrativos do lugar ao morador", "metas de vida", "pessoas que

- participaram desta decisão"; "informações a priori do lugar; "deslocamento de cidade".
- d) Identificação com o ambiente de moradia: foram consideradas as características do lugar, reconhecidas pela participante como uma extensão dela. Subtemas: "paisagem e estética do lugar"; "o sentido de liberdade"; "pertencimento ao lugar"; "sentido de comunidade"; "desejo de permanecer ou de sair do lugar".
 - e) Redes de apoio: "rede familiar de apoio" "rede social de apoio".
 - f) Sentir-se em casa: foi considerado o significado atribuído ao ambiente que permite seu morador a sentir-se à vontade, ter paz e a desejar permanecer nesse. Subtemas: "tranquilidade", "vínculos entre os habitantes da casa"; "privacidade"; "sentir-se acolhida e protegida pelo lugar"; "satisfações no local"; "ser reconhecida como moradora do lugar"; "a casa ligada à constituição da família".
 - g) Vínculos com o entorno da casa e com o entorno do condomínio: foram consideradas neste agrupamento ligações de vizinhança formadas pelo morador tendo o condomínio como referência de localização. Foram observados os aspectos afetivos, morais, sociais e físicos das vinculações. Subtemas: "entorno da casa" (distanciamento e convivência, amizades, incômodos e desavenças, utilização de serviços disponibilizados por outros condôminos; amparo e acolhimento; o convívio com os funcionários); "entorno do condomínio" (a favela ao lado, os outros condomínios e o bairro).
 - h) Sentido de segurança construído para fora do condomínio: "episódios de violência vivenciados"; "medos e traumas"; "perigos e cautelas".
 - i) O sentido de segurança construído para dentro do condomínio: foram considerados as manifestações subjetivas e concretas da segurança que é percebida pela participante no espaço interno do condomínio. Subtemas: "perigos e cautelas", "liberdade de deslocamento pelos espaços coletivos"; "o significado dos muros e da vigilância"; "investimento e orçamento em segurança".
 - j) Lazer e entretenimento no condomínio: foi considerado o sentido atribuído às atividades de divertimento no local.

- k) Crenças e valores: foram considerados as crenças e os valores emaranhados nos sistemas de pensamento e de ação dos participantes e que se direcionam ao vínculo constituído com a moradia.
- l) O significado de ser morador de condomínio fechado: focalizou-se o significado atribuído pela participante à experiência de moradia dentro de condomínio fechado, dando ênfase nos aspectos socioculturais e psicológicos.
- m) Vínculos com a cidade: foram consideradas a frequência e a qualidade da relação da pessoa com a cidade. Subtemas: " contato com os espaços públicos da cidade", "confiança na cidade", "uso dos equipamentos públicos de saúde, educação e cultura".
- n) Mudanças ocorridas no tempo de condomínio: buscou-se compreender as transformações ocorridas no local, tanto as de aspecto físico, social e psicológico. Foram considerados os edifícios e os moradores. Subtemas: "mudanças no condomínio "; "mudanças no morador".

Quadro 3. Temas e subtemas de análise

Temas	Subtemas
Família	<ul style="list-style-type: none"> • Histórico familiar • Configuração • Funcionamento da família • Presença de familiares dentro do condomínio
Antes de morar no condomínio	<ul style="list-style-type: none"> • Histórico de moradias • A morada anterior • Vínculos contínuos ou intermitentes com outras moradas
Decisão de compra e mudança para a moradia	<ul style="list-style-type: none"> • Atrativos do lugar ao morador • Metas de vida • Pessoas que participaram desta decisão • Informações a priori do lugar • Deslocamento de cidade
Identificação com o ambiente de moradia	<ul style="list-style-type: none"> • Paisagem e estética do lugar • O sentido de liberdade • Pertencimento ao lugar • Sentido de comunidade • Desejo de permanecer ou de sair do lugar
Redes de apoio	<ul style="list-style-type: none"> • Rede familiar de apoio • Rede social de apoio
Sentir-se em casa	<ul style="list-style-type: none"> • Tranquilidade • Vínculos entre os habitantes da casa • Privacidade • Sentir-se acolhida e protegida pelo lugar • Satisfações no local • Ser reconhecida como moradora do lugar • A casa ligada à constituição da família
Vínculos com o entorno da casa e com o entorno do condomínio	<ul style="list-style-type: none"> • Distanciamento e convivência • Amizades, incômodos e desavenças • Utilização de serviços disponibilizados por outros condôminos • Amparo e acolhimento • Convívio com os funcionários • A favela ao lado • Os outros condomínios • O bairro
O sentido de segurança construído para fora do condomínio	<ul style="list-style-type: none"> • Episódios de violência vivenciados • Medos e traumas • Perigos e cautelas
O sentido de segurança construído para dentro do condomínio	<ul style="list-style-type: none"> • Perigos e cautelas • Liberdade de deslocamento pelos espaços coletivos • O significado dos muros e da vigilância • Investimento e orçamento em segurança
Lazer e entretenimento no condomínio	
Crenças e valores	
O significado de ser morador de condomínio fechado	
Vínculos com a cidade	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com os espaços públicos da cidade • Confiança na cidade • Uso dos equipamentos públicos de saúde, educação e cultura
Mudanças ocorridas no tempo de condomínio	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças no condomínio • Mudanças no morador

Fonte: a autora, 2018.

6.2.1 A família

Bordeaux mantém relações familiares estreitas e pontuais, com envolvimento intenso com os filhos, o marido e a mãe, por outro lado mantém restrito contato com seu único irmão. Seu marido e sua mãe se revelaram como figuras de ligação importantes na constituição do projeto familiar. Quando se casou, sua genitora a acolheu numa casa em seu quintal até ela e o marido levantarem fundos financeiros para comprar o próprio imóvel. Juntos, ela e o cônjuge, realizaram a meta da casa própria. Refletindo a teoria do ciclo vital familiar de Cerveny (2000), nota-se que, na mudança para o local, a família de B estava na fase de aquisição e, atualmente, está na fase de adolescente. Sobre o ciclo vital da família, a autora destacou que este não é linear: uma etapa pode se sobrepor e ocorrer concomitantemente a outra, incorporando afetos, percepções dos papéis e funções de cada membro, com a dinâmica das relações e o investimento emocional em constante mudança e reorganização, o que estimula a revisão e reorganização de valores, crenças e atitudes da família. À vista disso, essas transições afetam o mundo presumido (PARKES, 2009) de cada membro, fazendo com que a base segura (BOWLBY, 1989) de cada um seja repensada, o que altera a recursividade da inter-relação pessoa-ambiente (BASSANI, 2011) e a significação atribuída a essa relação. B tem passado por conturbações e desafios no sistema familiar devido aos sintomas avançados da doença de Alzheimer da genitora e à crise conjugal. No que diz respeito a conjugalidade, Sousa (2006) destacou que esta se constitui como um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. Então, por vivenciarem situações de crises, ambos os cônjuges se apresentam fragilizados para enfrentar os estresses intra e extrafamiliares, na relação tanto de um para com o outro e também para com os filhos, têm comprometido o papel de base segura que, conforme Bowlby (1989), se define por estes aprenderem a combinar confiança nos outros com confiança em si. Por causa do estado de saúde da genitora, B vivencia luto antecipatório (RANDO, 2000) com ausência de amparo materno às adversidades encontradas, questões estas que se revelam como uma somatória de perdas as quais agravam o sofrimento da participante, com vulnerabilidade na saúde mental, e se mostra antipática à socialização no condomínio. Na sua visão, associa os sintomas psiquiátricos e a necessidade de medicação aos problemas laborais e familiares, entendendo sua mudança do local como uma solução para o sofrimento.

Toulouse tem uma relação familiar ampla, harmoniosa e compassiva, em que membros são interdependentes e exercem influências recíprocas uns sobre os outros. Conta com a presença generosa dos pais e dos irmãos, uma vez que estes têm frequentes ações de dedicação e bondade para com ela e seus três filhos. Seu ciclo vital familiar tem características da fase de aquisição e da fase adolescência (CERVENY, 2000), uma vez que ela e os filhos se colocam num momento de reconstituição da vida após seu divórcio e mudança de moradia (família na fase de aquisição), devido ao fato de que dois de seus filhos iniciavam a adolescência (família na fase adolescência). Ela e a irmã constituíram um apego seguro por terem uma inter-relação de preocupação, cortesia e responsabilidade. T como forma de agradecimento ao acolhimento desta, se prontificou a cuidar da casa, lavar, passar e cozinhar. Os pais e os irmãos foram descritos como figuras adultas com funções executivas na proteção e educação de seus filhos, ainda pela participante estar desempregada e limitada das responsabilidades financeiras deles. A proximidade da idade dos filhos contribui para a coparticipação na fratria, vão à escola e brincam juntos e dividem um mesmo computador. T apresentou características de resiliência (LAM; GROSSMAN, 1997; WALSH, 2005) desde o histórico itinerante de sua família, um deslocamento espacial que produziu alterações físicas, socioculturais e psicológicas em seu contexto. A participante atribuiu à família a representatividade de base segura (BOWLBY, 1989), entendendo a parentalidade como o lugar de um afeto vital, o qual a tem motivado a vinculações no condomínio.

Carcassonne é ligada à conjuntura familiar, constitui com os filhos um vínculo materno baseado em harmonia, preocupação e cumplicidade. É uma significativa aliada dos filhos, ao inseri-los nas decisões de seu projeto de vida. Por objetivar proximidade e convivência com os eles, abdicou da carreira de sua formação e anos seguintes se deslocou da cidade natal para morar perto deles. Encontra-se tanto na fase madura como na fase última do ciclo vital da família (CERVENY, 2000), uma vez que os filhos estão todos adultos, independentes economicamente, vivenciam a maturidade familiar (família na fase madura) como está no início da velhice (família na fase última). É uma avó presente na criação dos netos, cuida destes na ausência dos pais. Todavia, os filhos não têm presença constante em sua moradia.

Marseille se mostra fortemente vinculada aos filhos e netos, gosta de participar, conhecer e sugerir na vida escolar deles. Assim como Carcassone, ela transita entre a fase madura e a fase última do ciclo vital da família. Uma característica da fase

última destaca por Cerveny (2015), evidente na narrativa de M, foi sua ligação às lembranças passadas: ela se localiza em contextos anteriores para falar sobre ela e seus vínculos. Faz uma reflexão sobre as ocorrências e os significados que atribui a estas num tempo precedente, uma circunstância em que mudanças e reparações drásticas são limitadas por não haver ciclos posteriores, o que a motiva a um mal-estar. M vivencia luto antecipatório (RANDO, 1980) pela DA da genitora em fase de terminalidade; relatou também estar com depressão, para qual faz tratamento medicamentoso. Seu pai representou uma figura de apego importante para ela e os filhos após o divórcio, possibilitando-lhes um ambiente acolhedor e próspero. Assim, ele assumiu sozinho a execução da parentalidade no contexto vivencial da família ao se responsabilizar pela proteção e pela educação da filha e dos netos — a filha disse que houve situações em que se sentiu irmã dos próprios filhos, todos pareciam filhos do pai dela. Compreende que, pela convivência paterna, pôde amadurecer e se fortalecer para se tornar uma figura de ligação (BOWLBY, 1982) importante para os filhos. No relato de convivência com a mãe, se mostrou afetivamente mais distante do que era com o genitor, com reclamação do gênio forte e teimoso dessa, porém mesmo com esses entraves, reconheceu o companheirismo desta ao se deslocar com ela de moradia; tiveram uma relação mútua de base segura (BOWLBY, 1989) até a instalação da DA. Esta doença trouxe rupturas ao elo de confiança e segurança entre elas, dando abertura a sentimentos de solidão e desamparo. As intermitentes visitas dos filhos e a falta de vida nas ruas de seu atual bairro, ou seja, restrinuida circulação de pessoas, faz com que a participante fique sem opções de distração e amparo diante do contexto da enfermidade que vivencia dentro da casa. Diante das múltiplas perdas geradas pela instalação e pelo desenvolvimento da DA, há comoção do mundo presumido (PARKES, 2009) e da base segura (BOWLBY, 1989) de B, o que transformou seu lugar de filha na diáde, a mãe depende integralmente dela. Tem guiado seu cuidado à genitora com demasiado senso de responsabilidade e de perda da liberdade, um cuidado altruísta visto na sua abdicação de metas e prazeres individuais, com a justificativa de prontidão às demandas da doença da mãe. Quando se ausenta de casa, carrega sentimento de culpa por ter deixando a mãe sob os cuidados da diarista, e busca regressar o mais breve possível para casa. Essa sobrecarga de papéis e funções causou danos físicos, psicológicos e sociais em M, o que evidencia que esta sofre de estresse do cuidador. Entende que muitos familiares

se afastaram por desinformação, falta de orientação e até mesmo pelo estigma social da DA.

Aix-en-Provence tem uma família nuclear composta por ela, o marido e o filho; com estes, mantém uma relação de carinho e admiração; elogiou o cônjuge pela dedicação ao trabalho e à família e ressaltou a responsabilidade e beleza do filho. Este é modelo mirim, faz propagandas na TV e é conhecido no local por isso. Consta na fase de aquisição do ciclo vital da família (CERVENY, 2000), uma vez que tem um filho criança e um projeto familiar a ser concretizado, envolvendo bens materiais do casal. Há a presença de diálogo e negociação de interesses na relação conjugal voltados ao contexto familiar e a singularidade de cada um deles. Aix passeia ora com o filho, ora sozinha, e mantém programação social com as amizades. Com a família de origem, conserva uma ligação reduzida pela distância física, pois os pais moram num estado e o único irmão, em outro. Mantém uma relação fraterna sem intimidades, porém com carinho e zelo, haja visto que ela e o irmão ficaram anos sem se falar por um desentendimento e retornaram o contato devido a uma situação de doença na família: o pai adoeceu e necessitou do apoio financeiro deles. Sobre mudanças nas formas de organização familiar, Minuchin (1990) destacou que papéis familiares, objetivos, interesses individuais, parental, conjugal, fraternal, constituindo hierarquias e poder, afetam as relações interpessoais dos seus membros, transformando a eles e aos seus vínculos. Assim, por um propósito do sistema familiar, Aix e o irmão modificaram a maneira de estar com o outro, uniram-se para atender ao pai. Interage bem com as sobrinhas e incentiva a convivência do filho com elas, que os visitam no período de férias.

Portanto, associando as narrativas das participantes ao tema "família", observou-se que o funcionamento do sistema familiar atua fortemente nas relações de moradia e vizinhança e na conectividade com a cidade. Foi possível detectar semelhanças no funcionamento familiar de alguns dos entrevistados, por estarem em um mesmo ciclo vital da família, pela semelhança de configuração familiar e pela proximidade física e intimidade com entes queridos desse sistema.

Nos casos de B e M, a presença e o tipo da doença na família afetam a constituição dos vínculos familiares e sociais, incluindo aqueles direcionados à moradia. Ambas vivenciam luto antecipatório (RANDO, 2000) por DA da genitora, mostram-se desconsoladas pela ruptura do vínculo que haviam constituído com esta, de companheirismo e amparo familiar. O desenvolvimento da doença à condição da

terminalidade produziu nas participantes uma sensação de falta, a qual tem sido central em suas vidas, gerando tristeza e ansiedade agudas. Em situações de luto antecipatório (RANDO, 2000), o fortalecimento de vínculos pode ser fator de proteção ao sofrimento do cuidador; contudo, ambas as participantes limitam o contato social, sobretudo M, ao passo que B é impulsionada à interação pelo trabalho realizado no local. Apresentam em comum o desejo por um futuro fora do condomínio, entendendo nisto o alívio para o sofrimento familiar e a possibilidade de retomar a uma moradia com alegrias e liberdade de espaço.

C e M inseriram os filhos no projeto singular de vida, pois, ao tomarem decisões sobre a compra da moradia, consideraram as opiniões deles. Na fase última do ciclo vital, com uma rede social reduzida, elas têm como principal apoio os filhos e o prazer de receber e cuidar dos netos em casa. A presença dos netos as incentiva à socialização nas áreas comuns. Apesar de estarem na mesma cidade que os filhos, os sentem ausentes por não as visitarem com a frequência que gostariam.

B e Aix mantêm uma fratria sem proximidade e intimidades, ao passo que T tem um laço de cuidado, carinho, generosidade e gratidão pelos irmãos. M tem apenas um irmão vivo o qual está doente e C não falou sobre irmãos.

B e T têm três filhos, entre crianças e adolescentes, morando com elas. Representam uma importante base de afeto e cuidado deles, os acompanham nas atividades sociais no condomínio, sendo T a única a acompanhá-los na interação com a vizinhança. Ambas atribuíram sua satisfação com a moradia à felicidade dos filhos, aovê-los crescerem, brincarem alegres e seguros no local. Assim, o significado do lugar na vida dos filhos interessa ao significado que estas mães atribuíram aos vínculos com o ambiente.

A partir da aproximação e comparação das narrativas sobre o tema "família", observou-se que a organização e o funcionamento familiar trazem implicações na relação de seus membros com o ambiente, sobretudo naquele em que estes inscrevem experiências significativas. A família tem papel imperioso na capacidade de os membros sobressaírem às adversidades, motiva nestes a reatualização do mundo presumido (PARKES, 2009), de maneira que encontrem base segura (BOWLBY, 1989) nas relações e desenvolvam em si a capacidade de resiliência (CYRULNIK, 2004; WALSH, 2005).

6.2.2 Antes de morar no condomínio

O histórico de moradia de Bordeaux retrata o apego seguro materno, o qual não é mais possível pelo avanço da DA. Antes de morar no condomínio, ela sempre esteve próxima a mãe, pois até mesmo depois de casada e com filhos ficou numa casa no quintal dessa. Assim, falar sobre os locais por onde residiu é retomar a memória de um apoio familiar muito importante, o qual, atualmente, está bastante fragilizado pelo contexto da doença. A casa da genitora foi o porto seguro para a família, o que retoma ao que Macedo (1994) defendeu sobre a família ser o lugar mais seguro para o indivíduo crescer, se empoderar e se conscientizar. A mãe ainda estar onde morou é o que mantém o vínculo de B com esse local.

O histórico de moradias de T se traduz por diversas rupturas e encontros com entes familiares afetivamente próximos, o que evidencia experiências de lutos (FRANCO, 2014, 2016, 2018) por pessoas, lugares e por relações transformadas. Logo na primeira infância, sua figura de ligação oscilou entre os pais e a avó, se separou dos pais, morou com a avó e o irmão mais velho por um ano até a mãe buscá-los para uma cidade na região do ABC paulista. Esse rompimento com figuras de apego significativas ainda na primeira infância, conforme Bowlby (1985), têm impacto transcendentel ao processo de desenvolvimento humano. Parkes (2009) enfatizou que abalos nas figuras de ligação no início da vida pode motivar o desenvolvimento de resiliência (RUTTER, 1987; WALSH, 2005) ao preparar a pessoa para enfrentar circunstâncias adversas e difíceis em fases posteriores de seu desenvolvimento. Portanto, os deslocamentos de moradias de T estiveram associados a transformação de vínculos familiares, inclusive o do seu divórcio, o qual foi a uma das justificativas de ela, com os filhos, se mudarem de cidade e estarem neste condomínio. Sobre o passado, depois de casada, ela morou na casa aos fundos da residência dos pais, após isso, no "barraco de favela" (como ela o chamou) até chegar onde está. Esta é sua primeira experiência em apartamento e em condomínio fechado, porém o ineditismo não intimidou de se socializar no local, até porque os laços de vizinhança reforçam sua sensação de segurança no local.

Carcassonne mostrou que se importa com a segurança e vigilância do local onde mora, visto que sempre teve o condomínio como sua opção de moradia. Viver neste tipo de configuração espacial se apresenta como habitual a ela, o que facilitou sua adaptação a esse, porém, classifica a mudança de residência como uma nova

experiência de vizinhança, pois percebe diferenças na maneira de as pessoas se relacionarem entre si, com este condomínio e a cidade. Tem admiração e saudade da morada anterior, a qual ocupa um lugar de sua cidade natal, onde se casou, nasceu seus filhos, trabalhou e participou de projetos sociais sobre direitos humanos em que exalta sua atuação, viveu ali até se aposentar. Sua memória de lugar narra sua identidade pessoal e profissional. Repetiu várias vezes ser da região sul do país, o quão mostra o seu pertencimento e apego ao lugar (GIFFORD; SCANNELL, 2010; LEWICKA, 2010) por essa; já com a morada atual constitui um apego evitativo ([BOWLBY,1984a; 1984b](#)) um laço de não pertencimento, não identificação por não ter suas expectativas atendidas no local. Ao comparar a morada atual com a de antes ela se angustia e frisa sobre seu desejo de se mudar dali.

A ligação de Marseille com a moradia anterior tem sido medida de comparações entre esta e a atual. Sente falta do dinamismo da rua, da presença de comércios, transeuntes e moradores pelo bairro. Uma movimentação de pessoas e serviços que proporciona segurança e aquece afetivamente o espaço, dando o que Jacobs (1961) chamou de "vida às ruas". Não há locais para ela visitar onde mora, as ruas não são convidativas a passeios ou comercialização, assim não tem a mesma motivação e prazer para se interagir com esse como tinha com o anterior. A moradia que trouxe como sua no discurso foi a da região leste da cidade, um local que percebe se pertencer, se disponibiliza a conectar seu afeto e pelo qual firmou um apego seguro ([BOWLBY,1989](#)). A própria manutenção do lugar anterior como o ideal para morar representa uma maneira de ela manter um elo com este. O relembrar como uma maneira de revistar, retomar a vínculos e afetos vivenciados ali, o que mais uma vez faz uma alusão ao conceito de vínculos contínuos (KLASS; SILVERMAN; NICKMAN,1996).

Aix-en-Provence morava em edifício, numa área arborizada e num ambiente que motivava um contato habitual prazeroso com a rua e com o bairro. Não havia equipamento de lazer e entretenimento onde morava e todo o divertimento se direcionava à cidade, às praias, às praças, a caminhar pelo bairro e a interagir com as pessoas. Entende que o vínculo com o contexto urbano a unia aos moradores desta, uma familiaridade de lugar que proporciona a ela a confiança e o interesse por socialização, inclusive com desconhecidos que frequentavam locais comuns a ela. Presta seu carinho e homenagem a cidade natal por meio da imagem de um ponto turístico do local, mundialmente reconhecido, tatuado ao corpo, como maneira de

manter o laço mesmo por não morar mais ali. A tatuagem representa um vínculo contínuo pela imagem fixa ao corpo, quando sente saudade, olha o desenho e sente-se próxima desse lugar estimado.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "antes de morar no condomínio" observou-se uma ligação entre a instalação na moradia atual com os significados atribuídos às experiências com moradias anteriores, sendo considerados os laços com a casa, vizinhança e cidade. Nota-se que algumas participantes falaram mais, outras menos sobre as residências anteriores, dando evidências por meio de suas narrativas às memórias de lugar.

M, Aix e C já tinham uma experiência prévia de viver em condomínio fechado. Não falaram muito sobre o prédio onde viviam nem das relações de vizinhança (WEISS et al., 2008), mas trouxeram elogios e boas lembranças da área onde este se situava, M e Aix no bairro e Aix na cidade e nas amizades. Todas elas apresentaram como sua referência de lugar, a morada anterior, a paisagem e a estética desse junto às inter-relações pessoas e ambiente; trata-se de um contexto pelo qual se identificaram, se perceberam pertencer, têm saudades e utilizam como parâmetro para as relações com a atual morada.

B, T e Aix têm a trajetória de moradias ancorada no desenvolvimento de seu projeto familiar, sendo os filhos a principal motivação do deslocamento para este condomínio. Aix e T formaram amizades onde residiram, relataram com carinho e saudade a vizinhança e o bairro; elas os utilizam como a referência de seus valores de socialização, porém apenas Aix tem planos de regressar para onde morou.

À vista disso, o vínculo pode não ter matéria, pode ser atemporal e ter seus significados submetidos a um processo de ruminação, em que estes são retomados à lembrança e ressignificados ao contexto ambiental recente. Vinculações do passado influenciam aquelas do presente, o que traz uma ideia de que o significado de vivências atuais pode se traduzir em uma prestação de conta do vivido.

A história com os lugares envolveu mais que vínculos com pessoas, mas também o espírito do lugar (SIMMEL, 2005), as motivações de estar em contato com a casa, com a rua e com o bairro. Sentem falta de conexão com o espaço público, da receptividade ambiental, a qual alia a agradabilidade estética com a sensação de segurança; sentem recepcionados pelo condomínio, porém não pelo bairro.

6.2.3 Decisão de compra e mudança para a moradia

A experiência de Bordeaux neste condomínio é um produto do projeto familiar, cujas escolhas foram tomadas por ela e o cônjuge, o que significou o apartamento como um desejo do casal. Ficou triste por deixar a mãe sozinha na casa, porém entendeu que o imóvel próprio os daria independência e privacidade. Para a compra do apartamento, ela juntamente com o marido, avaliaram neste, segurança, conforto e custo. A comodidade aos filhos também foi considerada, assim ter lazer e entretenimento estimulou o interesse deles pelo imóvel. A propriedade da casa trouxe a eles sensação de segurança econômica, um aspecto importante na constituição de base segura (BOWLBY, 1989) para o sistema familiar de B, uma vez que o imóvel fortaleceu a união do casal por proporcioná-los um espaço íntimo.

Ao se mudar para o condomínio, Toulouse buscou por acolhimento, resguardo e fortalecimento do seu núcleo familiar. Sua mudança para o local foi sugerida por seus pais e irmãos e ela a aderiu, mostrando respeitar e validar a opinião destes sobre sua vida. Entende que na casa da irmã ela e os filhos têm conforto, segurança e união familiar. A hospitalidade dessa se desvelou como fator de proteção ao restabelecimento social e psicológico deles e, por proporcioná-los a sensação de uma vida protegida e feliz, contribui para representatividade dessa moradia como a base segura (BOWLBY, 1989). Antes de se mudar, ela apenas soube da localização do condomínio em relação a escolas e transporte público, o que mostra o quanto se manteve preocupada com os filhos na mudança de cidade.

A compra e mudança de Carcassonne veio da ruptura com os laços de trabalho, já que havia se aposentado, e do desejo de viver mais próxima dos filhos, então, como todos estes estavam em São Paulo, ela veio para esta. C deixou a base segura (BOWLBY, 1989) constituída com a cidade natal e onde viveu até sua velhice em busca de um envelhecimento com a base segura familiar. Quis continuar morando em condomínio fechado e que estivesse dentro de sua viabilidade financeira, assim a estrutura física e o preço do imóvel foram os requisitos da busca por uma nova morada. O fato de não ser habitual a ela se preocupar com segurança de cidade ou de bairro, pois disse que isso era desnecessário onde morou, trouxe a ela uma confiança na cidade pela qual não pesquisou sobre o contexto sociodemográfico de onde moraria. Sua percepção de lugar seguro para se morar, a qual foi constituída pela experiência com a cidade anterior, possibilitou que ela seguisse com a segurança

para escolha de outro local para morar, mesmo que isto representasse mudança de cidade. Acredita que preocupação com segurança de rua é um cuidado de outro departamento, que não fosse o dela, a preocupação dela era com o condomínio, sobretudo com a casa. Assim sendo, a filha quem pesquisou o local e o apresentou a ela. A proposta de um condomínio fechado dentro de um bairro semicercado, a estrutura e paisagem do imóvel, e principalmente o preço atenderam seu interesse de compra, sendo esta um ótimo negócio. Conheceu o entorno do local depois no decorrer de sua vivência nele, soube da história, do nome correto do bairro, do índice de criminalização, sendo a área da cidade conhecida por ter a maior listagem de roubos de carro. Reconheceu que se deixou levar pelo preço e pela aparência do imóvel e se arrependeu da compra e da mudança. A medida que foi se informando sobre o território, foi redirecionando os seus hábitos e o estilo de vida, deixou as caminhadas que fazia sozinha ao ar livre, com o intuito de evitar assaltos e roubos e evita usar o carro, anda de taxi. Essas realocações no seu cotidiano e as decepções com relacionamento de vizinhança tem motivado sua vontade de se mudar dali.

A compra e mudança de Marseille para o local, assim como C, ocorreu em sequência ao rompimento de vínculo com o trabalho, pois se aposentou e os filhos quiseram dar a ela de presente, o apartamento próprio. Ela não havia se preocupado com isso, mas eles acharam fundamental ela ter o imóvel e com a avó morar próxima a eles. Escolheram o imóvel num bairro em que ela e a mãe haviam morado no passado, então M o visitou e concordou com a compra. A sensação de familiaridade com este e a companhia da genitora foram fatores de proteção ao luto de mudança de moradia. Entendia também que precisaria de mais ajuda nos cuidados com a mãe; a proposta de estar com os filhos por perto seria uma prevenção ao bem-estar delas, portanto, a garantia de rede de apoio.

O projeto familiar de Aix-en-Provence, motivado por sua gravidez não planejada, fundamentou sua mudança de cidade e a compra do imóvel por ela e o marido. Esta mudança de ambiente repercutiu em descolamento de planos pessoais e profissionais, uma vida de casada e um redirecionamento da carreira num local em que seu único apoio seria o marido. O apego seguro (BOWLBY, 1989) constituído com o marido possibilitou que ela, apesar dos medos e receios por estar em local desconhecido, se possibilitasse a um novo projeto de vida ao lado do pai do seu filho e quem prometeu carinho, conforto e cuidado. Diante das transformações oriundas da vida em São Paulo, Aix precisou reestruturar seu mundo presumido (PARKES, 2009)

a buscar por redes social de apoio (SLUZKI, 1997), características da cidade e do condomínio pelas quais pudesse se identificar, para ter por aliviado o luto de mudança de lugar, porque por mais que a constituição da família representasse muito para ela, o amor pela cidade natal era intenso. O marido se apresentou como motivação e amparo da mudança dela, sendo ele o responsável por todas informações e avaliação da localidade do imóvel. Ele escolheu continuar próximo de onde morava antes com a mãe, o que evidencia sua validação ao vínculo familiar e a concordância e respeito de Aix por isso. Mesmo com a mudança repentina, Aix cuidou de se despedir dos amigos com uma festa de "*open house*" em que pôde significar a mudança de cidade e a formação de um novo lar, com a participação de pessoas estimadas. Essa celebração motivou uma significação otimista para a sua partida e a sua inserção a outro contexto, o qual estaria casada e morando em outra cidade.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "Decisão de compra e mudança para moradia" observou-se que a dimensão espacial, a paisagem estética e a proposta de segurança do local foram vetores atrativos à instalação das participantes nesse. A participação da família no processo de mudança foi comum a todas, o que evidencia o quanto essa é fonte de segurança e apoio delas. Em alguns contextos, os filhos; outros, os pais ou o cônjuge; participação essa seja por meio de ajuda financeira, orientação sobre a localidade ou motivação para a mudança.

B e Aix tiveram a aquisição do imóvel ligado ao projeto familiar, a constituição e desenvolvimento da família, tendo o apoio do cônjuge para a busca do imóvel. T também atrelou ao lugar uma função ligada à família, porém o apoio na decisão pela mudança veio dos pais e irmãos. A receptividade ambiental ao desenvolvimento dos filhos foi uma condição de escolha do local pelas participantes. Estas buscaram por um local onde esses pudessem crescer seguros, brincar, se divertir, ter interação social e se manter próximos do cuidado delas.

M e C tiveram a aquisição do imóvel atrelado ao seu projeto de vida, um laço de moradia constituído após o rompimento com o tempo de trabalho, ambas se aposentaram e foram viver sua velhice mais próximas dos filhos. Tiveram a colaboração dos deles para a busca e escolha do imóvel. Elas optaram por apartamento no térreo como prevenção às dificuldades físicas futuras dessa fase da vida, ainda mais M que estava acompanhada da mãe. A mudança repercutiu em rupturas de vínculos importantes com a morada anterior, sentem falta do contexto sociocultural e ecológico de onde viveram. M sabia para onde estava indo ao passo

que C sabia apenas sobre o condomínio para onde estava indo. Assim, para ambas, os filhos e netos se mostraram figuras de ligação relevantes na decisão delas por esta moradia.

Por mais que as participantes tenham vindo de diferenciados destinos, sua chegada ao condomínio se converge no desejo por um local que as resguardasse da criminalização urbana e as proporcionasse uma vida alegre e segura e em família. As características do condomínio tiveram maior peso que aquelas do entorno, pois se preocuparam mais com sua segurança em casa do que no bairro; todas se mostraram focalizadas em seu projeto de vida aliado ao seu ciclo vital.

Isto posto, a atratividade do local às participantes retoma ao que Raymond, Brown, Weber (2010) ressaltaram sobre a relação entre o vínculo de lugar com as funções deste para o morador. Para os autores, a função do lugar é que determina a aproximação e a manutenção das ligações das pessoas com os locais. No caso das participantes, este foi determinado pelo conforto, bem-estar, segurança e oportunidade de um funcional desenvolvimento da família, pela proximidade física com os filhos, pelo distanciamento de riscos ou conflitos presentes do lado de fora e tidos em outros contextos, como visto no caso de T. Em síntese, o reforço de segurança no projeto de vida seja o individual ou familiar compôs a centralidade da justificativa da aquisição e instalação das participantes no imóvel.

6.2.4 Identificação com o ambiente de moradia

Bordeaux se conectou fortemente à estética e à paisagem do bairro onde se constam os condomínios, sobretudo ao que mora e demonstra-se orgulhosa por participar do cuidado desse espaço. Porém, o trabalho de síndica tem restringido sua liberdade, pois se sente perseguida por condôminos que desejam retirá-la do cargo agredem sua privacidade familiar. Ela demonstrou intensa persecutoriedade ao considerar que há vizinhos que desejam o mal a ela, ansiedade e desapontamento com a moradia, seu lado de moradora apareceu como mais ferido do que o profissional, até seus filhos são penalizados, pois por serem os filhos da síndica não podem fazer uma peraltice comum a toda criança. Percebe coibidas sua espontaneidade e sua liberdade de estar nos locais coletivos, com isso não se percebe pertencer (TUAN, 1987/ 1977) e tem o sentimento de comunidade (BAUMAN, 2003) fragilizado, pois sua identidade pessoal como moradora não é identificada nem

confirmada no local. B constitui um apego ansioso (BOWLBY, 1984) com o ambiente, não o tem como base segura (BOWLBY, 1989), está sempre desconfiada e apreensiva em suas relações sociais no local, manifestou o desejo de se mudar dali, mas o trabalho e a representação do local para os filhos a mantém no condomínio.

O sentido constituído por Toulouse para sua moradia trouxe a esta a representatividade de liberdade, sossego e felicidade. Uma segurança e bem-estar que a possibilitam a perceber o local como "o seu lugar", percebe se pertencer, identifica a história de alguns moradores com a sua — assim como ela, vieram da "simplicidade" (dito por ela) —; confia no porteiro a ponto de fazê-lo sua referência de segurança no local. Tem apreço por esse funcionário e o fez a referência de sua segurança. Por viabilizar a ela e aos filhos morar com segurança comodidade, ela aprendeu a confiar no condomínio e tem interesse por se socializar com os outros moradores, principalmente com aqueles que são pais dos amigos de seus filhos.

Carcassonne não se identifica com o condomínio, sobretudo com os outros moradores. Enxerga divergências de valores, crenças e atitudes entre eles, considera faltar nestes, o bom senso e a educação necessária ao se compartilhar um espaço. Apesar da socialização constituída no condomínio, ela nega o ambiente da cidade, com descrédito ao mesmo pelas comparações deste com sua cidade de origem. Apesar de morar no local há cinco anos, formou laços pontuais, os quais são acessados como medida de segurança diante de situações extremas, como doença, acidente ou alguma outra emergência. Seus amigos são a enfermeira, o policial, o porteiro e o zelador. Colocou-se no lugar de uma estranha no ninho alheio, sente-se deslocada, pois não percebe o ambiente como uma extensão dela, este não se liga ao seu *self*. Desacordou com a maneira como a vida coletiva é organizada dentro do condomínio, pois há demasiadas fofocas e intromissões. O fato de ela estar com o apartamento à venda confirma a insatisfação com o local e a meta de mudança.

Marseille se importa com a comunicabilidade entre o morador e o bairro; gosta de estar em movimento pelo espaço, mas está indisponível para isso devido a seguridade falha do entorno e pela autocobrança de se manter em casa cuidando da mãe, portanto sua liberdade de lugar se combina a essas duas condições. A estética do ambiente é inóspita a ela; acha o bairro feio, as ruas vazias, jovens com roupas estranhas, largas, hipercoloridas e boné. Isso ativa seu estado de alerta, por associar a maneira de se vestir destes com a criminalização. Um estereótipo para a imagem da criminalização juvenil, o qual pode ser fator de risco à socialização. Está insatisfeita

com algumas regras do condomínio, como a burocracia imposta para intervenções diretas do morador no jardim; ela plantou uma flor sem consultar outros moradores, então a retiraram. Significou o ocorrido como afrontoso e agressivo, um desapontamento que somado ao luto antecipatório (RANDO, 1999) intensificou sua sensação de não pertencimento (TUAN, 1983/ 1977) de que não participa do local. Em relação ao vínculo de lugar, Proshansky (1976) ressaltou sobre a noção de identidade de lugar e a personificação do lugar serem processos complementares, que juntos evidenciam a apropriação do espaço. M não se percebe inserida num coletivo.

No caso de Aix-en-Provence, a identificação com o ambiente de moradia envolveu concomitantemente dois processos, a construção da identidade familiar e a de lugar. A coincidência entre a datas de entrega das chaves de seu apartamento com o nascimento de seu primeiro filho trouxe ao local a representatividade de o marco do surgimento da família. No primeiro contato com São Paulo, se desapontou com ambiente sem cor, achou as pessoas exacerbadamente impacientes e aceleradas, questões estas que colidiram com seu método de dirigir seus vínculos na cidade. Repensar sua relação com o contexto urbano se mostrou um exercício psicológico, físico e social que demandou resiliência (RUTTER, 1987; CYRULNIK, 2004), um reajuste a um novo ambiente, que também a induziu a revisar seu mundo presumido (PARKES, 2009). Seu *self* se desvela conectado a cidade precedente a esta, constitui uma filosofia de vida local expressa até em seu jeito de andar; disse ter sua naturalidade reconhecida em seu condomínio devido o arrastar do seu chinelo, uma ideia que aproxima o movimento do corpo ao lugar de origem ou pelo qual a pessoa se mostra identificada. Assim, fez de sua identidade de lugar (PROSHANSKY, 1976) uma base segura (BOWLBY, 1989) para se situar, se movimentar e se manter presente, nos espaços para além daquele de sua origem. Aix é autoconfiante, desenvolta e independente nas relações socioambientais, se caracterizou como uma pessoa "virona", ou seja, que acompanha bem os contextos. A agradabilidade estética (LEWICKA, 2010) e a presença de área verde são aspectos físicos do condomínio que arejam seu laço com este e tem sido um fator de proteção à frustração produzida na relação visual com a cidade, que descreveu como feia e sisuda (adjetivo utilizado por ela), inclusive considera a moradia como o local do desestresse. Sente-se muito cansada quando tem que sair de seu condomínio. A personificação do espaço (POL, 1996, 2002), a partir da atuação de Aix na pintura das paredes, na escolha e

organização da decoração do espaço permitiu que ela percebesse este como uma autêntica propriedade sua, a qual a representa tanto subjetivamente como visualmente. Ao se identificar, sentir-se pertencer, percebe-se amparada, seja em ocasiões de insegurança ou cansaço, ela estabelece com o local uma ligação de confiança (BOWLBY, 1982), percebendo este como figura de proteção e de apoio.

Isto posto, integrando as narrativas das participantes ao tema "Identificação com o ambiente de moradia" notou-se que o senso de liberdade seja para se deslocar e intervir fisicamente no local favorecem a integração e o bem-estar das pessoas no ambiente. Por mais que haja queixas da limitação dessa atuação no espaço, ocorre uma proveitosa comunicação entre o morador e o condomínio devido a morfologia do interior desse. Todas as participantes demonstraram gostar da estética e paisagem do condomínio, do jardim, da amplitude dos espaços abertos

M e C se queixaram da ausência de elevador; consideraram que o local não pode assistir o envelhecimento dos moradores; com o tempo, estes vão embora em busca de locais mais confortáveis. Por isso, optaram por apartamento no térreo.

Para C, T, M e Aix, a seguridade do local motiva a sensação de liberdade ao transitar pelas áreas coletivas e ao se relacionar com a moradia. Sente-se com liberdade reforçada por se perceberem protegidas. Já para B a liberdade no espaço tem sido desafiada pelas afrontas ao seu trabalho.

B, C e M têm planos de um futuro fora deste condomínio, em algum local bem estruturado, confortável e localizado num bairro que seja satisfatório, ou seja, que as proporcionem menos sensação de insegurança que este atual. No caso de M, um local adequado precisa ser movimentado por comércio e pessoas. Por outro lado, T e Aix estão satisfeitas com sua moradia e apresentaram desejo de permanência. Aix gostaria de voltar a viver na sua cidade natal pela falta que sente da receptividade ambiental do contexto urbano ao seu morador.

T e Aix obtiveram relações sociais próximas e íntimas que possibilitaram a elas constituir um sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991) ao possibilitar tanto a transformação do indivíduo como do ambiente. Esse recurso afetivo se revela fator de proteção à constituição de base segura (BOWLBY, 1989) no local e a instalação de rede de apoio na inter-relação socioespacial.

À vista disso, há uma relação identitária entre morador e morada, visto na ideia de que o local pode representar a pessoa e há muitas características materiais e subjetivas desta nesse. Os vínculos aparecem como medida de avaliação de

identificação com o lugar, como ressaltado por Simmel (2005), o "espírito do lugar" intercede na conectividade entre morador e morada. Pol (1996, 2002) enfatiza que cada lugar tem um significado diferente quando se sabe quem dele se apropriou, uma vez que o sujeito se projeta sobre o espaço do qual se apropria.

6.2.5 Redes de apoio

Bordeaux tinha na mãe e no marido seu principal apoio familiar, porém, desde a doença de Alzheimer dela e de sua crise conjugal com ele, encontra-se emocionalmente fragilizada e desamparada. Bowlby (1984) frisa que a intensidade da emoção que acompanha o comportamento de apego se manifesta pela relação constituída entre a pessoa e sua figura de ligação. Se o elo segue realizado, há satisfação e senso de segurança, contudo se este é comovido, convoca-se ansiedade e angústia, uma ruptura que pode causar sofrimento e aprendizagem. B não tem com quem desabafar e pedir conselhos, ainda mais neste momento que vivencia conflito conjugal e problemas no trabalho. Todavia, mesmo desapontada com o marido, ela o valida no seu papel familiar e no compromisso com o emprego público. Assim, por mais que a relação tenha se fragilizado, a história de segurança do vínculo resgata sua credibilidade com o cônjuge. Apresentou poucas amizades no condomínio, porém tem uma relação de confiança e cortesia com um condômino que faz parte do corpo diretivo de sua administração. Entende que nem sempre é preciso intimidade com a vizinhança para que esta atue como um apoio, pois houve uma situação em que precisou de ajuda, um vizinho com quem não tinha proximidade, a atendeu.

Toulouse identifica sua rede de apoio (SLUZKI, 1997) na família e na vizinhança. A relação de confiança com outros condôminos se desvela como reforço à sua segurança no local, um laço fortificador. Pela restrita relação que tem com a cidade permanece maior tempo no local e tem a possibilidade de conhecer sua vizinhança, com isso, tem feito do condomínio, sua rede de apoio,

Carcassonne direcionou aos filhos o apoio familiar necessário para a estadia em São Paulo, mesmo com eles morando em locais distintos. Valoriza a opinião desses para seu projeto de vida e se prontificou em ajudá-los a cuidar de seus netos quando viajam. Seu cotidiano se constituiu dentro do condomínio o que possibilitou que a maioria dos vínculos formados na cidade fossem de dentro dele. Apresenta confiabilidade por quem percebe se preocupar com ela, como é o caso do porteiro

quem sempre se dispõe ajudá-la. Valoriza uma relação de vizinhança, porque acredita, que "o vizinho se torna o parente mais próximo na hora do socorro", como disse.

Marseille tem sido um apoio mais frequente dos filhos, pois tem cuidado dos netos. Sente falta das visitas dos filhos, porém não expressa a eles sobre sua solidão e desamparo diante da DA da genitora. É introvertida para falar sobre seus sentimentos e sua vida pessoal e, à medida que o fazia, ressaltava o quanto esta entrevista era uma oportunidade para desabafar. A rede de apoio (SLUZKI, 1997) presente em seu cotidiano tem sido o porteiro e alguns condôminos, que com frequência a procuram para saber como ela e mãe estão e se disponibilizam como um amparo a situações emergenciais. Também demonstrou confiança nos profissionais do Programa Social da Família da Unidade Básica de Saúde do bairro, que a visitam, fornecem remédios e acessórios para cuidar da mãe (luvas, gaze, fraldas, máscara). Apesar de encontrar apoios onde mora, isto não supre a ausência que sente dos filhos, o que a entristece e se mostra como um fator de risco ao luto (FRANCO, 2016, 2018) vivenciado pelo adoecimento da genitora. Queixou-se de que, desde que sua mãe adoeceu, não celebram as festividades de final de ano em família. Por confiar no condomínio, todos os dias, dorme com a porta da sala aberta como prevenção à uma situação de emergência que possa acontecer com ela dentro do apartamento. Apesar de desejar voltar a viver na região em que morava antes, seu vínculo com a morada atual tem funcionado como fator de proteção ao luto antecipatório (RANDO, 2000) vivenciado pela DA, pois há preocupação, cuidado e carinho da parte de alguns moradores.

Para Aix-en-Provence, é importante se perceber a rede de apoio (SLUZKI, 1997) de alguém, de sentir a confiança das pessoas no contato com ela, de vê-las valorizando sua opinião e suas sugestões. Gosta deste lugar de ser o amparo e a confidente dos outros, porém prefere não falar sobre sua vida pessoal com estes. Mostra-se sociável, agradável e divertida, porém indisponível para falar de si. Dedicada ao vínculo de vizinhança, na ausência de alguém desta, cuida do animal de estimação ou do filho. O fato de trabalhar em casa contribui para que as pessoas lhe peçam estes tipos de favores. Ela também ajuda a construir roteiro turístico para aqueles que querem conhecer sua cidade natal, sendo essa uma oportunidade de afirmar sua identidade de lugar e ao mesmo tempo se interagir com outros condôminos. Formou amizades também fora do condomínio, como a com sua

cabelereira; essas e a confiança que recebe da vizinhança se mostram como fatores de proteção a sua adaptação na cidade e ao desenvolvimento do seu trabalho, o qual se expande à medida que aumenta sua rede de contatos. O filho é sua figura de ligação mais forte, a ele destina o cuidado, a admiração e o incentivo para desenvolver autonomia e responsabilidade na ausência dela ou do marido.

Deste modo, associando as narrativas das participantes ao tema "Redes de Apoio", notou-se que estas podem representar um lugar seguro para seu integrante ao possibilitarem a estas, acolhimento, convívio com distintas expressões de afetos, autonomia, informação e orientação e segurança. A pessoa com rede de apoio garantida sente-se motivada a explorar e cuidar dos ambientes e a concretizar suas metas nestes.

Em C e M, a carência da presença familiar e a aposentadoria longe de onde constituíram laços sociais de trabalho se mostraram como situações que as entristece, porém é por essa falta que são motivadas a se interagirem com o ambiente de moradia, ao recorrerem à vizinhança e aos funcionários do local quando precisam de ajuda. Mesmo sem intimidade, fazem do local a sua referência de amparo afetivo e social tanto em dificuldades corriqueiras como em emergenciais. Neste caso, observa-se a parentalização da vizinhança, em que há uma ressignificação do vínculo de vizinhança quando há neste um cuidado e apoio, geralmente, esperado por algum laço familiar. Com a parentalização da vizinhança, esta se torna base segura (BOWLBY, 1989) para o integrante deste espaço, uma proximidade afetiva produtora de segurança, conforto e desenvolvimento. É importante ressaltar que esse processo relacional não revela abandono ou negligência da família diante ao seu membro, mas a potência afetiva dos vínculos entre ocupantes de uma área comum.

Por meio das narrativas de T e Aix, interação social e familiaridade se revelaram como fatores de proteção a sua identificação com os lugares. Apresentaram convívio, com laços de confiança com outros condôminos

B e T entenderam o núcleo familiar como sua referência de apoio e segurança. Dão muito importância às relações dos filhos constituídas no local e como este se representa como fonte de apoio ao crescimento e desenvolvimento deles.

Redes de apoio correspondem à oportunidade de aprofundamento e de amadurecimento dos relacionamentos. Estes ao se tornarem base segura (BOWLBY, 1989) de alguém, são capazes de motivar a autoconfiança e a interação social fundamentada na harmonia, no amparo e na conscientização. Esses laços ao

funcionarem como fator de proteção promove resiliência (LAM; GROSSMAN, 1997); torna possível a construção de um sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991) consolidado e vigoroso. Retomando a Dassopoulos e Monnat (2011), a percepção de coesão, de suporte social e de grande capital social mostra satisfação com a vizinhança, fortalecimento do sentimento de pertencimento (TUAN, 1983/ 1977) e do desejo de retribuição pelo bem-estar, portanto estimula a empatia na inter-relação pessoa- ambiente.

Nota-se que as participantes, mesmo com desentendimentos e intrigas com outros condôminos, significaram as ligações sociais do condomínio como um suporte a situações adversas e urgentes. Guest e Wierzbicki (1999) denominaram esse tipo de vinculação *saved communities*, em que os indivíduos constituem suas principais redes de apoio dentro da vizinhança.

Simmel (1983, 2005) destacou o quanto, nos grupos menores de pessoas, as quais se localizam fisicamente próximas, existe a construção de uma vigilância compartilhada, uma atitude que representa apoio social entre os moradores. Para algumas participantes que vieram de outros condomínios, a vinda para este trouxe uma redução do grupo da vizinhança, como é o caso de T, que morava num condomínio com mais de 20 torres, ao passo que, para outras, ampliou, como é caso de C e Aix, que moravam num condomínio com uma torre apenas. Ressalta-se que a intensidade do afeto no vínculo de vizinhança não está associada ao tamanho desta, mas às oportunidades de convívio, interação e satisfação de necessidades por meio desse contato. No caso de T, por ter se aposentado e passar mais tempo em casa, ser idosa, morar sozinha sem familiares pela região, gera a preocupação e a aproximação dos outros moradores para com ela, provocando a socialização.

Pessoas e lugares, ao funcionar como recursos de apoio, atuam para melhor adaptabilidade do indivíduo a uma situação de desarranjo social ou familiar. Representam suporte físico, social e psicológico, provocam reflexividade, conscientização e autonomia. Nem sempre são relações formadas e mantidas com estabilidade; constituem-se, modificam-se, dissolvem-se; são ora simétricas ora assimétricas, de suporte e conflitivas, enfim, possuem uma flexibilidade relacional convidativa ao desenvolvimento de resiliência, que, conforme Cyrulnick (2004), é um processo constituído na inter-relação. Um indivíduo resiliente torna-se protagonista de suas ações, tem a capacidade para enfrentar as dificuldades e contratempos do

ambiente, reconhece os limites e as potencialidades do seu mundo presumido (PARKES, 2009) e consegue ser um vínculo de apoio às suas redes social e familiar.

6.2.6 Sentir-se em casa

O "sentir-se em casa" de Bordeaux envolve uma conciliação entre os significados atribuídos às suas atividades laborais e à sua moradia. Impõe-se aos outros para ter a vida particular respeitada e estabelece para si mesma as fronteiras entre o espaço do trabalho e o espaço da casa, o que não tem sido uma tarefa fácil. O significado de "casa" para B se situa a partir das estruturas do local, do tijolo, da madeira, do cimento, ao passo que o significado de lar se liga às vivências neste local. Associou a ideia de "lar" às sensações boas, um espaço impulsor de harmonia e felicidade, que no caso dela é representado pelo *setting* familiar. A crise conjugal e os conflitos de convivência com condôminos tem sido o motivo para o seu mau humor, a sua impaciência e desilusão; perdeu a paixão pelo lugar, com alta persecutoriedade da vizinhança e a sensação de perda do apoio conjugal, questões estas que a tem motivado a querer se afastar do condomínio. Por outro lado, entende que para seus filhos, o local tem sido seguro para eles crescerem e se interagirem com outras crianças e adolescentes, o que a faz repensar a mudança de moradia.

Toulouse demonstrou envolvimento emocional com sua morada, formou um elo consistente com a casa ao percebê-la como um chão que mantém a ela e aos filhos "de pé", unidos, assegurados e com um sentimento de liberdade, o qual não tinham onde moravam. Desenvolveu um apego seguro (BOWLBY, 1982; 1989) com o condomínio, constituído pela confiança, intimidade e bem-estar ao ter por satisfeitas suas expectativas no local. A convivência nesse a possibilita espontaneidade, tranquilidade e o intercâmbio de afetos sem isolamento. A sensação de estar em casa se inicia desde a portaria do residencial, o que revela que o "sentir-se em casa" para ela se refere a estar dentro do condomínio, enfim emparelha-se com a sensação de segurança.

Para Carcassonne, o sentir-se em casa se liga a se perceber reconhecida por outros como habitante do local, de saberem o nome e a naturalidade dela. É importante para ela perceber que o lugar identifica e valida suas singularidades como moradora, assim se tranquiliza pela familiaridade constituída, se percebe no vínculo e se aproxima afetivamente do ambiente.

Marseille se integra ao condomínio pelas distrações que aliviam sua angústia diante da mãe doente em casa: os barulhos de crianças brincando no pátio e de pessoas conversando entre si no estacionamento e a vista de passarinhos que pousam na janela. Ela se entretém com essas intervenções externas, as quais são maneiras de ela sentir o mundo afora do apartamento, já que evita sair de dentro de casa. É prazeroso a ela encontrar alguém do local que se refere a ela como uma antiga professora do bairro; quando a história deste se liga a história profissional dela, percebe se pertencer ao lugar (TUAN, 1983/ 1977), até porque o vínculo dela com a profissão é intenso. Descreveu-se com uma "vida cigana" (termos utilizado por ela), uma vez que não se enraíza nos locais, porém identifica a doença da mãe como o motivo de seu enraizamento ali. Ao juntar o vínculo com a casa com a presença da doença, este se deprime e se enfraquece. Referiu-se à casa como o seu canto, o qual é organizado e decorado segundo suas vontades e onde passa considerável parte do tempo.

O sentir-se em casa para Aix-en-Provence alia-se ao desenvolvimento de sua família no local, com aconchego e segurança. A casa se mostra como o espaço onde ela deposita carinho, cuidado e expectativas profissionais, já que trabalha no local. Está satisfeita com a família, o trabalho e a interação com sua vizinhança; sente-se tranquila e protegida.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "sentir-se em casa", notou-se a validação do espaço devido este representar a conquista do imóvel próprio; o local de privacidade e tranquilidade, com capacidade de restaurar fisicamente e psicologicamente o habitante de perdas e exaustões; o celebratório do desenvolvimento familiar e individual; quando associado a família se traduz como o ponto de partida de noções de regras e limites; um lugar nem sempre pacífico e suficiente, contudo motiva o habitante a explorar o mundo para satisfazer suas necessidades e metas.

T, C e M passam a maior parte do tempo em casa; têm no condomínio a rede de apoio (SLUZKI, 1997) mais frequente em suas vidas, apresentam ali suas referências de confiança sente-se acolhidas e protegidas, tranquilas para estarem em casa.

B e Aix associaram a casa ao espaço da sua família e do seu trabalho; é onde há o descanso e o reabastecimento de forças.

Vale ressaltar o quanto a noção de espaço e as significações deste está atrelada tanto ao tamanho do espaço quanto ao ciclo de vida em que consta o morador (MOSER, 1998). Algumas participantes se encontram em uma fase comum do desenvolvimento humano e do ciclo vital da família, como é o caso de B, T e Aix, as quais estão na fase adulta em transição da fase de aquisição para a adolescência, ao passo que C e M se encontram no início da velhice e em transição da fase madura para a última. Diante disso, estas características narram a maneira tanto como o espaço da casa como do condomínio são percebidos, avaliados e significados.

A casa pode ser vista como abrigo físico para a família, além de ser o lugar para o desenvolvimento das atividades cotidianas e de proteção psicológica às adversidades e sobressaltos do mundo exterior (HEIMSTRA, 1978). A casa é um lugar onde acontece a rede de significações que narram o processo de desenvolvimento de seu morador; a noção de moradia permite a ordenação espacial de experiências (RABINOVICH, 1994, 1997), que, no caso destas participantes, aconteceu pela formação e pelo crescimento da família, pela constituição do projeto de carreira, pelo adoecimento e pela perda de entes queridos.

Há uma forte ligação das participantes com a casa devido as funções físicas, sociais e psicológicas dela. Esta opera como abrigo, propriedade, expressão da identidade e dos desejos; pensada como a estrutura que mais se aproxima de uma noção de lugar privativo, portanto permite o sentimento de liberdade de lugar, pois o morador tem o poder de controlar o que entra e permanece nesse; onde comportamentos ocorrem sem coação, desde que não interfira no espaço do outro. A organização, a ornamentação e a decoração da casa refletem os hábitos, valores e modos de vida de seus moradores.

6.2.7 Vínculos com o entorno da casa e com o entorno do condomínio

Bordeaux formou vínculos de vizinhança importantes e duradouros, alguns se mudaram do condomínio e mesmo assim manteve o contato. A proximidade física não é um critério considerado por ela para se vincular a alguém, pois se apresentou despreocupada com saber o nome de vizinhos, conhece as pessoas pela fisionomia facial, sabe um pouco mais da vida dessa pelo contato de síndica, mas não procura por um contato pessoal. Considera que por ser a síndica recebe uma hipervisibilidade no espaço, a qual compromete a privacidade da sua família, então para evitar isso,

mantém uma convivência formal, de poucas amizades e intimidade limitada. Reconhece que há uma boa integração dos filhos no local, a filha namora outro adolescente do condomínio. Prefere interação com os moradores adolescentes, com os quais tem o hábito de ficar conversando no pátio de frente ao seu apartamento. Muitos a procuram para conversar e ela fala de tudo com eles. Entende isso como confiança, eles querem saber o que ela pensa e o que faria em determinadas situações, comprehende que se tornou uma figura de ligação importante para eles. Eles, alguns são filhos de condôminos que não gostam dela. Em relação a favela, ela se incomoda com a aproximação desta, pois cresce em direção ao condomínio e teme invadirem o local. A princípio associou o encurtamento dessa distância ao aumento da criminalização na região, mas logo reclamou da influência disso na desvalorização do seu imóvel, ou seja, uma vizinhança que poderá trazer prejuízos financeiros quando for vender seu imóvel, até porque se mudar dali está em seus planos. Com o condomínio, B desenvolveu um padrão de apego caracterizado por Ainsworth (1978) como ambivalente, visto na oscilação entre validá-lo e rejeitá-lo, sendo os elogios destinados àquilo que fez parte de seu trabalho. Ela tem contato com outros síndicos do bairro pelo Facebook, que fazem do condomínio dela o "modelo" devido ao baixo custo da cota condominial para a boa estrutura do local; assim, pedem referências de prestadores de serviços e locais onde fazer compras para o condomínio.

Toulouse se prontifica à socialização com o condomínio, até porque este tem sido seu único espaço de interação social. Junto aos filhos mantêm inter-relações de vizinhança (WEISS et al., 2008), com intimidade e solidariedade. Nela é observado o que Bowlby (1989) denominou de comportamento de apego instintivo e flexível às mudanças do ciclo vital, ocorrido nas ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade a outro indivíduo visto como mais capaz para lidar com o mundo, tendo por garantida a sua segurança. Entende que amizades na vizinhança garantem uma rede de apoio (SLUZKI, 1997) fisicamente próxima. Um entorno amigo se traduz em reforço à seguridade da sua família. A experiência de morar em "barraco de favela", como mesma o nomeou, com o ex-marido e os filhos, contribuiu para que se desprender-se de estigmas sociais ao significar a que está ao lado deste residencial. Carrega um senso de igualdade entre pessoas, sem julgar ou discriminhar, sendo a única participante que não apresentou queixas sobre a moradia, porém não há o contato dela com o que está externo ao condomínio para socialização.

Carcassonne prioriza educação, cooperação e confiança em suas relações sociais, aquelas pessoas do condomínio que apresentam isso, ela faz questão de ter contato, como o porteiro e o zelador. O que mais a incomoda na relação com os outros moradores é a falta do senso de vizinhança ao transitarem do espaço privativo para o coletivo, pois muitos ultrapassam os limites disso. Em contratempo, ela vivenciou uma socialização mais intensa neste condomínio que o anterior. Com a aposentadoria e o desinteresse pelo bairro, ela tem contato constante com o residencial. Apesar das queixas de vizinhança relatadas, ela formou um apego seguro com o condomínio. Conforme ressaltado por Bowlby (1984), pela interação neste tipo de vínculo, há o fortalecimento de confiança, autoconceito e autonomia emocional. C se tranquiliza por poder contar com a vizinhança do residencial, porém está horrorizada com o ocorrido de alguns moradores da favela soltarem pipa com cerol, muitos que brincam são adultos, o que a deixa mais revoltada. Atos que provocam riscos fatais e torna o local inseguro para quem passa próximo, seja pela linha com cerol ou pelo perigo de atropelar algum desses. Segundo Goffman (1988), a pessoa estigmatizada, assim como um pêndulo, pode oscilar entre o retraimento e a agressividade; então, o estigma provoca uma interação violenta. Os condôminos discriminam e rotulam os moradores da favela, "homens de barba na cara que soltam pipa", e estes usam pipa com cerol e brincam no meio das vias de trânsito, o que representa uma resposta ofensiva e retaliadora à estigmatização que recebem. Enfim, há comunicação violenta que polui a relação de vizinhança entre eles. C se limita a sair de seu condomínio e mantém a expectativa de mudança do local.

Marseille reconhece na preocupação de vizinhos e do porteiro, uma demonstração de acolhimento a ela pelo enfrentamento da DA de sua mãe. A aproximação e o suporte social da vizinhança acaba sendo um ganho secundário da doença, o que lhe possibilita uma interação, mesmo que limitada, com o condomínio. Tem, frequentemente, uma sensação de solidão, pois tem feito da DA, uma justificativa para o retraimento social. O enlutamento pode enfraquecer o vínculo com o lugar e com as pessoas, pois ela perdeu o interesse pela vizinhança, não tem ido nem às reuniões de seu grupo religioso, as quais relatou ser fator de proteção ao seu bem-estar. Na sua relação com a doença, M se desprende do tempo presente e se conecta ao passado, quando o contexto da moradia era prazeroso e promissor, sentia-se livre. Com este condomínio, constituiu o que Ainsworth (1978) chamou de padrão de "apego evitativo", pois de maneira tranquila e rasa interage com o ambiente, confia

em poucas pessoas e se impossibilita a socializações intensas, como festas e reuniões. Com a empregada doméstica, constituiu um apego seguro, em que a identidade de lugar de ambas as conectou. A empregada mora na área leste da cidade, onde M morou; assim como esta tem um sentimento de comunidade (BAUMAN, 2003) e de pertencimento (TUAN, 1983/ 1977) pelo local. Ela é a pessoa que M mais confia para falar de si e aceitar ajuda para os cuidados da mãe; conversam sobre o local e M pode resgatar preciosas memórias e se reatualizar do contexto desse, A ajudante representa o que chamaram de vínculo contínuo (KLASS; SILVERMAN; NICKMAN, 1996) com seu antigo bairro, pois com ela retoma lembranças e interesses por esse lugar.

A experiência de Aix-en-Provence nos bailes de favela na sua cidade natal a ajudou a enxergar o local sem o estigma da criminalização. Estressa-se por conviver com o alto som de Funk oriundo da comunidade vizinha. Gosta desse gênero musical, mas comprehende que o contato esporadicamente com a música numa festa é diferente do que escutá-la frequentemente quando se está em casa, até porque a calmaria foi um critério considerado por ela na escolha do imóvel. Entende que por ser carismática e extrovertida aproxima muitas pessoas dela; percebe-se como alguém de boas relações sociais. São nos locais onde ela procura por lazer e entretenimento que ocorre sua socialização com outras pessoas; na cidade anterior, era na praia, neste condomínio, tem sido na área da piscina. Mostra-se interessada por saber sobre as pessoas que estão dentro do seu convívio, então considera importante saber no mínimo o nome delas, desde um garçom que a serve num restaurante ao vizinho de porta. Considera que os trabalhos dão a ela visibilidade, tem fregueses neste e nos outros condomínios do bairro. Então, o fato de ser conhecida ali a estimula a confiar, ao sentimento de pertencimento (TUAN, 1983/ 1977), a representar este como sua base segura. Assim sendo, a versatilidade do uso do lugar em sua vida, o faz necessário para sua vida pessoal e profissional, pois neste se localiza a moradia, o trabalho, a possibilidade de entretenimento e de socialização dela e do filho. A maneira carinhosa como percebe a vizinhança tratar seu filho reforça o significado do local como porto seguro deles.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "Vínculos com o entorno da casa e com entorno do condomínio ", observou-se que em relação a dentro do residencial, apesar de desavenças e incômodos, há uma interação que permitiu vínculos de apoio e confiança. Dassopoulos e Monnat (2011) frisaram que a

satisfação com a vizinhança está associada a percepção que o morador tem dessa como seu suporte. Assim, a vizinhança pode ser um fator de proteção social assim como motivar a resiliência.

Por outro lado, as participantes estão insatisfeitas com o bairro, desde a falta de proteção à criminalização até a insegurança viária, o que tem sido obstáculos para que usufruam do bairro, interajam com a vizinhança e ampliem sua rede de apoio (SLUZKI, 1997). Enfim, uma violência que dificulta o desenvolvimento de empatia pelo contexto urbano, o qual elas incorporam seu projeto de moradia.

Apesar de elas perceberem a segurança física do local, há uma insegurança oriunda de conteúdos psicológicos direcionada aos outros e a elas mesmas. Trata-se de dificuldades emocionais por uma crise conjugal, pela presença de doença crônica na família, aposentadoria, pelo desemprego, por problemas judiciais e pela inconstância de visitas dos filhos e parentes. Essas situações produzem angústia, isolamento, medo do desconhecido e imprevisível e que faz com que estejam constantemente alarmadas. A insegurança afetiva num subsistema, como a família, pode provocar insegurança em outro subsistema, como a vizinhança, assim a sensação de segurança ocorre por meio da interação do susbsistemas que compõem o contexto de vida da pessoa. A favela apareceu como um incômodo para a maioria, exceto para T, quem morou numa até vir para este residencial.

T e Aix têm constante interação social com o condomínio; muitas vezes, motivadas pelos filhos vão a festas e se socializam com outros condôminos. Há satisfação e confiança em alguns laços de vizinhança; Aix tem cópia da chave da casa de sua vizinha de porta e T e M deixam com a porta de entrada de sua casa destrancada. Assim, a confiabilidade no ambiente do condomínio se expressa no método de trancas das portas.

C e M, por estarem na velhice e não contarem com a presença de familiares no local, despertaram na vizinhança a preocupação e o interesse dessa por cuidar delas. Há sempre alguém certificando se estão bem, se precisam de algo, uma receptividade social que se traduz em fator protetivo à moradia e ratificação de resguardo do local.

B, C e M vivenciam em comum o desejo de mudança do local devido ao significado que atribuíram às perdas vivenciadas no contexto social e familiar. Têm percebido o local pela lente do problema e da dificuldade: B devido a um problema familiar e ao estresse no trabalho; M por associar o lugar da moradia ao lugar da DA da genitora e à perda de liberdade; e C pela antipatia com o bairro e com alguns

condôminos. Assim, por mais que houve na narrativa delas a satisfação com o condomínio, a vontade de mudança veio da relação delas com o bairro.

A vizinhança pode representar uma companhia social, por acolher, apoiar, orientar, ser a referência de pertencimento ao contexto urbano e da construção de uma identidade geográfica (SLUZKY, 1997). Ela pode funcionar ainda como rede de vigilância solidária (BORGES, 2013), o que ocorrem com as participantes, sobretudo T, C e M.

Diante do exposto, a saúde mental do indivíduo coleta as narrativas do contexto sociocultural e geográfico no qual ele está inserido. Os vínculos de vizinhança (WEISS et al., 2008) das participantes puderam representar aquilo a que Maciver e Page (1973) se referiram como comunidade menor, por conterem maior proximidade, satisfações, amizades, mexericos e rivalidades face a face; despertar o sentimento de comunidade caracterizado por (SÁNCHEZ VIDAL, 1991), quando pela interação promovem uma transformação a nível singular e contextual; ao funcionarem como amparo e apoio, atuar como tutores de resiliência (CYRULNIK, 2004), além de dar conteúdo ao mundo presumido (PARKES, 2009), ao inspirarem crenças, valores, sentimentos e atitudes.

Os vínculos de vizinhança podem ser fator de risco ou de proteção ao bem-estar e a satisfação da pessoa com a moradia, além de que a complexidade destes, os permite ser remodeláveis e ressignificáveis. Essa maleabilidade dos vínculos retoma ao que Bowlby (1984) frisou sobre a ressignificação do apego ao longo de contextos e fases da vida, uma vez que um apego seguro pode ser tornar inseguro quando confrontado e desequilibrado, tendo também um potencial de regresso a uma ligação afetiva funcional. Assim, apesar do desejo de rompimento com o condomínio, essa sensação é revisada a partir de experiências bem-sucedidas de socialização e de assistência, reconsiderando a seguridade no vínculo com o lugar, o que fundamenta permanecerem.

6.2.8 Sentido de segurança construído para fora do condomínio

Bordeaux tem receio de ser assaltada quando caminha pelo bairro. Ela já teve essa experiência a qual significou como traumática, o que foi um fator de risco a sua saúde mental e complicou os vínculos dela com as pessoas e com o ambiente externo ao condomínio. Ela foi abordada por adolescentes armados enquanto ia a pé do

residencial ao *shopping* local; desde então parou de caminhar pela região e adquiriu antipatia pelo bairro e pela vizinhança.

Toulouse se preocupa com a insegurança viária do bairro, teme atropelamento no trajeto que faz diariamente a pé, ao levar o filho mais novo à escola. Tem passado por problemas ao atravessar as faixas de pedestres, os motoristas não param e passam em alta velocidade. Ela também se sente incomodada com os estragos das calçadas, um risco e desconforto a quem as utilizam. A falta de cuidado ao pedestre no contexto urbano do bairro faz com que ela perceba a cidade como perigosa a ela e aos filhos, o que reforça concentrarem todas as atividades sociais dentro do condomínio.

Carcassonne teme a assalto seguido de morte ao caminhar pela região do condomínio, apesar nunca ter sofrido roubo desde que mora ali. O medo dela se fundamenta dos boatos de outros condôminos sobre a criminalização daquela região. Assim, como prevenção, ela evita o contato com a área externa do residencial, desconhecendo as ambiências vizinhas. Esta sensação de medo é socialmente construída pelo imaginário da violência urbana; causa o retraimento social, dificuldades nas relações de vizinhança, sobretudo quando envolve uma comunidade maior e a abdicação de espaços livres da cidade. C segue o autoritarismo da insegurança, em que o medo é uma resistente barreira para estar no ambiente urbano e se socializar.

Marseille identificou que a região está mais perigosa do que era há vinte anos atrás, seus medos estão associados a estética do bairro e ao esvaziamento das ruas, falta movimento de pessoas e comércios. Além disso, ela carrega a lembrança de um assassinato que assistiu enquanto esperava um ônibus no ponto. Um homem numa moto chegou atirando em outro. Desde então, ela evita ficar em pontos de ônibus sozinha e por longo tempo. A permanência dela em casa se coloca como uma estratégia de autoproteção do que é estranho, imprevisível, portanto ameaçador à sua segurança. Ela busca na segurança do espaço, a tranquilidade para poder dirigir adequadamente os cuidados da mãe doente, sendo a confiança no ambiente um fator de proteção a vivência do luto antecipatório (RANDO, 2000)

Aix-en-Provence, mesmo assaltada somente na cidade precedente, se sentia mais segura nesta do que em São Paulo. O vínculo afetivo com essa sobressaiu fortalecido apesar das experiências difíceis e arriscadas que teve. Neste sentido, observa-se que a sensação de segurança não envolve somente a ausência da

criminalização e o abrigo no enclave fortificado, mas o apego ao lugar. O vínculo afetivo de alguém por um local pode ser restaurador de decepções e perdas vivenciadas ali. Aix entende que a insegurança é um problema de qualquer ambiente, nenhum espaço está integralmente salvaguardado de abalos, crises e riscos. Tem medo de perder a família por morte por causa externa, como o homicídio. Ao detalhar situações de violência urbana que teme, trouxe o conteúdo que lembra a morte de uma criança, em episódio no qual, após assalto e roubo ao carro da mãe, esta não conseguiu soltá-la do cinto de segurança, e a criança foi arrastada pelo carro até a morte. Assim, Aix tem receios de perder o filho por morte violenta e permanece em estado de alerta toda vez que saem do condomínio; ela olha as pessoas ao redor e busca fugir daquelas que causam a ela suspeita; busca orientar o filho para que saiba o que fazer diante de situações estranhas na ausência dela, um exemplo é como agir caso se perda dela num local lotado de pessoas desconhecidas. Teme à aproximação física de motocicletas ao seu carro, pois associa isso à assalto. Este estado alarmado a deixa física e psicologicamente exausta, então se sente aliviada e relaxada quando retorna ao condomínio, o que dá uma tradução a este como o espaço do alívio e descanso.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "O sentido de segurança construído para fora do condomínio", constatou-se que, apesar da singularidade das narrativas, todas avaliaram o caminhar pelo bairro como uma atitude perigosa, pela criminalização, pelo risco de atropelamentos, pela falta de infraestruturas nas calçadas e na sinalização de trânsito. Esses fatores de risco suprimem a comunicabilidade do morador com o entorno de sua moradia, assim, este desconhece empiricamente essa realidade sociocultural, tem por inibido o sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991) e a desejabilidade por cuidar do ambiente.

B e Aix relataram temer pela segurança delas e da família, tanto fora como dentro do condomínio, sem a idealização de que o local é imune a ações criminosas.

B e T mostraram ter consciência sobre perigos e respaldos do entorno. Têm origens ligadas a estrato social baixo, residiam em casas de periferia e sabem sobre estereótipos e possibilidades construídas no local. O medo de B se justifica pela experiência traumática do assalto, ademais, não idealiza tanto a seguridade do condomínio como fizeram as outras participantes, identifica que o lado interno deste apresenta imprevisibilidades e riscos assim como o lado de fora. Em contrapartida, T,

C, M depositaram intensas expectativas de protetividade na morada, para elas, esta representa uma redoma inabalável e impenetrável.

À vista disso, os atributos internos do local se mostraram como respostas ao que a realidade do entorno lhes cobra, as faltas neste geram pedidos para o residencial. Assim sendo, a alta demanda por segurança dentro do condomínio é produto da percepção de insegurança na vinculação com o entorno deste.

Embora haja uma associação entre a vitimização e o medo da violência, essas não têm relação direta, ou seja, os mais vitimados nem sempre são os mais inseguros (PERES; RUOTTI, 2013). Assim, alguns medos referentes à parte externa do condomínio revelaram-se como projeções do morador em decorrência de disfunções no contexto familiar ou pessoal; ressonâncias do trincamento do mundo presumido (PARKES, 2009), da revisão da funcionalidade da base segura (BOWLBY, 1989) e da frustração de expectativas e desejos no projeto da morada.

6.2.9 O sentido de segurança construído para dentro do condomínio

A confiança de Bordeaux no lugar se relaciona ao quanto este protege a ela e a família de assaltos, sequestros, roubos, os possibilita estarem juntos, com tranquilidade os filhos se divertem no espaço, o qual é considerado o suporte de desenvolvimento da família. Por ela ter a sensação de quem gosta está protegido, se conecta afetivamente ao residencial como moradora, com sentimento de pertencimento, de satisfação e apego ao lugar (GIFFORD; SCANNELL, 2010; LEWICKA, 2010). É consciente das hipóteses de falhas na proposta de segurança e da responsabilidade que cada morador possui para se manter protegido, para tanto, orienta aos filhos para que estejam nas áreas com câmeras, o que acaba sendo limitativo ao sentimento de liberdade.

Toulouse sente-se à vontade para circular pela área, se tranquiliza ao ver os filhos confortáveis, salvaguardados e se divertindo ali. Mantém no local relações confiáveis que promovem a ela serenidade e prosperidade no projeto familiar. Atribui ao condomínio a representatividade de família, uma vez que nele ocorrem laços de afeto e de cumplicidade importantes para o bem-estar dela e dos filhos. Sobre a noção de família, Relva (2000) destacou que esta é um sistema aberto, globalizado, que ultrapassa a compreensão de um grupo de pessoas ligadas por laços consanguíneos, mas sim se conectam pela confiança, reciprocidade e metas comuns. Assim, com o

sentido de segurança ao espaço interno do condomínio, a família de T se desenvolve e reconstrói seu projeto de vida. O trabalho do porteiro tem sido um importante referencial de sua segurança no local, por esse desenvolveu uma relação, com empatia, atenção e alteridade. A credibilidade dada ao sistema de trancas, o muro, a cerca elétrica e as grades de ferro está devido estes: acobertarem a visibilidade do interior do condomínio; darem passagem ao interior do local apenas para condôminos e visitantes destes, pessoas estranhas e indesejadas teriam a entrada barrada na portaria.

Carcassonne assume o *locus* de controle sobre sua protetividade; coloca-se como protagonista de sua satisfação e bem-estar, alia confiança e amparo à presença do porteiro que há mais tempo trabalha ali. Com este, troca preocupações e gentilezas. Ele é a referência de sua segurança no local, portanto uma ligação de confiança importante na relação dela com a moradia. Toda infraestrutura de vigilância e segurança aliada ao baixo custo da cota condominal permite a afinidade, a satisfação, a credibilidade e a proximidade afetiva dela com o local. Ao perceber uma seguridade à justo custo, o lugar se torna mais interessante à sua confiança.

A expectativa de ajuda e a confiança de Marseille no local a deixa à vontade para dormir todas as noites com a porta da sala destrancada. A ligação de confiança dela com alguns condôminos e funcionários fundamentou o sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991) atribuído ao ambiente. Ela sabe que pode contar com alguém em casos emergenciais e se demorar a aparecer pela portaria, virão saber dela em sua casa, o que mais uma vez revela o apego seguro constituído no vínculo dela com o porteiro. Como ressaltado por Bauman (2003), numa comunidade, o dever de seus integrantes é exclusivamente ajudar uns aos outros e assim, cada um tem o direito de esperar obter a ajuda de que precisa. "Nunca somos estranhos entre nós" (BAUMAN, 2003, p. 8). Apesar de ser frequente o discurso de M de que não se identifica com local e de que almeja regressar à região onde morava, ela fez desse a base segura para ela diante da experiência do adoecimento da genitora, por causa do amparo e apoio recebidos ali. A insegurança que tem sentido se direciona não ao lugar do condomínio na vida dela, mas ao lugar da doença da mãe na relação dela com o condomínio, ou seja, a experiência de moradia se apresenta ligada ao contexto da doença. Os dispositivos físicos e sociais de segurança se apresentam como fator de proteção tanto ao luto antecipatório (RANDO, 2000) dela como para o cuidado desempenhado com a mãe. Há sempre alguém a

demonstrar preocupação e oferecer ajuda à M. A confiança dela no local se mostrou abalada pela troca dos funcionários do condomínio, pois o vínculo dela com os funcionários é um fator de proteção à sua responsabilidade com a mãe, estes são o apoio físico no deslocamento da genitora para hospitais, para tirá-la da cama e lavá-la até à ambulância.

A segurança de Aix-en-Provence no condomínio não se estende ao filho. Ela o acompanha nas áreas coletivas para brincar com outras crianças, na ausência dela, ele não fica, pois acha que poderá haver alguma bagunça das outras crianças que incomodará os vizinhos. A confiabilidade nos recursos de segurança e vigilância viabiliza que ela se sinta à vontade no local, entra e sai do condomínio, sem receios e medos. Entende que o local protege bens materiais, como celular, carro, carteira, objetos esses cobiçados por ladrões.

À vista disso, incorporando as narrativas das participantes ao tema "O significado de segurança construído para o espaço interno do condomínio", nota-se que por elas terem um sentimento de confiança, um ponto de apoio social em ocorrências emergenciais, um senso de coletividade e maior controle sobre as imprevisibilidades, cabe ao espaço a reflexão sobre comunidade a partir das considerações de Bauman (2003). Para este autor, essa representa um teto sob o qual as pessoas se abrigam da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentam as mãos num dia gelado; não há perigos quando se está na comunidade, os componentes desta estão seguros a maior parte do tempo e raramente são desconcertados ou surpreendidos. Parkes (2009) reforçou ainda que uma vivência saudável implica confiar nos outros quando a ocasião requer e saber em quem é necessário e possível confiar.

A presença do equipamento de vigilância e segurança, sobretudo a presença do porteiro teve intensa participação na avaliação da segurança para o espaço interno deste residencial. As participantes que têm filhos, como B, T e Aix demonstraram mais tranquilidade de estes estarem em áreas captadas pelas câmeras, o que mostra continuidade de preocupação com a segurança dentro do próprio local; traz também uma ideia de insegurança como uma sensação incapaz de ser integralmente saciada, mas aliviada a medida em que vínculos de confiança são formados ali. Apesar da proposta de segurança, haverá sempre o que temer.

T e M tiveram a experiência traumática de assistir um homicídio na rua onde moraram e carregam a cena do crime na lembrança. M sugeriu sintomatologia de

transtorno de estresse pós-traumático pelo entorpecimento emocional ao relatar o episódio e pela evitação de locais associados à lembrança. Ao passo que T convocou na narrativa da lembrança, um tom de tristeza, porém sem o de espanto, passando uma ideia de que este crime fosse comum ao cotidiano da onde esteve.

A função da ordem é aumentar a probabilidade de sobrevivência do ser humano no ambiente em que vive (BAUMAN, 1998). Logo, lugares que têm o seu acesso controlado sugerem o manejo sobre o alarmante, indesejável e ofensivo. Metaforicamente, a ordem, com prescrições de regras e normas juntam-se à uma coerente receita, com medidas bem dosadas do que é permitido e possível no local, tendo diminuídas as chances de aborrecimentos na convivência.

Todo o equipamento de vigilância e segurança se traduz numa estética encorajadora, a qual cria a sensação de segurança e o sentimento de liberdade devido a tranquilidade e o relaxamento evocados ao morador. Trata-se da resposta do espaço físico à criminalização, o que Bauman (2009) chamou de arquitetura do medo e da intimidação. Ressalta-se ainda que a noção de espaço plenamente seguro, por mais utópica e ilusória que seja, tem a função protetiva de resguardar a saúde mental do morador ao aliviar seus anseios e receios.

Observou-se que o significado de segurança construído para dentro do condomínio se revela como resposta ao significado de segurança construído para fora deste, ou seja, uma interpretação da segurança do entorno sociocultural e geográfico.

6.2.10 Lazer e entretenimento no condomínio

Bordeaux se preserva de interação social no local fora àquelas de demanda do seu trabalho com o propósito de preservar a vida pessoal no local. Há muitas atividades sociais que participa porque é a síndica, sendo muitas destas organizadas por ela. Direciona seu lazer no espaço no uso da quadra esportiva, joga voleibol três vezes por semana, com times formados por alguns condôminos e com amigos que residem fora dali. Reconhece que o espaço é bem aproveitado pelos filhos e importante para o crescimento deles.

Toulouse aproveita ao máximo as opções de divertimento do local, frequenta as festas e as reuniões de condomínio e utiliza todos os equipamentos voltados a descontração dos moradores. Entende que esses são adequados e o suficiente ao que os filhos precisam; sem interesses por passear pela cidade à procura de outros

passatempos. Chama a atenção o quanto a situação financeira dela, estar desempregada, cuidar sozinha dos três filhos são condições que contribuem para que dê exclusividade ao lazer e entretenimento dentro do condomínio. Ademais, ela percebe uma insegurança viária no bairro para pedestres, o que a motiva a evitar se deslocar. A interpretação do residencial como o suficiente pode ser um fator de proteção uma vez que situa a família sobre a realidade segura para eles, em termos financeiros e de prevenção aos riscos no trânsito, porém se mostra um fator de risco ao limitá-los de se socializar com a cidade.

Carcassonne foi perdendo seu interesse pelas propostas de lazer e entretenimento do local a medida em que soube de fofocas e intrigas entre os condôminos, sendo que uma a envolveu (Não entrou em detalhes), parou de frequentar a piscina e de participar de churrasco coletivo. Enfim, o conflito se apresenta como um produto natural da interação social de um sistema, uma vez que neste há o emparelhamento de valores, crenças, sentimentos e expectativas diversificadas. Assim, o condomínio se mostra um espaço de divergências, confrontos, contratos e estratégias de convivência. A presença dos netos na casa dela, a motiva a estar com eles nos espaços coletivos de lazer e entretenimento, momento que revê conhecidos e sabe dos novatos moradores do local.

Marseille é desinteressada pelos espaços coletivos, exceto quando recebe a visita dos netos e os leva ao parque e à piscina. Estes locais se tornaram os atrativos da moradia dela a eles, o que contribui para que queiram visitá-la com mais frequência. Raramente interage fora de casa com as atividades sociais do condomínio, contudo sempre se prepara para receber as crianças no Halloween, o que se revela como uma outra maneira de participar da festividade e o quanto movimento de criança captura seu interesse. Uma atitude que pode estar ligada ao seu trabalho com educação infantil, sendo uma maneira retomar vínculo com crianças.

Aix-en-Provence é acompanhada pelo filho no lazer e entretenimento e nas atividades sociais do residencial. Ele é quem a motiva a frequentar esses espaços, inclusive ele solicita este divertimento a ela, quando passa muito tempo sem levá-lo. Um dos motivos pelos quais ela está frequentemente nas festas do local é porque ela é a responsável pelo agendamento de uso do salão de festas, muitos condôminos acabam convidando ela por isso. Ela busca inserir outros espaços e formas de divertimento no cotidiano dela e do filho, vão a cinema, museus, galerias, parques.

Isto posto, integrando as narrativas das participantes ao tema "Lazer e entretenimento no condomínio", identificou-se que estes espaços são importantes na distração delas e daqueles com quem moram, e torna sua moradia mais atrativa a quem as visita.

B, T e Aix têm uma ligação frequente e de confiança nos espaços de lazer e entretenimento do local, o consideraram atrativa oferta de divertimento e relaxamento a sua família. Tem sido um veículo importante para o bem-estar e socialização delas e dos filhos. São eles quem as motivam a estar nas áreas coletivas, oportunizam convívio com outros moradores que também têm filhos de idade próxima aos delas. Por pensarem no aproveitamento do espaço pelos filhos, a presença deste equipamento foi um atrativo para morarem no condomínio, vê-los satisfeitos na moradia aumenta a credibilidade delas nessa, incentiva a integração e a participação de todos no ambiente.

Para C e M, a área tem sido chamativa aos netos que as visitam esporadicamente. Atentas e interessada em agradá-los enquanto cuidam deles, os acompanham ao visitarem o jardim, a piscina, a quadra, Playground e, com isso, interagem com outros frequentadores dessas áreas.

Desta maneira, os espaços de lazer e entretenimento ocasionam uma prolongada socialização entre os moradores, uma vez que estes estão ali para se divertir, relaxar, olhar os filhos ou netos enquanto brincam, assim permanecem mais tempo em contato com os outros. Devido ser um ponto de convergência de distração e interação dos condôminos, estas áreas disparam a formação de rede social de apoio; são onde ligações de confiança são constituídas ou revistas; provocam o sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991) e de vizinhança (WEISS et al., 2008), por mais que haja intrigas e desentendimentos entre a população frequentadora desses espaços.

6.2.11 Crenças e valores

Bordeaux é observadora, moralista, coerciva e focalizada no trabalho. Considera-se com gênio forte e restrita à interação social que dê evidência à sua vida particular. Entende que o respeito de vizinhança facilita a convivência entre diversidades em qualquer espaço. Apresenta senso de justiça e de punição, os quais a motivam: a desafiar aqueles que colocam em xeque seu compromisso ético com

seu trabalho, inclusive está em processo judicial com um condômino, quem fez falsas acusações sobre a honestidade dela; considera que o condômino pode cobrar pelos direitos no local desde que esteja em dia com a cota condominal e que siga o regimento interno. Foi educada no catolicismo, mas atualmente crê em Deus sem se vincular à alguma religião.

Toulouse é evangélica, valoriza a presença da família e a socialização com a vizinhança. A religiosidade esteve presente na narrativa com a qual descreveu a si, a familiares, a outras pessoas e vinculações em geral. A religiosidade se apresentou como um fator de proteção às suas experiências de interação familiar e social. Sem preconceitos exorbitantes, replicou um discurso de que para Deus todos são iguais, não fez distinção entre morar em condomínio, casa de rua ou em favela até porque estas compõem seu histórico de moradas.

Carcassonne é pragmática, tem bom controle sobre suas finanças, presente na vida dos filhos, discreta e comedida nas relações sociais e politizada. Apresenta um cuidado ambiental com a cidade ao se preocupar com o mau uso pela população dos espaços públicos, como os parques, as praças e ruas devido a falta de senso de coletividade, com uma utilização egoísta desses. Ela busca ter seu espaço individual respeitado e se incomoda com as atitudes invasivas de outras pessoas, como falar alto ao celular dentro do ônibus; lavar a janela e molhar a residência do andar de baixo, permitir que o cachorro se aproxime do vizinho sem saber se este gosta disso, enfim, essas foram situações que ela vivenciou e as avaliou como um resultado da falta de limites das pessoas. Demonstrou interesse e conhecimento sobre a problemática da violência urbana, até porque trabalhou com isso, se sensibiliza com pessoas em situação de rua, uma sensação que mistura pena, medo e repúdio.

Marseille acredita que há compatibilidade de crenças e valores entre ela e outros condôminos, a qual se inicia pela comum escolha do residencial e que lhe possibilita a sensação de estar entre conhecidos. A religiosidade é um fator estruturante de seu mundo presumido (PARKES, 2009) e a orienta em ações referentes a si, à família e ao outro, inclusive aquelas referentes ao cuidado com a mãe. Trouxe a crença de que o contexto de final de vida da mãe corresponde a um acerto de contas das atitudes dela em vida. Segundo Nascimento (2007), as religiões, com seus sistemas de crenças, manejo litúrgico da espiritualidade tanto individual como coletiva e suas cosmovisões específicas, operam na composição simbólica e conceitual da morte. Neste sentido, M atribui justificativas transcedentes ao

sofrimento da mãe e ao propósito do cuidado altruísta dedicado a genitora. Baseia-se em estereótipos sociais sobre criminalização ao avaliar riscos, pois associa as vestimentas das pessoas com a criminalização.

Aix-en-Provence se apresenta desenvolta, destemida, aventureira e ritualista. Tem uma maneira livre e segura de pensar a vida amorosa, acredita que enquanto estiver bom, permanece no relacionamento, se não, segue outros rumos. Metódica para formar e manter vínculos, em caso de separação, acompanhada de entes queridos se desfaz da casa física, utensílios e móveis, com o propósito de remodelar e ressignificar o vínculo rompido; em caso de união de laços, também recorre a amigos para fundar a casa. Enfim, à casa atribui o significado de espaço do vínculo, assim, sem casa, sem laços. Opta em se relacionar mais informalmente e diretamente com as pessoas, gostar de saber os nomes, conhecer quem está próximo fisicamente dela.

Portanto, associando as narrativas das participantes ao tema "Crença e valores" observou-se como este se insere na construção do mundo presumido (PARKES, 2009) delas e no processo de significação da experiência de moradia. Podem atuar tanto como um fator de proteção ou de risco à adaptação a um novo lugar, dando fluidez ou consistência às vinculações sociais e afetivas de seus habitantes.

T e M envolvem sua religiosidade na constituição de vínculos familiares e sociais de vizinhança. T é evangélica e M, espírita. Elas apresentam um sentimento de comunidade (SÁNCHEZ VIDAL, 1991), solidariedade e fraternidade nas relações presentes, o que fortalece seu laço com o condomínio.

B e C são observadoras, críticas e conservam um discurso moralista para a convivência em condomínio fechado. Elas se permitem aproximar da vizinhança, contudo sem intimidades; prezam por preservar a vida particular até porque tiveram problemas com intrigas e fofocas com outros condôminos.

T e Aix se apresentam interessadas no ambiente social do residencial, porém cada uma tem um método de se manter conectadas às pessoas. T troca visitas em casa com a vizinhança; contudo, é mais retraída e calma, com discurso pausado e sereno. Ao passo que Aix se preserva de frequentar a casa de vizinhos; é falante e desembaraçada; apresenta um discurso rápido, carregado de emoções e gesticulações.

A cultura adotada por cada participante opera na leitura que cada uma faz de si, dos outros, das relações constituídas no ambiente. Conforme Geertz (1989), a

cultura revela-se como um universo de símbolos e significados que possibilita o sujeito de um grupo a interpretar experiências e guiar ações.

A crenças e valores são significativos componentes do mundo presumido (PARKES, 2009) que ao fazer uma leitura subjetiva do ambiente, pode significá-lo como base segura (BOWLBY, 1989) ou não da pessoa. No processo de convivência e socialização, há encontros, com interações e transformações de mundos presumidos distintos unidos por um espaço comum. Nota-se que, ao ter um ponto de referência para destinar suas dúvidas, expressar suas dificuldades na relação com o espaço, a quem recorrer em situações emergenciais, a pessoa passar a confiar mais nesse, se possibilita a explorar e atuar no ambiente, com segurança, autonomia e autoafirmação.

6.2.12 O significado de ser morador de condomínio fechado

Bordeaux considera que há uma concepção popular que associa o morar em condomínio fechado com a ascensão financeira, ou seja, a pessoa mora neste local porque ficou mais rica. Incomoda-se com este estereótipo porque este produz riscos a ela e a família, uma vez que torna o local atrativo a roubos e assaltos. Entende que essa noção não traduz o contexto econômico de muitos moradores dali, inclusive o dela, pois há divergências e contrapontos nas características socioculturais da população local. Garante que por ser a síndica, conhece bem mais as pessoas do local do que outra moradora. Apontou haver ali tanto bandidos, quanto policiais, empregadas domésticas e microempreendedores. Compreende que morar em condomínio pode ser tão perigoso como morar em qualquer outro local, pois qualquer vizinhança desconhecida demanda acréscimo de cuidados. Não se ilude com a proposta de segurança de um enclave fortificado, por reconhecer que não está totalmente protegida de assaltos, roubos e invasões, porém busca crer numa segurança inquestionável para que tenha o mal-estar diante à criminalização amenizado. Entende que a crença em condomínio fechado como uma moradia com segurança incontestável traz benefícios àqueles que o ocupa, uma vez que intimida assaltos, ainda mais num residencial dentro de uma área de condomínios fechados. Quem desconhece a singularidade de cada residencial pode acreditar numa padronização de vigilância e segurança. Alguns condomínios possuem guardas armados, por

exemplo, então pode-se crer que os outros também os tenham. Simbolicamente, é como se a segurança de um espaço pulverizasse o vizinho.

Para Toulouse, o morar em condomínio fechado representa uma moradia custo elevado, mas vantajosa, que poucas pessoas tiveram a oportunidade de ter. A presença do porteiro e do controle de acesso atribuem um sentido de segurança ao local o qual não esteve presente nos outros em que habitou, como no "barraco de favela", expressão utilizada por ela. A entrada de qualquer pessoa no condomínio apenas acontece com a autorização de morador, então é despreocupada com deixar a porta de entrada da casa destrancada. Entende o condomínio como espaço que oferece liberdade no morar, viabiliza a ela e aos filhos um cotidiano resguardado de acontecimentos e de pessoas que possa representar risco a paz deles.

Carcassonne comprehende que, para se morar em condomínio, é preciso ter noção de regras e limites e bom senso sobre a convivência com a diversidade. Considera que, no residencial, há espaços compartilhados com pessoas não escolhidas, que com o tempo se tornaram próximas. Entende que a proximidade física com vizinhos facilita a exposição da vida particular e limita a privacidade, mas, ao mesmo tempo, lhe possibilita aproximação e socialização com a vizinhança, uma experiência de conectividade que não teve nos prédios em que morou (condomínio de uma torre apenas). Mostrou-se preocupada com o estereótipo socialmente construído de que morador de condomínio tem dinheiro, pois torna o local, alvo da criminalização.

Marseille tem longa experiência de morar em condomínio fechado e comprehende que o tamanho deste opera na socialização da vizinhança. Aquele em que morou na região leste da cidade era maior do que aquele em que está atualmente; este, menor, promove contato frequente entre os moradores; com isso, tem a sensação de que os conhece, sendo comuns os encontros pelo pátio e corredores. A moradia em condomínio guarda o conforto, a segurança e liberdade de deslocamento que presa em sua relação com os espaços. Por outro lado, as restrições nas intervenções direta nestes as distanciam de se apropriar do lugar, visto no exemplo dado de ter plantando uma flor no jardim, sem a autorização dos outros moradores, e a retiraram. Compreende que a morada em condomínio considera a opinião do outro; há um coletivo correlacionado, que por meio de negociação e consenso, torna possível uma vizinhança harmoniosa.

Aix-en-Provence acredita que há leis e regras direcionadas à moradia, que podem não condizer com as vontades do proprietário de cada imóvel. A partir disso, surgem desavenças e conflitos. Por ser a subsíndica responsável pelo uso do salão de festas, vivenciou situações em que o condômino, por querer entender o plano individual, quer romper com as normas do local; ao intervir, foi agredida verbalmente, e sua família, geralmente, é o alvo das ofensas. Percebe sua intimidade comprometida pela proximidade física das casas, conta com o bom senso e a discrição dos condôminos sobre aquilo que veem e sabem da vida dela. O monitoramento de segurança no local, a tranquiliza para estar com a família, trabalhar e se socializar com outros condôminos, pois sabe que as pessoas presentes dentro do condomínio são moradores ou convidados destes, ou os funcionários. Acredita que ser moradora de condomínio fechado em São Paulo tem um significado diferente do que foi quando esteve na cidade precedente, até porque antes estava num residencial de uma torre só, localizado na cidade natal e por quem constituiu uma identificação social intensa. Ao passo que, no de São Paulo, ela conseguiu se adaptar, porém não se identifica com a cultura dos vínculos, tanto entre pessoas como destas com a cidade.

Portanto, incorporando as narrativas das participantes ao tema "O significado de ser morador de condomínio fechado" observou-se que esta experiência remete à possibilidade de uma moradia com segurança, a qual é reforçada pela presença da portaria e do controle de acesso vinte e quatro horas.

B e C demonstraram preocupação com o estereótipo popularmente construído de que condomínios são ocupados por quem tem dinheiro e que chama a atenção de criminosos. Interpretam que essa noção é uma rotulação descontextualizada, a qual não condiz com a realidade de uma maioria, o que coloca em risco os moradores e suas moradias. Isso retoma ao que Caldeira (2000) descreveu sobre um símbolo de status construído a partir da estética da segurança.

M e T consideram que por condomínio fechado, é possibilitado a elas liberdade de deslocamento na moradia, pois há seguridade na área aberta e coletiva.

Aix e C concordam que este tipo de moradia profere reconhecimento por parte de seus habitantes de que há uma separação entre o espaço particular e o coletivo, com um estatuto condonial que organiza o morar e o direciona a suprir o bem comum de seus integrantes. Defendem que normas e leis são fatores de proteção à boa convivência entre condôminos e à constituição do local como espaço de confiança para seus moradores.

B e T significam o condomínio a partir do que este representa para o desenvolvimento dos filhos, o quanto o espaço possibilita um brincar e uma interação social seguros. Permite a elas permanecerem mais tempo no residencial, evita se deslocarem pela cidade a procura de atividades sociais para eles.

M e C apostaram em vivenciar a aposentadoria neste condomínio, o qual lhes tem propiciado, por meio da constante convivência física, a ampliação de suas redes de apoio representadas pelos vizinhos e funcionários do local. Sentem-se acolhidas e acalmadas por dividirem a responsabilidade da segurança de uma moradia com outros integrantes deste espaço. Um compartilhamento de preocupação que as permitem estar menos alarmadas para o contexto local, o que reforça o bem-estar e a satisfação pelo local. O ambiente de condomínio tem sido fator de proteção ao cuidado de M com a mãe, com a aproximação física, outras pessoas tomam conhecimento do que vivencia com a genitora, são sensibilizadas e se aproximam de M para oferecer ajuda, apoio, saber como ela está. Uma situação de doença terminal na família se mostra sensibilizadora do entorno social desta, promove alteridade, compaixão e gentilezas.

Nota-se na população do condomínio fechado, plurilinguagens na maneira como formam e dirigem os vínculos com o ambiente. Uma heterogeneidade capaz de potencializar a ideia de unidade que integra desejos e anseios por um morar onde haja proteção, dignidade e qualidade de vida. Bowlby (1982, 1984, 1989) e Minuchin (1990) defendem que a organização social por meio de grupos possibilita a sobrevida do indivíduo, diante de uma potencial ameaça do predador e o seu empoderamento. O condomínio, como sistema composto pela incorporação de subsistemas, tonifica a capacidade de protetividade do espaço e daqueles que o compõem.

O condomínio relata um projeto de vida orientado pela percepção de segurança. Lembrando que: "Nenhuma comunidade civilizada tem muralhas em seu redor para isolar-se completamente de uma maior, quaisquer que sejam as 'cortinas de ferro' que governantes de uma ou outra nação possam estabelecer" (MACIVER; PAGE, 1973, p. 123).

6.2.13 Vínculos com a cidade

Bordeaux não está habituada a frequentar espaços públicos de lazer e cultura ao ar livre, como praças e parques, o marido é quem leva os filhos a um parque público

para andarem de patins e bicicleta. A preferência dela está por locais privados, fechados e monitorados por segurança eletrônica e humana, como teatros, restaurantes e cinema. Apesar de ter o convênio de saúde do marido, ela prefere realizar consultas e acompanhamentos na Unidade Básica Saúde referente ao seu endereço, pois além de ser perto de onde mora, gosta do atendimento e confia no trabalho dessa equipe. Assim, o bom relacionamento dela como usuária com a saúde pública local é um fator de proteção ao laço construído com o bairro, sendo este serviço uma ligação de confiança que funciona como rede de apoio e tutora de resiliência (RUTTER, 1987) nela. Em contratempo, é insatisfeita com a educação pública da região devido esta não oferecer uma frequência de aulas adequadas aos seus filhos, para tanto os matriculou numa escola particular como maneira de garantir a segurança no ensino e aprendizagem deles, mais uma vez uma intervenção privada a algo público que foi falho ao oferecer seguridade à família dela. Ademais, ela entende como uma ligação importante da família à cidade, o trabalho do marido, Maciver e Page (1973) chamaram atenção para a função econômica da grande comunidade a seus habitantes.

Toulouse não confia na segurança pública da cidade, mas sim na segurança privada do condomínio. A vida social da família acontece dentro do residencial, sem o hábito de frequentar praças, parques, museus e teatros. Ela e os filhos desconhecem a cidade, apenas têm contato com as redondezas dali. O fato de ela estar sem emprego pode ser um entrave a sua interação com a cidade, pagamento de deslocamento dela e dos filhos, afinal todos eles dependem de transporte público. Esta falta de contato prejudica o desenvolvimento de afeto pelo o contexto urbano fora do círculo social e geográfico de onde vive; sem conhecer torna-se difícil uma relação de cuidado e apreço.

Carcassonne se importa com interações sociais de cuidado e gentileza num ambiente para poder se sentir segura ao ocupá-lo. É cautelosa e desconfiada na relação com a cidade, incluindo os habitantes e os espaços externos ao condomínio. Tem medo de ser assaltada ao transitar pelas ruas do bairro ou na saída do Shopping, pois soube de um taxista que há bandidos que circulam neste local para observar as pessoas e assaltá-las do lado de fora. A discrição e alteridade na maneira como dirige seus contatos sociais permite com que esteja preocupada com a opinião do outro em relação às atitudes dela e que se incomode muito quando se sente invadida e desrespeitada por este. Entende as ações como falar alto ao celular no ônibus, dormir

pelas calçadas do centro da cidade e pedir esmola na porta de hospital como um mal uso dos equipamentos públicos e coletivos e como uma agressão psicológica a ela, pois se deparar com isso suscita nela intenso constrangimento emocional, uma espécie de náusea psíquica em que o mal-estar se torna o produto da percepção de descuidado na relação mútua entre cidadão e cidade. Para se esquivar disso, tem abdicado do hábito de visitar o filho no trabalho e almoçar com ele, pois está na região central da cidade. Nota-se que ela está concentrada nas características urbanas que a assustaram e desconhece outros aspectos, uma vez que na área central é onde localiza as principais ofertas de lazer, cultura e arte dessa metrópole. O medo e a sensação de insegurança provocaram nela o estranhamento e a evitação do contexto urbano, dando alusão ao que Jacobs (1961) chamou de a morte da grande cidade ao refrear a movimentação de pessoas, o que torna as ruas perigosas. Em compensação, tem uma ligação de confiança com o serviço público de saúde, apresenta uma interação de respeito e contentamento com o hospital público onde faz um tratamento semanal. Isto posto, esse relato evidencia o que Santos (2008) defendeu sobre a eficácia do funcionamento dos serviços públicos oferecidos ao cidadão ser um fator de proteção às interações sociais e espaciais no ambiente urbano. Além de que a própria cidade se apresenta como rede de apoio que desenvolve resiliência (RUTTER, 1987) no habitante, sendo, portanto, uma base segura (BOWLBY, 1989) ao desenvolvimento da população.

Marseille concentrou seu vínculo com a cidade na morada anterior, a qual é sua referência de espaço seguro, atrativo e motivador da interação do morador com o contexto urbano. O laço afetivo dela se direciona ao ambiente de seu antigo bairro, ao considerar as ruas, o comércio, a movimentação de pessoas a principal ligação de confiança com o lugar. Jacobs (2011) ressaltou que o comércio é um fator importante para a segurança da rua, pois a presença de pessoas atrai outras pessoas, entre uma rua movimentada e outra deserta, a escolha será sempre pela movimentada que consequentemente será a mais segura. O fato de na localidade deste condomínio predominar uma ocupação residencial em puramente condomínio, faz das ruas perigosas e desinteressantes às pessoas. Logo, todo o vínculo de M com o contexto urbano se concentra no contexto da morada anterior. Apesar de ter convênio, ela e a mãe utilizam o serviço da Unidade Básica de Saúde local, a qual tem sido um importante vínculo delas com o próprio espaço público da cidade e quanto este contato tem sido fator de proteção ao processo de enfrentamento da DA da genitora. As

demandas da doença da mãe sustentam os principais motivos pelos quais ela saiu do condomínio, vai ao supermercado, farmácia, hospital, pois até os artigos de decoração que utiliza para produzir os enfeites da casa, ela os compra pela internet, com entrega à domicílio.

Aix-en-Provence percebe a cidade como o local de formação de sua família e de desenvolvimento do trabalho dela e do marido, o que retoma mais uma vez a consideração do vínculo a partir da função econômica do lugar. Ao contrário do que sentia na cidade anterior, o ambiente desta atual, caracterizado pela estética, paisagem e pela qualidade da interação social das pessoas, não tem a motivado a estar em contato o ambiente fora ao seu residencial. Acha a cidade feia e as pessoas desinteressadas em seu vincular. As propostas de lazer, cultura e arte chamam sua atenção, porém ela opta por aquelas em que locais fechados, com monitoramento da segurança, como museus, teatros, e exposições em galerias e cinema dentro do *shopping*.

Portanto, integrando as narrativas das participantes ao tema "vínculos com a cidade", notou-se que todas trouxeram uma noção de cidade como o espaço da violência, do perigo e da insegurança, o que tem induzido vínculo evitativo entre elas e esse contexto. Elas não têm o hábito de visitar locais públicos ao ar- livre, aquelas que buscam por divertimento e distração fora do condomínio se direcionam a locais fechados, tanto os públicos como os privados, em que há controle de acesso e segurança reforçada. A maioria apresenta um laço de confiança com a saúde pública local, por outro lado lamentam as falhas na segurança pública.

B e Aix mantêm vida social fora do condomínio, porém direcionada a espaços fechados, com maior controle da segurança. Já M, T e C não têm o hábito da interação com a cidade, elas estão mais centradas no apartamento e no condomínio.

B, M e Aix se queixaram da criminalização na cidade; C tem se assustado com a condição de vida de usuários de drogas que vivem nas ruas. I e a drogadição nas ruas. O estranhamento, o medo, a insegurança reproduzem-se em um mal-estar e uma aversão às ruas.

T, C e Aix apontaram a necessidade de uma relação sustentável e empática entre cidadão e cidade. A fragilidade da infraestrutura desta, como a insegurança viária e a falta de áreas verdes, desativam o interesse delas por se deslocar, explorar e aproveitar o ambiente externo a sua moradia. Entendem essas falhas como um fator

de risco a sua satisfação e ao seu bem-estar; assim, a cidade perde a representatividade de lugar seguro ao seu cidadão,

O espaço urbano pode ser pensado como local onde há a maior concentração de vida pública, da desigualdade social e da disparidade no acesso a direitos civis pela população. É onde se produz tipos de medo e inseguranças com forte potencial de comprometimento da saúde mental das pessoas. A amplitude do medo dos espaços públicos abertos produz o que Simmel (2005) chamou de contatos sociais nervosos e desconfiados, visto na maneira como as pessoas andam pelas ruas agarradas às suas bolsas e pastas, ficam tensas quando paradas por um desconhecido que as pede informação, algumas ignoram o pedido e seguem como se estivessem fugindo do risco do perigo. A cultura do medo se desvela como fator de risco a sociabilidade e a cidadania, dispara atitudes de segregação de espaço e afronta a democratização do uso da própria cidade.

A insegurança tem ditado a organização das relações sociais, sobretudo nos grandes centros urbanos. Bauman (2009) chamou atenção para o fato de que a mixofobia é um aspecto típico da vida na cidade contemporânea, a qual apresenta característica multiforme e plurilingüística cultural; essa reação favorece as tendências segregacionistas, as quais são vistas como solução para o perigo representado pelo estrangeiro. Isso foi evidenciado no movimento de não aproximação das participantes do entorno social e geográfico de onde viviam após experimentarem a sensação de estranhamento e de construírem uma noção que estabelece uma diferenciação entre morar dentro e fora de condomínio naquela região.

O esvaziamento das vias públicas desfavorece a caminhabilidade

¹ e a interação com o contexto citadino, sobretudo com o bairro. A falta de conhecimento gera a perda de interesse, tolhe o desenvolvimento do afeto, abre espaço para fantasias sobre os riscos presentes e sobre os métodos de segurança incompatíveis e ativa o estado de alarme dos moradores. As ruas sem pessoas ficam vulneráveis à criminalização, aumentando o enjeitamento delas pelas pessoas. Forma-se um vínculo de insatisfação e aversão ao que está fora do controle da segurança do espaço, por esse motivo, as participantes se mostraram mais satisfeitas e conectadas ao residencial do que com o bairro ou a cidade.

Portanto, a saúde mental da cidade, pensada na perspectiva da Psicologia Clínica, é considerada um problema emergencial de segurança e saúde públicas, de desenvolvimento social e econômico, setores dos quais se espera a função de base segura (BOWLBY, 1989) à sociedade civil, com oferta de acolhimento, segurança, qualidade de vida e bem-estar, além da conscientização sobre direitos e responsabilidades no uso do espaço urbano. Ao se perceber incluída no ambiente, seja este urbano ou rural, há maior probabilidade de que a pessoa por confiar, possa também se identificar e se apropriar desse espaço, com isso, devolve-se o desejo de cuidar e de permanência ali. Ressalta-se que um cuidador nasce no próprio ato de cuidar e ao direcionar isso à cidade que reside encena-se um papel de cultivador do próprio contexto.

6.2.14 Mudanças ocorridas com o morador no tempo de condomínio

Bordeaux relatou que os moradores mudaram mais que as próprias moradas. Estes chegavam impacientes, pensavam somente em si mesmo, desacreditaram na melhoria do local e desafiavam o trabalho dela, até que ela ganhou a credibilidade deles ao mostrar que seria possível melhorar o local. Nota-se que ela se referiu à experiência da moradia como um catalizador de mudanças nas crenças do próprio proprietário, o que retoma ao que Rabinovich (1994, 1997) relatou sobre o morar produzir redes de significações que traduzem o desenvolvimento do habitante; significados estes que são transformados com o transcorrer do tempo pelo próprio

¹ O conceito de caminhabilidade — proveniente do inglês *walkability* — trata deste tema, ao definir atributos, no ambiente construído, convidativos ao caminhar, tais como acessibilidade, conforto ambiental, atratividade de usos e permeabilidade do tecido urbano, dentre outros. Essas características influenciam a predisposição das pessoas a caminharem (ANDRADE; LINKE, 2017).

processo de morar. Ao falar sobre si mesma, Bordeaux identificou que se tornou mais fria sentimentalmente, aspecto este que pode estar relacionado ao luto antecipatório (RANDO, 2000) vivenciado pela DA da mãe, à crise conjugal e aos problemas no trabalho. Vale frisar que B trouxe no trabalho, na família e na relação com a mãe referências de apoio e motivação a ela, assim com estas três relações abaladas, há uma ruptura na base segura (BOWLBY, 1989) de seu cotidiano, ela então se percebe desprotegida e se recolhe afetivamente. no caso do luto antecipatório vale retomar ao que Clukey (2008) disse sobre este envolver transições emocionais e cognitivas como resposta para adaptação a uma realidade em que há uma perda prevista, aspecto este evidenciado em B.

Toulouse relatou as mudanças nos espaços mais utilizados pelos filhos, o playground e a quadra esportiva, o que mostra o quanto o acolhimento do lugar aos filhos é o que mais importa a ela do ambiente. Então, as benfeitorias na área de lazer para melhoramento desta representam investimento no bem-estar e na satisfação dos filhos dela, um fator de proteção à sua ligação com o espaço, o que retoma as considerações de Rabinovich (1994, 1997) sobre a experiência da moradia atuar no desenvolvimento daqueles que a integram. Já ao falar sobre si, considerou que nada mudou nela, que continua a mesma.

Carcassonne assinalou as mudanças no jardim, visto como maior e mais bonito. Em relação a vida pessoal, a saída da filha de sua casa para se casar foi a perda mais brusca que teve naquele espaço, quando veio à tona a sensação de solidão e quando também se disponibilizou à socialização com alguns moradores, até porque passou a precisar mais de apoio social dali pela falta de familiar por perto.

Marseille ao se descrever com uma vida cigana ressaltou o quanto as mudanças e o não enraizamento estão presentes em seu modelo de crenças. Ao falar sobre si, ela percebe a sua velhice e o desenvolvimento da DA da genitora como os pilares das mudanças ocorridas tanto na moradia como consigo mesma, o que mais uma vez retoma ao que Rabinovich (1994, 1997) ressalta sobre a recursividade entre a experiência da moradia, o desenvolvimento humano e o ciclo da vida. As perdas e os sofrimentos diante do enfrentamento da doença da mãe oportunizaram para várias aprendizagens, como a conscientização de ser melhor para si mesma, afinal M teve seu mundo presumido (PARKES, 2009) reestruturado, uma vez que projetos foram postergados, algumasseguranças se tornaram inseguranças, o que evidencia a flexibilidade no significado do vínculo, como frisou Bowlby (1984).

Aix-en-Provence identificou melhorias na área de lazer e entretenimento, as reformas do Playground, da quadra, a ampliação do jardim, por outro lado os edifícios permaneceram do mesmo jeito. Demonstrou estar orgulhosa pela melhoria do espaço ao atribuí-la às ações do corpo diretivo do qual faz parte. Ao identificar progresso no ambiente a partir da atuação dela no mesmo, é intensificado sua ligação com este, se apresenta responsabilizada e motivada a cuidar dali. Sobre si, sente-se menos emotiva, sofria e chorava mais antes do que atualmente, conseguiu manter um distanciamento afetivo maior com as pessoas de seu entorno até para poupar a privacidade da família. Enfim, as noções e necessidades de privacidade, segurança e liberdade dela foram transformadas pelo encontro entre a experiência com a moradia e o desenvolvimento de seu projeto familiar, o que refletiu em mudanças de crenças e atitudes diante do condomínio.

Isto posto, integrando as narrativas das participantes ao tema "Mudanças ocorridas no tempo de condomínio", estas assinalaram melhoramento na paisagem do local, tanto o jardim como a área de lazer foram expandidos e aperfeiçoados. Na experiência da moradia houve situações de perdas e frustrações de expectativas as quais proporcionaram uma transformação nos valores, crenças, sentimentos e atitudes das participantes tanto em relação a elas mesmas, como a família e as ambiências em que inscreveram seu projeto de vida.

B e Aix apresentam um senso de autoeficácia e autoafirmação visto em como reconhecem a atuação delas no beneficiamento do espaço. Há um intenso sentimento de propriedade o qual estimula seu sentimento de pertencimento (TUAN, 1983/ 1977), intensifica a ligação de confiança com o ambiente. Elas têm decepções, receios e medos, porém o desenvolvimento do condomínio transparece a eficácia do trabalho delas, o que as conecta fortemente a este. Ambas reconhecem que se tornaram menos emotivas e mais preocupadas com sua privacidade, um aspecto ligado ao desenvolvimento da família.

C e M tem a experiência da velhice ligada a esta moradia, a maneira de perceberem a elas mesmas e ao mundo é influenciada por essa fase da vida, além de todas alterações dentro do próprio sistema familiar, incluindo filhos netos e no caso de M, a mãe. Chegaram no condomínio reservadas, C se soltou mais no início, depois se retraiu devido as intrigas entre vizinhos, porém com o decorrer do morar, elas se permitiram a confiar no ambiente do condomínio, fizeram vínculos de apoio

fundamentais para estar com elas, já que não têm parentes por ali. Aprenderam se socializar sem a intimidade, tendo por respeitado a privacidade.

As mudanças percebidas pelas participantes tanto consigo como com o local são expressas na combinação entre o significado do lugar, as transformações na vida pessoal do morador, que envolve família, trabalho e saúde, e no contexto socioambiental de onde moram. A partir destas narrativas, comprehende-se o que defendeu Bassani (2004, 2009, 2011) sobre o processo de inter-relação entre pessoa e ambiente ter uma dimensão espaço-tempo e contexto numa perspectiva de correspondência e reciprocidade.

Notou-se que estes 14 temas discutidos e analisados se conectaram na maneira como se instalaram na vinculação das participantes com a moradia e, assim, foram significados. Houve uma atuação ativa e recíproca dos temas, marcada tanto pela correspondências de significados entre temas como entre participantes que compartilham um ambiente em comum. A decisão de compra e a mudança para o local foram influenciadas pelo contexto familiar e pela vida do morador antes de estar ali; redes de apoio se ligaram ao sentido de segurança construído para dentro do condomínio e à identificação do morador com este ambiente, e participou do sentir-se em casa. Neste processo de interação e co-construção seguiram os outros temas, o que implica contínua negociação entre eles.

Os significados dos temas narraram a qualidade do vínculo do morador com o ambiente de moradia e, com isso, foi mostrado quando e como este lugar exerce a função de base segura para a pessoa. O condomínio se apresentou como um ambiente seguro para todas as participantes. O equipamento físico e social de segurança deste promove uma sensação de protetividade diante das ofensas e dos riscos temidos no contexto fora do residencial, pois é capaz de ocasionar tranquilidade, relaxamento e sociabilidade, sem intimidade, mas com preocupação e cuidado entre os residentes.

A morte violenta apareceu como o principal medo das participantes, seja por consequência de assalto, bala perdida no trânsito ou atropelamento. Estes temores se direcionaram ao vínculo com as ruas, ou seja, com a cidade, ao que está além do entre muros e que foge do controle do sistema de vigilância vinte quatro horas da moradia. À vista disso, a sensação de segurança se apresentou favorável à formação

de base segura no ambiente, e um ambiente seguro é um fator de proteção à saúde mental no contexto urbano e tutor de resiliência.

Mattos (2002) trouxe a ideia de condomínio fechado como um fenômeno pós-globalização. Contudo este estudo foi além disso, pensou esse espaço como um tipo de organização socioespacial de moradia presente desde outros contextos sócio-históricos, uma vez que retrata moradias rodeadas por muros e cercas, inclusive algumas cidades foram contornadas por barreiras de pedras como defesa de ataques externos e guerras. Desta maneira, a organização do morar possui um significado que perpassa outros tempos, até mesmo descrevendo outras espécies vivas, além da humana, indicando respostas de enfretamento do indivíduo às adversidades do local que habita.

A moradia em condomínio fechado se converte em um tipo de organização do morar, que ocorre em países de distintos continentes, o europeu, o sul-americano, dentre outros; uma possível resposta aos sofrimentos urbanos oriundos da criminalização. Apresenta um projeto de segurança que ora se cumpre, ora fracassa, afinal alguns tipos de violências de natureza física ou psicológica podem envolver privação ou negligência. Há desentendimentos, conflitos e crises nas relações constituídas entre os integrantes do espaço, porém nem sempre se direcionam à vizinhança, mas ao ambiente doméstico.

No condomínio fechado, há uma subjetividade coletiva formada a partir da aproximação de subjetividades singulares, que se interagem e organizam e se orientam por um estatuto de regras e normas de convivência. O projeto de vida individual de cada morador é relido pelos aspectos físicos, sociais, culturais e psicológicos do local, o que viabiliza uma vida comum à plurilinguagens de vivências. Pensando a partir de Tronick et al (1992), trata-se de um espaço pessoal coletivo ou um sentido de self que incorpora outras pessoas.

Muitos condomínios são lugares isolados que geograficamente se situam dentro da cidade, porém, social e idealmente, estão fora dela. Alguns moradores verdadeiramente se conhecem, ao passo que outros apenas reconhecem um vizinho pelo semblante familiar. Trata-se de uma vigilância sem pausa, pois está vinte quatro horas por dia sob as lentes de câmeras e sob os olhares de profissionais de guarda. Um espaço que se empodera por ser controlado, o que diminui ocorrências de surpresas e desagrados aos seus integrantes.

Na experiência de morar em condomínio pode haver a simbologia de um cuidado para com seu integrante que está além daquele de abrigar, este engloba o cuidar, o preservar, sendo um anunciente de segurança plena e um salva-vidas de um morar ameaçado por um estranho situado fora dali. Além de que assim como a família, a moradia pode ser a referência social, além de geográfica, de alguém e ancorar o processo contínuo de construção da subjetividade

O muro psicológico se apresenta como o principal mecanismo de segregação, mais do que as barreiras de concreto e ferro do ambiente. Esse obstáculo representa uma resposta subjetiva às experiências desagradáveis indutoras de intensa angústia, tristeza e insegurança, sendo um entrave à socialização da pessoa com seu entorno. Neste estudo, o muro psicológico apareceu nas participantes diante das situações, como conflitos familiar, laboral, existencial, social direcionado à vizinhança no condomínio ou no bairro, presença de doença neurodegenerativa na família, enfim, perdas e decepções que têm como resposta um processo de luto. Assim, a dificuldade externa pode estar no microambiente e não no macro, então isto interferir na inter-relação da pessoa com este. A falta de um porto seguro na família pode ocasionar desconfianças, persecutoriedades, medos e receios no ambiente externo ao familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender e não provar. Foi aceita a proposta de Santos (1999) de ruptura da ruptura. Um rompimento com o senso comum e com a objetividade, procurando, como ensinou Bourdieu (1998), compreender o conflito sem banalizá-lo e nem tampouco rotulá-lo. Conectou-se a outras áreas do conhecimento como as ciências sociais, a arquitetura e o urbanismo, a geografia humana e a biologia, na busca de construir a ciência como produto do trânsito de conhecimentos variados e dialogáveis, o que situa o saber na contemporaneidade.

Em relação ao objetivo geral deste estudo, que foi compreender o significado atribuído aos vínculos de moradores de um condomínio vertical fechado com seu ambiente de moradia, entendeu-se que:

- pela perspectiva da Psicologia Clínica pensada nesta tese, o ambiente de moradia foi analisado na construção da subjetividade do habitante, a qual se reedifica a partir do avanço do ciclo vital e das experiências específicas de cada fase desse ciclo; estas apareceram influenciadas pelo contexto sociocultural, pelo espírito do lugar, pela saúde mental das pessoas e pela receptividade ambiental da cidade, considerando a protetividade das vias e espaços e a estética desta.

Em relação aos objetivos específicos, que tiveram o propósito de compreender aspectos pontuais da experiência em questão, entendeu-se que:

- a) A experiência do morar foi relatada nas representações e interpretações de família, moradia, vizinhança, rede de apoio, coletividade, privacidade, liberdade, segurança, violência urbana e medo. Os significados atribuídos ao vínculo com a moradia entreteceram com o desenvolvimento dos conceitos de apego humano e apego ao lugar.

O apego ao lugar e os princípios constituintes dessa vinculação mostraram como o indivíduo atribui significados às experiências nos ambientes, por meio de narrativas compostas por signos e significados, que se conectam e, juntos, dão um contorno subjetivo à interação pessoa e ambiente. No caso deste condomínio, a pessoa se revelou conectada a subsistemas de convivência diversos, os quais atuam na leitura e interpretação dos laços formados neste

lugar. Destacaram-se como subsistemas: a família dentro e fora do residencial, o trabalho, as amizades e a religião, dentre outras.

- b) Foram identificados e analisados tanto fatores de risco como de proteção que atuaram na formação de vínculo do morador à moradia, sendo a significação destes um processo singular a cada um e sendo que esta se conecta à construção do mundo presumido e de resiliência. Então, quando predomina os de proteção, o lugar opera como base segura daquele que o ocupa. Dentre os fatores de proteção ao vínculo da pessoa com a moradia, destacaram-se a sensação de segurança e a socialização e, dentre os fatores de risco, a fragilidade na saúde mental e a cultura do medo.
- c) O lugar de moradia, ao ser base segura para a pessoa, fortalece a resiliência desta, uma vez que a protege dos perigos possíveis do lado de fora dos muros; viabiliza a interação social e a constituição de redes de apoio; promove a tranquilidade, o bem-estar, o empoderamento e conscientização.

Esta pesquisa levantou questões a serem refletidas pela Psicologia Clínica sobre a formação, a transformação e o rompimento de vínculos, as quais serão aprofundadas em estudos posteriores, como a noção de sustentável aplicada às inter-relações humanas. Isto seguiria direção contrária àquela em que ocorrem as relações líquidas, discutidas por Bauman (2001). Os vínculos sustentáveis seriam conexões sociais e psicológicas, com menos colisões de valores, crenças e expectativas e mais empatia; constituiriam contatos experienciados de uma maneira que possibilita serem reaccessados em contextos posteriores, tanto pela mesma pessoa, como por outras; sobressairia de fatores de proteção, em vez dos de riscos; seria uma noção de vínculo seguro permanente, lembrando-se que nem todos os vínculos são integralmente seguros; seria não se entregar a medos e receios desnecessários; seria viver sem barreiras atitudinais; relacionar-se com alteridade, inclusividade, interesse e compromisso ambiental, educação cívica, sensibilidade cultural; ter senso de coletividade, autopreservação e autoafirmação. Enfim, essas são características de uma sociabilidade sustentável, a qual pode promover redes de apoio, resiliência e saúde mental nas pessoas.

Outra questão que surgiu ao longo desta pesquisa foi: que significa não se vincular? Com base neste estudo, notou-se que o evitamento ou o afastamento de um objeto, seja este uma pessoa, um lugar, uma lembrança material ou simbólica, se

apresenta como a localização da pessoa diante do vínculo, pois o pensamento em algo já é uma maneira de conexão a este. Neste sentido, a ideia de não vínculo não há, até porque o indivíduo tem no outro a referência de seus valores, suas crenças, atitudes, sentimentos e expectativas. O ser humano é um ser de vínculos, conforme defendeu Minuchin (1990). A sobrevivência do ser humano dependente da existência de um outro.

Esta pesquisa foi convidativa à Psicologia Clínica situada, num Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu), no qual se trabalha formação, transformação e rompimento de vínculo, a considerar o ambiente de moradia em suas narrativas científicas, uma vez que trouxe a compreensão de vínculo com o lugar. Buscou-se um diálogo da teoria do apego com outros saberes científicos vindos do urbanismo, da sociologia, da geografia humana; fez comunicabilidade entre áreas da própria Psicologia, a Clínica, a Social e a Ambiental. Enfim, foi aceita a proposta da transdisciplinaridade na construção de pesquisas e na produção de conhecimento, o qual é confiável e revisável ao contexto *social, histórico e cultural*.

Este estudo trouxe vínculos invisíveis para o mapa da Psicologia, onde se pensava não haver vínculo, na moradia em condomínio fechado: há vínculos que se estruturam e funcionam conforme a intensidade da intimidade e da sensação de segurança produzidas pelo convívio entre os moradores. Embaraços sociais como não saber o nome do vizinho, mas saber que este é dali, não produz a confiança para se trocar afetos e particularidades, mas a possibilidade de apoio em situações emergenciais. Assim, a diferença entre o tão longe e o tão perto numa inter-relação socioambiental é marcada pela confiança e pela necessidade do outro. A confiança e a sensação de segurança ocorrem mesmo na ausência da intimidade, sendo estas necessidades constituintes da existência da pessoa. Todos precisam ter em que confiar, seja uma pessoa, uma função social, familiar ou institucional, um local, um contrato, um registro material ou simbólico.

Em síntese, a história das pessoas em diferentes contextos mostrou-se permeada por lugares, onde o "eu" esteve em inter-relação com um mundo fundamentado na gramática da sociabilidade, dos afetos e da vinculação. Afinal, como Bauman (2009) bem lembrou, a experiência humana se dá nos lugares.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. **Patterns of attachment:** A psychological study of the strange situation. Hillsdale: Erlbaum, 1978.

ANDRADE, V.; LINKE, C. C. **Cidade de pedestres.** Rio de Janeiro: Babilônia Cultural Editorial, 2017. Disponível em: <http://www.labmob.prourb.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2016/06/Cidades-de-Pedestres_miolo-degustacao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BALDIN, N; MUNHOZ, E. E. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO EDUCERE, X, Curitiba, 7-10 nov. 2011. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

BASSANI, M. A. Espiritualidade e meio ambiente: apontamentos de uma psicóloga ambiental. In: LOPEZ, M. A.; BASSANI, M. A. (Orgs.). **O espaço sagrado:** espiritualidade e meio ambiente. Santo André, SP: ESETec; Editores Associados, 2009.

_____. Psicologia Ambiental: contribuições para a educação ambiental. In: HAMMES, Valéria S. (Org.). **Educação ambiental para o desenvolvimento sustentável:** proposta metodológica de macroeducação. V. 2. São Paulo: 2004. p. 153-157.

BASSANI, M. A. (Org.). **Vida urbana:** estudos em Psicologia Ambiental. Santo André, SP: ESETec; Editores Associados, 2011.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAXTER, P.; JACK, S. Qualitative Case Study Methodology: Study design and implementation for novice researchers. **The Qualitative Report**, Vol. 13, No. 4, Dec. 2008.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BORGES, D. Vitimização e sentimento de insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto. **Mediações**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-163, jan./jun. 2013. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/16452>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

BOWLBY, J. A natureza do vínculo. In: BOWLBY, J. **Apego e perda**. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1984a.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982 (ed. original, 1979).

_____. Separação, angústia e raiva. In: BOWLBY, J. **Apego e perda**. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1984b (ed. original, 1973).

_____. Tristeza e depressão. In: BOWLBY, J. **Apego e perda**. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1985 (ed. original, 1980).

_____. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. **Lei nº 4.591, de 16 de dezembro de 1964**. Dispõe sobre o condomínio em edificações e as incorporações imobiliárias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4591.htm>. Acesso em: 6 jun. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/cultura_paz_saude_prevencao_violencia>. Acesso em: 25 mai. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. **Manual instrutivo da Rede de Atenção às Urgências e Emergências no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Saúde Brasil 2014**: uma análise da situação de saúde e das causas externas. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2014_analise_situacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Bristol, University of West of England, Vol. 3, No. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://eprints.uwe.ac.uk/11735/2/thematic_analysis_revised>. Acessado em: 24 set. 2017.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARDINALLI, I. E. **Transtorno de estresse pós-traumático: um estudo fenomenológico- existencial da violência urbana.** 2011. 146p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15033/1/Ida%20Elizabeth%20Cardinalli.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CARVALHO, C. C. **O processo de luto e as estratégias de enfrentamento da família com membros com deficiência física.** 2013. 105p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15294/1/Cecilia%20Cortes%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2017.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo:** desconstruindo a psicopatologia. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000.

_____. Prefácio. In: CERVENY, C. M. O. (Org.). **Manual de longevidade:** guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Curitiba: Juruá, 2015.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e ciclo vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHAUI, M. Sobre o medo. In: NOVAES, A. (Org.). **Sentidos da paixão.** São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

CHOW, K.; HEALEY, M. Place attachment and place identity: First-year undergraduates making the transition from home to university. **Journal of Environmental Psychology**, No. 28, Issue 4, p. 362-372, Dec. 2008. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494408000236>>. Acesso em: 2 dez. 2014.

CLUKEY, L. Anticipatory mourning: processes of expected loss in palliative care. **International Journal of Palliative Nursing**, Vol. 14, Issue 7, p. 316-325, 2008.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. Trad., Sandra Mallmann da Rosa; rev. téc., Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CYRULNIK, B. **Resiliência:** essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

DASSOPOULOS, A.; MONNAT, S. M. Do perceptions of social cohesion, social support, and social control mediate the effects of local community participation on neighborhood satisfaction? **Environment and Behavior**, Vol. 43, Issue 4, p. 546-565, 2011. Disponível em:

<<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013916510366821>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEZ ROUX, A. V.; MAIR, C. Neighbourhoods and health. **Annals of the New York Academy of Sciences**, Issue 1186, p. 125-145, 2010 (The Biology of Disadvantage: Socioeconomic Status and Health).

DOKA, K. J. **Disenfranchised grief:** recognizing, hidden, sorrow. New York: Lexington Books, 2002 (ed. orig., 1989).

DOVEY, K. Home and homelessness: Introduction. In: ALTMAN, L.; WERNER, C. M. (Eds.). **Home environments:** Human behavior and environment — Advances in theory and research. Vol. 8. New York: Plenum Press, 1985.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad., Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EZZY, D. **Coding data and interpreting text:** Methods of analysis. London: Routledge, 2002.

FLEURY-BAHI, G.; FÉLONNEAU, M.-L.; MARCHAND, D. Processes of place identification and residential satisfaction. **Environment and Behavior**, Vol. 40, Issue 5, p. 669- 682, 2008. Disponível em: <<http://eab.sagepub.com/content/early/2008/03/11/0013916507307461>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, vol. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FRANCO, M. H. P. A complexidade dos cuidados paliativos e a morte na contemporaneidade. In: KAMERS, M.; MARCON, H. H.; Moretto, M. L. T. (Orgs). **Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde.** São Paulo: Escuta, 2016. p. 313-328.

_____. Cuidados paliativos e vivência de luto. In: BIFULCO, V. A.; CAPONERO, R. (Org.). **Cuidados paliativos.** Barueri, SP: Manole, 2018. p. 225-236.

_____. Ética e bioética, uma visão transdisciplinar. In: ABRALE (Associação Brasileira e Linforma e Leucemia). **Transdisciplinaridade em oncologia:** caminhos para um atendimento integrado. São Paulo: HR Gráfica e Editora, 2009.

- _____. Luto antecipatório em cuidados paliativos. In: FRANCO, M. H. P.; POLIDO, K. K. **Atendimento psicoterapêutico no luto**. São Paulo: Zagodoni, 2014. p. 26-35.
- _____. Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas, SP: Editora Livro Plena, 2002.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1989.
- GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **INTERthesis**, Florianópolis, vol. 6, n. 1, p. 299-325, jan./jul. 2009.
- GIFFORD, R.; SCANNELL, L. R. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 30, Issue 1, p. 1-10, 2010. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409000620>. Acesso em: 7 jun, 2015.
- _____. The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 30, Issue 3, p. 289-297, 2010. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494410000198>. Acesso em: 6 fev. 2015.
- GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004. p. 89-106.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad., Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.
- GÓIS, C. W. L. **Psicologia comunitária**: atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.
- GOITIA, F. C. **Breve história do urbanismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- GUEST, A.; WIERZBICKI, S. Social ties at the neighborhood level: two decades of GSS evidence. **Urban Affairs Review**, Vol. 35, Issue 1, p. 92-111, 1999.
- HALPENNY, E. Examining the relationship of place attachment with pro-environmental intentions. In: 2006 NORTHEASTERN RECREATION RESEARCH SYMPOSIUM, 2006, Bolton Landing, NY. **Proceedings of the 2006 Northeastern Recreation Research Symposium**. Bolton Landing, NY: U.S. Forest Service, Northern Research Station, 2007, p. 63-66.
- HEIMSTRA, N. W. **Psicologia Ambiental**. São Paulo: EPU, 1978.
- HIDALGO, M. C.; HERNANDEZ, B. Place attachment: conceptual and empirical questions. **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 21, Issue 3, p. 273-281,

2001. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027249440190221X>. Acesso em: 22 out. 2017.

HOFELMANN, D. A.; DIEZ-ROUX, A. V.; ANTUNES, J. L. F.; PERES, M. A. Perceived neighbourhood problems: multilevel analysis to evaluate psychometric properties in a Southern adult Brazilian population. **BMC Public Health**, London, Vol. 13, p. 1.085, 2013. Disponível em:
<https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-13-1085>. Acesso em: 15 nov. 2017.

HOFELMANN, D. A. et al. Association of perceived neighborhood problems and census tract income with poor self-rated health in adults: a multilevel approach. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, supl. 1, p. 79-91, nov. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015001300079&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 nov. 2017.

HOGE, E. A.; AUSTIN, E. D.; POLLACK, M. H. Resilience: research evidence and conceptual considerations for post-traumatic stress disorder. **Depress Anxiety**, Vol. 24, p. 139-152, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad., Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 (original, **The death and life of great American cities**, 1961).

KLASS, D.; SILVERMAN, P.; NICKMAN, S. **Continuing bonds: New understandings of grief**. New York: Taylor & Francis, 1996.

KRUG, E. G. et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em:
<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sus-17660>. Acesso em: 26 maio 2016.

LAM, J. N.; GROSSMAN, F. K. Resiliency and adult adaptation in women with and without self-reported histories of childhood sexual abuse. **Journal of Traumatic Stress**, Vol. 10, Issue 2, p. 175-196, Apr. 1997.

LAWRENCE, R. J. **Housing, dwellings and homes**: Design theory, research and practice. New York: John Wiley & Sons, 1987.

LEWICKA, M. Place attachment: How far have we come in the last 40 years? **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 31, Issue 3, p. 207-230, Sept. 2011. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494410000861>. Acesso em: 7 fev. 2015.

_____. What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 30, Issue

1, p. 35-51, March 2010. Disponível em:
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409000449>. Acesso em: 6 fev. 2015.

LIMA, D. M. A.; BOMFIM, Z. A. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e Psicologia Ambiental. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 491-497, out./dez. 2009.

LOPES, L. Sociability and confined identities at condominiums in Barra da Tijuca. 2009. 272p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) — Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:
<http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/LedilsonLopesSantosJunior.pdf>. Acesso em: 6 maio 2016.

MACEDO, R. M. S. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 91, p. 62-68, nov. 1994.

MACEDO, R. M. S. (Org.). **Família e comunidade:** pesquisa em diferentes contextos. Curitiba: Juruá, 2014.

MACIVER, R. M.; PAGE, C. H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 117-131.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P. (Orgs.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-62.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017. Disponível em:
<file:///C:/Users/user/Downloads/Amostragemesaturaoempesquisaqualitativaconsensosecontroversias.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Óbitos por causas externas: São Paulo [2015-1996]. DATASUS, Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/ext10sp.def>. Acesso em: 17 de jul. 2016.

MINUCHIN, S. **Famílias:** funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MOREIRA, K. B. B. **O processo de produção e gestão de segurança patrimonial de edifícios residenciais verticais na cidade de São Paulo**. 2012. 283p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-19022013-145659/pt-br.php>>. Acesso em: 6 maio 2016.

MORGAN, P. Towards a developmental theory of place attachment. ***Journal of Environmental Psychology***, Vol. 30, Issue 1, p. 11-22, March 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494409000486>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. ***Estud. psicol. (Natal)***, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2018.

MOURA, N.; BAHL, M. Planejamento urbano e representações sociais no bairro Capela Velha, Araucária/PR. **R. RAÉGA**, Curitiba, Editora UFPR, n. 19, p. 35-52, 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/14110/11414>>. Acesso em: 13 out. 2014.

NASCIMENTO, Alexsandro Medeiros do; ROAZZI, Antonio. A estrutura da representação social da morte na interface com as religiosidades em equipes multiprofissionais de saúde. ***Psicologia: Reflexão e Crítica***, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 435-443, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1º jan. 2018.

PARKES, C. M. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. Trad., Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009 (original, **Love and Loss: the roots of grief and its complications**, 2006).

PERES, M. F. T.; RUOTTI, C. Violência urbana e saúde. ***Revista USP***, São Paulo, n. 107, p. 65-78, out./nov./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/115114>. Acesso em: 16 nov. 2017.

PESCE, Renata P. et al. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. ***Psicología: Teoria e Pesquisa***, Brasília, v. 20, n. 2, p. 135-143, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 maio 2017.

POL, E. El modelo dual de la apropiación del espacio. In: GARCÍA-MIRA, R.; SABUCEDO, J. M.; ROMAY, J. (Eds.). ***Psicología y medio ambiente***: aspectos psicosociales, educativos y metodológicos. La Coruña: Asociación Galega de Estudios e Investigación Psicosocial-Publiedisa, 2002. p. 123-132. Disponível em: <http://www.academia.edu/8036325/EL_MODELO_DUAL_DE_LA_APROPIACIÓN_DEL_ESPACIO>. Acesso em: 25 maio 2016.

_____. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. (Orgs.). ***Cognición, representación y apropiación del espacio***. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, 1996. p. 45-60.

PROSHANSKY, Harold M. **Apropiación et non apropiación (misappropriation) de l'espace.** [S.I., s.n.], 1976.

RABINOVICH, E. P. A casa como tempo: a bilheira e as três temporalidades. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 2-11, 1997.

_____. Modo de vida de crianças "sem casa" "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. IV, n. I, p. 73-79, 1994.

RABINOVICH, E. P.; OLIVEIRA SILVA, M. E. P. A família como um sistema ecológico: um estudo de caso. In: MACEDO, R. M. S. (Org.). **Família e comunidade**. Curitiba: Juruá Editora, 2014. p. 17-67.

RANDO, T. A. The six dimensions of anticipatory mourning. In: RANDO, T. A. (Org). **Clinical dimensions of anticipatory mourning: Theory and practice in working with the dying, their loved ones, and caregivers**. Champaign: Research Press, 2000. p. 51- 99,

RAYMOND, C. M.; BROWN, G.; WEBER, D. The measurement of place attachment: Personal, community, and environmental connections. **Journal of Environmental Psychology**, Vol. 30, p. 422-434, 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494410000794>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

RELVA, A. P. **O ciclo vital da família**. Porto: Afrontamento, 2000.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatric**, Vol. 57, Issue 3, p. 316-331, Jul. 1987.

SAMPSON, R. J.; MORENOFF, J. D.; GANNON-ROWLEY, T. Assessing "neighborhood effects": social processes and new directions in research. **Annual Review of Sociology**, Vol. 28, p. 443-478, 2002. Disponível em: <<https://scholar.harvard.edu/sampson/publications/assessing-neighborhood-effects-social-processes-and-new-directions-research-0>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

SÁNCHEZ VIDAL, A. **Psicología comunitaria: bases conceptuales y operativas** métodos de intervención. Barcelona: Ppu, 1991.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, S. M. **Importância do contexto social de moradia na autoavaliação de saúde**. 2008. 104f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) — Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/4345/2/312.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2014.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Segurança Pública. **Perfil dos homicídios no estado de São Paulo**. São Paulo: SSP, 2017. Disponível em:

<<http://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/PerfilHomicidio.aspx>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SARASON, S. The perception and conception of a community. In: SARASON, S. **The psychological sense of community:** Prospects for a community psychology. San Francisco: Jossey-Bass, 1974. p. 130-160,

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 ago. 2017.

_____. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983 (Evaristo de Moraes Filho, org.).

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica:** alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUSA, J. E. P. As famílias como projectos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. **Saber (e) Educar**, n. 11, p. 41-47, 2006. Disponível em:
<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/696/1/SeE11juliosousa.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SOUZA, Edinilda Ramos et al. Estudo multicêntrico da mortalidade por homicídios em países da América Latina. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3.183-3.193, dez. 2012. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jul. 2016.

SOUZA, L. A. F. Violência, crime e políticas de segurança pública no Brasil contemporâneo. In: SOUZA, L. A. F. (Org.). **Políticas de segurança pública no estado de São Paulo:** situações e perspectivas a partir das pesquisas do Observatório de Segurança Pública da Unesp. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/7yddh/pdf/souza-9788579830198.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2016.

STROEBE, M.; SCHUT, H. Meaning-making in the dual process model of coping with bereavement. In: NEIMEYER, R. (Org.). **Meaning reconstruction and the experience of loss.** Washington, DC: American Psychological Association, 2001. p. 55-75.

_____. The dual process model of bereavement: rationale and description. **Death Studies**, Vol. 23, Issue 3, p. 197-224, 1999.

TRONICK, E. Z.; MORELLI, G. A.; IVEY, P. K. The efe forager infant and toddler's pattern of social relationships: multiple and simultaneous. **Developmental Psychology**, Vol. 29, Issue 4, p. 568-577, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad., L. de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983 (original, **Space and Place: The Perspective of Experience**, 1977).

WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. **Journal of Nursing Measurement**, Vol. 1, Issue 2, p. 165-178, 1993.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2014:** homicídios e juventude no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Ministério da Justiça, 2014.

_____. **Mapa da violência 2015:** adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Ministério da Justiça, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar.** Rio de Janeiro: ROCA, 2005.

WEISS, L.; OMPAD, D.; GALEA, S.; VLAHOV, D. Defining neighbourhood boundaries for urban health research. **American Journal of Preventive Medicine**, Vol. 32, Issue 6, p. 155-159, 2007. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2467386/pdf/nihms25377.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

WRIGHT, R. J. Health effects of socially toxic neighborhoods: The violence and urban asthma paradigm. **Clinics in Chest Medicine**, Vol. 27, Issue 3, p. 413- 421, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.ccm.2006.04.003>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

XIMENES, L. F. et al. Violência comunitária e transtorno de estresse pós-traumático em crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 443-450, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2014.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Trad., Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1. ROTEIRO DA ENTREVISTA

1) Dados pessoais

- Nome:
- Idade:
- Estado civil:
- Profissão:
- Filhos, idade:
- Religião

2) Informações *a priori* do condomínio

- Como você soube deste condomínio?
- O que você soube dele antes de escolhê-lo para sua moradia?

3) Decisão sobre a moradia

- Para que você decidiu morar neste condomínio?
- Como foi a tomada desta decisão?
- Quem participou com você desta decisão?

4) Relações do residente com sua morada

- O que você percebe como mais bonito deste lugar em que você mora? E como menos bonito?
- Como o condomínio pode fazer você se sentir em casa?
- Como o condomínio pode contribuir na sua moradia?

5) Relações sociais construídas no ambiente de moradia

- Quais atividades sociais oferecidas pelo condomínio?
- Quem são as pessoas, as quais você conhece neste lugar?
- Em quais ocasiões você convive com os outros moradores?
- Como é seu convívio com os moradores das outras torres deste condomínio?

6) Tipos e qualidade do apoio associados pelo residente à sua moradia

- Que tipo de apoio (segurança) você percebe ter ao morar neste condomínio?
- Com quem você pode contar neste condomínio?
- Que tipo de experiência você tem tido morando aqui?

7) Sentido de segurança construída na relação da pessoa com sua morada

- Como você se sente morando neste condomínio?
- Quais são os recursos de segurança deste condomínio?
- O que te deixa mais seguro por morar neste lugar?

8) O significado dos muros do condomínio para seu morador

- Como você se sente ao entrar no seu condomínio?
- Qual a diferença de estar dentro do seu condomínio e ao lado de fora?
- Qual a segurança da sua cidade em relação à segurança do seu condomínio?
- Como você relaciona à segurança da sua cidade com a segurança do seu condomínio?

9) A relação do morador com a cidade

- Qual a sua relação com a sua cidade?
- Como a cidade pode contribuir na sua moradia?

10) O passado e o presente do condomínio – a mudança do significado da moradia no decorrer do tempo

- O que está preservado neste condomínio desde que você está nele?
- O que neste mudou?
- O que mudou em você depois destas mudanças no lugar onde você mora?

APÊNDICE 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Cecilia Côrtes Carvalho, CRP 105883, aluna de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica — Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, perante orientação da Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco.

O objetivo da pesquisa com título provisório "Formação de vínculos com o ambiente de moradia: Apego Humano e Apego ao Lugar" é a partir dos conceitos de apego humano e apego ao lugar compreender os vínculos construídos por moradores com seu ambiente de moradia, no caso um residencial vertical fechado.

A proposta de estudo desta pesquisa é de significativa importância científica, pois ela aborda um tema contemporânea, sobretudo o apego ao lugar, contudo pouco encontrado na literatura científica nacional, seja em periódicos, dissertações ou teses.

Diante disso, venho por meio deste convidar você a ser participante desta pesquisa. A duração prevista da entrevista será de até uma hora, ficando aberta a possibilidade de outra entrevista caso seja necessária, para melhor compreensão dos dados e consequentemente aperfeiçoar o estudo. Serão também realizadas observações ao ambiente do condomínio, como na área de lazer e entretenimento coletivo. Esta será guiada pelo síndico do condomínio ou por algum outro representante do local elegido pelos participantes.

Ao consentir na participação, os participantes serão entrevistados, sendo que todas as entrevistas serão gravadas digitalmente e transcritas para estudo e pesquisa, garantindo-se sigilo, resguardando-se o nome dos participantes, bem como a identificação do local da coleta de dados. Ficando em sigilo também o nome do entrevistado, quando o mesmo indicar outra família moradora da mesma torre para participar da pesquisa.

A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Os procedimentos serão executados conforme as exigências éticas e científicas propostas pela Resolução 466, de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, por meio dessa, fica assegurada a preservação do respeito e a dignidade dos participantes.

Os procedimentos anteriores descritos são de baixo risco. No entanto, observarei eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e, consequente, encaminhamento do participante. Tendo como premissa que a participação é voluntária, os participantes podem se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Esse material será utilizado na tese de doutorado da psicóloga Cecilia Côrtes Carvalho, aluna do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A pesquisadora responsável se compromete a fornecer devolutiva dos resultados e análise para os participantes em dia e horário acordado.

Consentimento Pós-Informado

Eu, _____, portador do R.G
_____ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da tese de doutorado com o título provisório “Formação de vínculos com o ambiente de moradia: Apego Humano e Apego ao Lugar”, inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio (ou vídeo) dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de que o conteúdo será inutilizado ao término do trabalho;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura da participante

Endereço:

Fone:

Pesquisadora Responsável:

Cecilia Côrtes Carvalho

RG: 13622528

Fone: (11) 986499848

Assinatura da pesquisadora

São Paulo, ___ de ____ de 201__.